

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAS, LITERATURAS E CULTURAS



**O PAPEL DA CULTURA E A CULTURA NO PAPEL: UM
OLHAR SOBRE O JORNALISMO CULTURAL PORTUGUÊS
ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL DE LETRAS ARTES
& IDEIAS**

Cátia Sofia Grazina Moreira

Mestrado em Cultura e Comunicação

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**O PAPEL DA CULTURA E A CULTURA NO PAPEL:UM
OLHAR SOBRE O JORNALISMO CULTURAL PORTUGUÊS
ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL DE LETRAS ARTES
& IDEIAS**

Cátia Sofia Grazina Moreira

Tese orientada pelo Prof. Doutor Rodrigo Miguel Correia Furtado, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Cultura e Comunicação.

2015

Índice

Índice de Gráficos	6
Índice de Anexos	7
Lista de Abreviaturas	8
Agradecimentos	9
Resumo	10
Abstract	11
Introdução	12
PARTE I	15
Cultura, Tendência e Jornalismo – a modo de epígrafe	17
Evolução do conceito de Cultura – um (muito) breve panorama	19
Cultura de Massas	21
Jornalismo Cultural	24
Jornalismo Cultural em Portugal	28
Suplementos Culturais	30
Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal	40
PARTE II	55
O Jornal de Letras: enquadramento histórico	57
O Jornal de Letras: tiragem e preços	60
O Jornal de Letras: público	62
O Jornal de Letras: redacção	65
O Jornal de Letras: secções	68
O Jornal de Letras: investimento cultural	75
O Jornal de Letras: estágio	76
PARTE III	91
Suplementos: <i>E</i> , a revista do <i>Expresso</i>	93
Suplementos: <i>Ípsilon</i> , o suplemento do <i>Público</i>	99
Dados comparativos entre publicações	103
Conclusão	109
Bibliografia	113
Páginas Consultadas	116
Anexos	117

Índice de gráficos

Gráfico nº 1: Cultura em destaque na primeira página do <i>Jornal de Notícias</i>	42
Gráfico nº 2: Cultura em destaque na primeira página do <i>Público</i>	43
Gráfico nº 3: Cultura em destaque na primeira página do <i>Expresso</i>	43

Índice de Anexos

Anexo nº 1	119
Anexo nº 2	120
Anexo nº 3	121
Anexo nº 4	122
Anexo nº 5	123
Anexo nº 6	124
Anexo nº 7	125
Anexo nº 8	127
Anexo nº 9	128
Anexo nº 10	131
Anexo nº 11	132
Anexo nº 12	135
Anexo nº 13	136
Anexo nº 14	140
Anexo nº 15	141
Anexo nº 16	142
Anexo nº 17	143
Anexo nº 18	145
Anexo nº 19	146
Anexo nº 20	147
Anexo nº 21	148
Anexo nº 22	149
Anexo nº 23	151
Anexo nº 24	152

Lista de Abreviaturas

APCT: Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação

GL: Gazeta Literária

JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias

BE: Breve Encontro

Agradecimentos

*

Fica aqui, para sempre impresso, o meu agradecimento a todos aqueles que de alguma forma me acompanharam ou ajudaram nesta sinuosa jornada. Aos meus pais e amigas, sempre presentes: em especial à Raquel Sequeira e à Vera Leão. Ao professor Rodrigo Furtado, a quem nunca faltou uma palavra amiga e de confiança. A toda a equipa do *Jornal de Letras*, ao director, José Carlos de Vasconcelos, mas principalmente ao Luís Ricardo Duarte, não só pelos valiosos conselhos mas também pela boa disposição com que sempre me recebeu e acompanhou.

Resumo

O presente trabalho expõe um breve olhar sobre o conceito de jornalismo cultural e as tendências actuais desta editoria, em Portugal. Trata-se de uma dissertação que tem como base o estágio de Mestrado realizado no *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, o único jornal especializado em cultura a circular actualmente em Portugal. As informações iniciais acerca da instituição, da história e da estrutura deste jornal culminam no entendimento que tenho dele enquanto instituição e marco de jornalismo português. A observação e constatação de características que me permitissem justificar a forma como o *JL* difere das restantes publicações, em especial do *Ípsilon* e da revista *E*, constituem o objectivo orientador deste trabalho.

Palavras-chave: jornalismo, cultura, tendência, jornalismo cultural, Jornal de Letras.

Abstract

This work shows a brief look at the concept of the cultural journalism as well as the current tendencies of this editorial in Portugal. It is about an essay which is based on a Masters degree internship held at *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, currently the only newspaper specializing in culture, in Portugal. Therefore, the first information about this institution, of its history and structure, culminate in the understanding I have about it as an institution and landmark of the Portuguese journalism. The observation and realization of the features which allow me to justify the way the *JL* differs from other publications, mainly from the *Ípsilon* and from the magazine *E*, are the guiding aim of this work.

Keywords: journalism; culture; tendencies; cultural journalism; Jornal de Letras.

Introdução

O conceito de cultura insere-se na sociedade como aquilo que diz respeito a tudo o que caracteriza a existência de um grupo social. O homem é um ser predominantemente cultural, os seus comportamentos não são biologicamente determinados e, certamente, a maioria dos seus actos depende de um processo de aprendizagem. É, por isso, importante considerar a diversidade cultural interna da nossa sociedade, para compreendermos melhor o País em que vivemos. A cultura, mas principalmente o jornalismo aliado à cultura, jornalismo cultural, são a epígrafe deste trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Cultura e Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A propósito do estágio de mestrado realizado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, entre o dia 15 de Setembro e 18 de Dezembro de 2014, foi-me incumbida a tarefa de escrever o relatório sobre esse curto, mas totalmente enriquecedor, período de aprendizagem. O objectivo deste trabalho não é o de relatar ou detalhar, como se de um diário se tratasse, as funções que desempenhei naquela redacção. Pelo contrário, é dar a conhecer, da forma mais completa possível, a instituição, as pessoas, a história deste projecto do pós 25 de Abril que vingou, manteve-se firme e chega aos dias de hoje, 34 anos depois, com a mesma força e vitalidade. A par deste desenvolvimento, há ainda conceitos que são explorados neste trabalho e que se relacionam com o *JL*, tendo como principal objectivo fundamentar e esclarecer a posição do mesmo na actual comunidade jornalística portuguesa. Ou seja, pretendo com este trabalho dar a conhecer os objectivos deste jornal, desde a sua fundação e, eventualmente, até aos dias de hoje, bem como compreender de que forma se posiciona, de acordo com as tendências actuais do jornalismo cultural em Portugal.

Importa para isso saber que o presente trabalho está dividido em três partes principais, que se repartem, posteriormente, em capítulos identificados. A divisão das partes foi feita para que se torne mais claro o objecto de estudo em cada uma dessas partes, simplificando o entendimento e a análise.

Para a primeira parte existiu um trabalho de pesquisa relativamente a conceitos importantes a reter para iniciar um trabalho sobre jornalismo cultural: cultura, cultura de massas, jornalismo, tendências, jornalismo cultural em Portugal. Procurei traçar uma evolução gradual de cada um destes temas de um ponto de vista, essencialmente,

nacional. Para esta fase do trabalho necessitei de consultar vários estudos para compreender as principais tendências do jornalismo cultural em Portugal.

A segunda parte do trabalho é inteiramente dedicada ao *Jornal de Letras*. Também nesta parte foi realizado um trabalho de pesquisa e investigação, centrado, principalmente, nas páginas mais antigas desta publicação (*JL*). Esta segunda parte traça um perfil do jornal, desde a sua fundação até aos dias de hoje, fazendo referência desde o enquadramento histórico do início da década de 80, até à composição da redacção e da própria estrutura do jornal, culminando, e por isso fechando essa segunda parte, no capítulo sobre o estágio propriamente dito. No capítulo sobre o *Jornal de Letras* estarão ainda referenciados os trabalhos que realizei durante o estágio devidamente identificados, e que poderão ser consultados nos anexos deste trabalho. De referir que alguns dos trabalhos são anónimos, porque a estrutura do jornal assim o exige e outros estão devidamente assinados por mim.

Na terceira e última parte dediquei-me a um trabalho de investigação comparatista. Tendo como base dois suplementos culturais que integram semanalmente dois dos principais diários do País: *Público* e *Expresso*. Os suplementos que elegi analisar e comparar com o *JL* são o *Ípsilon* e a revista *E*. Optei por estes, em detrimento de outros, por lhes reconhecer características similares com o *JL* no tratamento de questões de natureza cultural. Procurei compreender como cada um desses suplementos se caracteriza e, especialmente a que tipo de editorias se dedica, para que, dessa forma, possa traçar um perfil distintivo ou semelhante com o *JL*.

PARTE I

Cultura, Tendência e o Jornalismo – a modo de epígrafe

Definir o conceito de cultura é tarefa difícil, resultado da própria complexidade do termo ‘cultura’. O conceito de cultura tem naturalmente evoluído ao longo dos anos, ganhando proporções totalmente díspares do conceito clássico que vigorava quase exclusivamente até meados do século XIX. Nessa época, a cultura estava sobretudo ligada ao erudito e às artes superiores: literatura, pintura, escultura. A emergência de uma cultura de massas espoletada, em grande parte, pela Revolução Industrial, viria alargar e redefinir profundamente o conceito de cultura. A esta tarefa, que é a definição do conceito de cultura, acresce dificuldade maior se procurarmos definir o que é jornalismo cultural. Também o conceito de jornalismo tem sofrido mutações consideráveis ao longo dos anos, não apenas como conceito mas também como método de trabalho e investigação.

Os três principais conceitos por onde gostaria de começar são portanto: cultura, jornalismo e tendência. Penso ser importante, antes de avançar para definições mais concretas, conhecer a definição que cada um destes conceitos apresenta no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências*.

Cultura: (do Lat. *Cultura*), processo ou actividade que tem por objecto o ser humano, enquanto ser modificável; património literário, artístico e científico de um grupo, de um povo; Actividade ou serviço que se ocupa das questões intelectuais, do enriquecimento do espirito; conjunto de conhecimentos relativos a um ou vários domínios científicos, a uma ou mais áreas do saber. (Dicionário,2001:1042)

Jornalismo: profissão; actividade da pessoa que trabalha no domínio da informação, quer em publicações periódicas, quer na rádio ou na televisão e que redige artigos, faz entrevistas, modera debates, participa na elaboração de jornais radiofónicos ou televisivos...; modo de expressão característico dos meios de comunicação social. (Dicionário,2001:2193)

Tendência: (do Lat. *Tendentia*), disposição natural ou aptidão congénita que leva a determinadas atitudes ou comportamentos; orientação ideológica, artística... comum a um conjunto ou categoria de pessoas; corrente de opinião; sentido de uma realidade variável, deduzido de um conjunto de factos observados; impulso latente, orientador da actividade humana, em geral no sentido da obtenção de prazer. (Dicionário,2001:3539)

Procuró com a definição destas três noções iniciar a reflexão sobre o conceito de jornalismo cultural, bem como das principais tendências desse tipo de jornalismo no panorama actual português. Não obstante, é importante tomar conhecimento da

definição mais básica destes conceitos para que possa posteriormente realizar paralelismos com uma definição mais aprofundada.

Concretamente, a definição de jornalismo de um ponto de vista mais aprofundado e crítico pode ser consultada em outro dicionário. O *Dicionário de Literatura* fornece uma exposição mais objectiva, técnica e cultural do conceito de jornalismo, facultando, desta forma, a epígrafe perfeita para o início da reflexão sobre jornalismo cultural. Acho, por isso, de profundo interesse citá-la na totalidade.

Em princípio dir-se-á que o jornalismo, tal como hoje o entendemos, se define por uma expressão nua, directa, impessoal, não literária, e portanto que a literatura começa onde o jornalismo acaba. Todavia, a par do noticiário e da publicidade, os jornais continuam a incluir subgéneros literários, como grande reportagem e crónica, onde se afirma a personalidade dos autores, o seu estilo de visão e de expressão. Sem dúvida trata-se de uma literatura *suis generis*, que vive do imediato, do transitório, e procura captar o interesse do leitor apressado ou negligente; caracteriza-se pela brevidade, pela concisão, pela oportunidade, muitas vezes pelo atractivo do sensacional. Mas sucede que, mais tarde, crónicas ou reportagens, coligidas em volume, se mostram capazes de atravessar incólumes o tempo. E não valem só como descrição, valem também como juízo. (Coelho, 1979:504)

Evolução do conceito de Cultura – um (muito) breve panorama

A cultura mais não é do que um convite, um convite ao cultivo da nobreza de espírito. A cultura fala discretamente: “Deves mudar a tua vida”.
(Steiner,2013:21)

Anteriormente, tendo como base uma concepção quase exclusivamente aristocrática e clássica, tratar de cultura era discutir literatura, teatro, artes plásticas e música erudita. Hoje em dia, novos campos estéticos foram colocados no alinhamento editorial: cinema, música popular, gastronomia, moda, *design*, arquitectura, entre outros. Contudo, a extensão do conceito de cultura levou muitos anos para ser operada e passou por um longo processo de maturação.

A invenção da tipografia, no século XV, promoveu novas formas de contacto intelectual, associados à divulgação de ideias e à progressiva laicização do pensamento filosófico, social e político. A passagem dos manuscritos para a impressão gráfica abre, de forma muito lenta, “as primeiras portas” para aquilo que é o entendimento do conceito de cultura, tal como o conhecemos hoje. A fluência e a facilidade na difusão de ideias ficavam, desta forma e pela primeira vez, ao dispor de um maior número de pessoas, possibilitando o contacto com muitos tipos de textos e literaturas.

Em relação a definições e aceitações do conceito de cultura, Edward B. Taylor foi um dos pioneiros na introdução de uma visão antropológica no conceito, alargando-o para além das tradicionais manifestações artísticas que eram consideradas cultura no século XIX. É, por isso, a ele que devemos uma das primeiras definições, de um ponto de vista mais contemporâneo:

Cultura é o complexo unitário que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, as leis e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade (Taylor *apud* Ferin, 2002:37).

De acordo com Dora Santos Silva (Silva, 2008: 67), foi em meados do século XX que o célebre livro *A dialética do Esclarecimento*, 1944, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, viria romper definitivamente com a distinção entre cultura de elite e cultura popular não sobrevalorizando uma em detrimento de outra, e não restringindo à

produção de cultura apenas as produções culturais mas todas as expressões e valores de um povo. Em pleno século XXI é legítimo afirmar que a cultura tem, presentemente, uma dupla significação: as manifestações culturais comuns, e o espectro cultural de uma sociedade, os modos, valores, tradições e crenças. Em 1982, durante Conferência Mundial sobre Políticas Culturais, realizada no México, o significado do conceito de cultura viria a ser redefinido pela Unesco. A proposta de redefinição do termo cultura apresentada pela Unesco ia ao encontro das questões relacionadas com a diversidade cultural e o diálogo intercultural, afastando definitivamente a concepção exclusivamente aristocrática e abrindo o precedente para um entendimento mais inclusivo do que se entende por cultura.

Cultura é o conjunto de traços distintivos, sejam materiais, espirituais, intelectuais ou afectivos, que caracterizam um determinado grupo social. Além das artes, e da literatura, contempla, também, os modos de vida, os direitos fundamentais do homem, os sistemas de valores e símbolos, as tradições, as crenças e o imaginário popular. (Unesco, 2002)

É, de facto, a partir da segunda metade do século XX que se consolidam as maiores e mais significativas alterações ao conceito de cultura, resultantes em grande parte de um amadurecimento de ideias iluministas e humanistas. O desenvolvimento do equipamento tecnológico e o alargamento da taxa de alfabetização, iniciado sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial na Europa e nos Estados Unidos, viriam a potencializar o desenvolvimento desta cultura de massas dedicada principalmente à difusão de informação para um número cada vez maior de pessoas. Não obstante, estes desenvolvimentos começam muito antes.

Cultura de Massas

A Revolução Industrial e a Revolução Francesa tinham promovido profundas alterações políticas, económicas e sociais. Numa Europa em acelerada transformação económica e social, provocada, essencialmente, pela industrialização e pela urbanização, o espaço de opinião pública amplia-se. Para isso contribuiu também a progressiva massificação do ensino primário, a sindicalização dos operários, a formação de partidos políticos e o reconhecimento, ainda que paulatino, do papel da mulher cada vez mais evidente e activo no quotidiano social. As massas, as multidões, começaram a tornar-se objecto de estudo, assim como matéria-prima económica, social e política. Em meados do século XIX, assiste-se ao aumento de títulos de jornais em todos os países ocidentais, bem como ao nascimento das primeiras grandes agências internacionais de notícias: a francesa, *Havas* (1835); a alemã, *Wolf*; a americana, *Associated Press* (1849) e a britânica, *Reuter* (1851) (Ferin, 2002:86).

Ainda em meados do século XIX, os géneros literários para consumo de massas aumentaram a sua produção, nomeadamente os folhetins publicados nos jornais, as folhas volantes satíricas e os espectáculos de comédia e revista. A cultura de massas, resultante da coexistência de sociedades pluriculturais modernas, vê assim o seu início nesta época, ainda que a grande explosão desta indústria se tenha dado posteriormente, já em pleno século XX, quando os meios de comunicação, como a rádio e mais tarde, a partir dos anos 60, a televisão e, já a partir dos anos 90, a internet se impõem.

Dora dos Santos Silva afirma:

A partir de meados dos anos 80, o termo “cultura” começou a ser indissociável das indústrias culturais e, no final dos anos 90, das indústrias criativas, no seio das quais o jornalismo cultural viria a sofrer profundas alterações. (Silva, 2009:92)

Ferin, por outro lado, recorda que grandes autores, ainda no século XIX, alertavam já para a influência negativa que este tipo de cultura poderia acarretar para as sociedades modernas.

Nietzsche, Ortega e Horkheimer, consideraram a cultura europeia ameaçada por esta nova barbárie, na medida em que as «massas» se encontrariam desvinculadas da influência da cultura tradicional e submetidas, sem consciência crítica, aos novos valores pragmáticos da técnica e da modernidade. (Ferin,2002:101)

Efectivamente, os meios de comunicação de massas viriam a colocar ao dispor de todos a informação anteriormente considerada ‘privilegiada’, que apenas era acessível aos chamados eruditos. De acordo com estes autores, esta banalização do conhecimento poderia acarretar sérios riscos para o desenvolvimento de futuros intelectuais. No entanto, a maioria destes autores olhava para a cultura de um ponto de vista exclusivamente clássico.

Não obstante, há outras consequências que a cultura dita de massas introduziu, e que influencia directamente o jornalismo contemporâneo: a centralização das notícias nas celebridades, nos autores, e nos indivíduos, mais do que nos objectos artísticos em si. De facto, não será erróneo afirmar que se assistiu a um deslocamento do foco de interesse do jornalista: o objecto artístico deixou de ser, em muitos casos e situações, o foco principal de atenção, mas sim o motivo para se falar dos indivíduos que se relacionam com ele. Se pensarmos numa estreia cinematográfica, por exemplo, a divulgação desse evento não é direccionada exclusivamente para o objecto artístico em si (o filme), mas sim para o ícone que o representa: o realizador, ou, na grande maioria das vezes, os actores. O mesmo acontece com a música e as apresentações musicais dos artistas. Não é a música como manifestação artística que tende a vender revistas e a fazer capas de várias publicações, mas sim a informação centrada no cantor e, muito raramente, no compositor. É também neste sentido que a grande maioria dos textos e das revistas com a designação “cultural” se centram na cobertura de eventos, na notícia e na informação, *a priori*, dando um lugar menor do que outrora a textos de análise e de reflexão. Esta tendência pode ser explicada, em parte, pela gigante máquina económica construída à volta das indústrias criativas e daquilo que se considera serem os interesses do público. O culto do ícone tem vindo a ganhar grandes proporções numa sociedade interessadíssima na individualidade “do outro”. Verifica-se, cada vez mais, uma maior dificuldade em separar e identificar o que diz respeito ao objecto cultural (cinema, música) e o que respeita ao ícone (actor, cantor), à esfera pública e privada. Para isso

contribuem diferentes factores, entre eles a internet, os *blogues*, *flogues* e agendas culturais que diariamente são disponibilizadas *online*, fornecendo um intercâmbio cultural e uma distribuição rápida da informação até há poucos anos impossível. Além disso, nas plataformas *online* e com a utilização cada vez mais recorrente das redes sociais, cada vez mais se descortina a vida, a intimidade “do outro” numa permissividade que todos nós, de uma forma maior ou menor, acedemos. O ícone torna-se quase uma presença “obrigatória” na vida do seu público e alimenta a imagem que idealizamos dele.

Esse tipo de informação ou, se preferirmos, de inovação, e a forma como é facilmente disponibilizada torna-a muitas vezes preferencial para o público, o que resulta numa necessidade de actualização e modernização por parte da comunicação social que procura ir ao encontro das exigências e preferências dos seus “consumidores”. Uma das consequências que este tipo de inovação trouxe, e implementou, foi a de uma troca de informação acelerada, muitas vezes sem filtros e eventualmente mediada por pessoas sem competências especializadas para o fazer. A verdade é que, nas sociedades contemporâneas, cada vez parece haver menos tempo e espaço para a reflexão e para a consolidação da informação. A informação chega e muda ao segundo, muitas vezes sem que o leitor ou o espectador tenha tempo de assimilá-la ou processá-la adequadamente¹.

¹ Naturalmente, há *blogues* e páginas de internet sobre cultura que são completos e ricos de informação fidedigna – veja-se, por exemplo, o caso do *blogue* do professor Rogério Santos: *Indústrias Culturais*. <http://industrias-culturais.blogspot.com>

Jornalismo, Cultura e Jornalismo cultural

O presente trabalho é direccionado para uma área especializada do jornalismo: o jornalismo cultural. Esta especialização do jornalismo é de difícil definição. A par disso, o espaço que a imprensa dispensa ao jornalismo dito cultural ou a notícias apresentadas como de temática cultural tem sofrido consideráveis transformações ao longo do tempo. Dora Santos Silva cita Jorge Rivera para definir o conceito de jornalismo cultural. A autora refere que foi a definição dada por este autor que estará na base de definições de autores posteriores: Basso (2008), Pastoriza (2006), Alzamora (2006) e Gadini (2010).

Jornalismo cultural é uma zona muito complexa e heterógena de meios, géneros, e produtos que abordam com objectivos criativos, reprodutivos e informativos os terrenos das belas-artes, as “belas-artes”, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspectos que têm a ver com a produção, circulação e consumo de bem simbólicos, sem importar a sua origem e o seu destino. (Rivera *apud* Silva, 2013:2).

A mesma autora cita ainda J.S Faro que, ao definir também ele jornalismo cultural, acrescenta e completa a definição dada por Rivera. Faro define o jornalismo cultural como “a produção noticiosa e analítica referente a eventos de natureza artística, e editorial, pautados por secções, suplementos e revistas especializadas nessa área” (Faro *apud* Silva, 2008: 65). O mesmo autor identifica ainda duas vertentes do jornalismo cultural: “[o jornalismo cultural] constitui-se num território de práticas jornalísticas que tanto reiteram signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemónicas características de conjunturas históricas específicas” (Faro *apud* Silva, 2008:66).

As raízes históricas deste jornalismo interessado pelos fenómenos culturais têm origens mais profundas. De facto, desde cedo que as notícias e a necessidade de informar as pessoas foram evidentes nas sociedades humanas. Essa exigência social levou, por isso, ao aparecimento das primeiras ‘folhas noticiosas’, naturalmente ainda manuscritas. Exemplos tão recuados dessa difusão de informação são conhecidos em documentos egípcios, chineses e romanos: os célebres *acta*. Em Portugal, a primeira folha noticiosa manuscrita de que se tem conhecimento é muitíssimo posterior e tem data de 19 de Outubro de 1588. Aqui, dava-se conta da infelicidade da Armada de Sua Majestade, no contexto da derrota da Invencível Armada enviada pelo rei de Portugal,

Filipe I (II de Castela), contra Isabel I de Inglaterra. (Tengarinha,1989: 25). Todavia, o aparecimento do primeiro jornal propriamente dito, em Portugal, dá-se vários anos mais tarde, já no ano de 1641.

É, portanto, no contexto do Renascimento e Humanismo que, de acordo com o jornalista e escritor Daniel Piza, a variante cultural do jornalismo surge na Europa. No entanto, é sobretudo a partir do século XVIII, numa época de renovação intelectual e artística, que as revistas e os jornais que se publicavam então, um pouco por toda a Europa, começaram a dedicar páginas a longos ensaios e reflexões sobre peças de teatro, pintura, prosa e poesia, ajudando a propagar as ideias do movimento Iluminista. Entendia-se então jornalismo cultural como “uma actividade que reflectia as problemáticas globais de uma época, satisfazendo demandas sociais concretas e interpretando dinamicamente a criatividade do homem na sociedade” (Piza,2004: 65). Ou seja, o jornalismo cultural sedimentava-se como um espaço público de produção intelectual, caracterizando-se por uma forte presença autoral, opinativa e artística. Não obstante, o que definiu, desde os seus primórdios, o jornalismo cultural como uma prática singular e essencial para a sociedade, foi a necessidade de democratizar o conhecimento, bem como o seu carácter crítico e reflexivo que possibilitava ao leitor as ferramentas para reflectir e opinar sobre os mais variados assuntos. De acordo com o estudo levado a cabo por Celiana Azevedo, os primeiros periódicos onde constavam referências culturais foram o *The Transactions of The Royal Society of London* e o *News of Republic pf Letters*, de 1665 e 1684, respectivamente. Contudo, o jornal *The Spectator*, em 1711, é a alusão mais famosa ao início do jornalismo cultural, pois definiu claramente o seu principal objectivo, desde o início:

Trazer a filosofia para fora das instituições académicas para ser tratada em clubes e assembleias, em meses de chá e café. (*apud* Azevedo, 2013:9)

Ou seja, um dos principais objectivos destas primeiras publicações era o de alargar a informação e o conhecimento a um maior número de pessoas, uma vez que a informação era considerada uma parte fundamental para a liberalização das sociedades.

De facto, o jornalismo cultural nasce como um processo singular e de algum modo liberalizante, com a função de mediar o conhecimento e aproximá-lo do maior número de pessoas. É este o mote da minha reflexão sobre as funções do jornalista cultural.

Cabe, assim, ao jornalista cultural a reflexão sobre as circunstâncias sociais e históricas em que a obra, ou objecto sobre a qual se debruça, foi concebida, no sentido de apresentá-la como um processo cultural. O jornalista cultural deve ser capaz de captar o movimento de ideias e história contemporâneos, reflectir sobre práticas culturais e também mostrar um posicionamento reflexivo sobre as práticas sociais.

Sendo assim, o jornalista cultural não é aquele que se debruça apenas e exclusivamente sobre temas relacionadas com o sentido estrito do conceito de cultura, música erudita, literatura, pintura. Pelo contrário, é aquele que sempre que possível, e tendo oportunidade para tal, deve relacionar pelo menos dois sentidos de cultura, antropológica e clássica, que não devem ser negligenciados ou desvalorizados. Ao jornalista cultural exige-se, assim, uma consciência clara da importante função que exerce, não como “educador do povo”, mas também não apenas como simples técnico de informação, ao serviço exclusivo da lógica do mercado e das estratégias comerciais.

É verdade que os *media* são hoje, devido ao vertiginoso desenvolvimento tecnológico, uma multifacetada e poderosa máquina de condicionamento de opiniões, comportamentos e valores. Acho, por isso, de essencial importância que o jornalismo cultural forneça um modelo de informação sobre o qual valha a pena reflectir e que tenha profissionais capacitados para o fazer. Obviamente, os jornais, mais ou menos direccionados para a cultura, são influenciados de forma por vezes consciente, por vezes inconscientemente, por factores sociais, económicos e políticos. Contudo, creio que o jornalismo cultural (e todo o jornalismo em geral) como pilar de uma democracia e promotor de civilização e cultura que é, deve procurar com o maior afincamento manter-se independente da influência e/ou pressão económica ou política. Isso seria o essencial numa verdadeira democracia cultural.

Neste sentido, e direccionando a atenção para as pessoas que fazem e produzem o jornalismo cultural, é importante a procura de novos paradigmas, novas formas de actuação, e principalmente novas formas de escapar à ideia comum de mera “agenda cultural”, que se cinge apenas ao lançamento de discos, livros ou mostras de artistas consagrados. Nem sempre é fácil ter uma perspectiva aberta sobre determinada obra, sem a arrumar em modelos simplificadores, o que implica pensar e reflectir. É isso que se pede a um jornalista cultural. Mas também que evite as distinções redutoras entre “alta” e “baixa” cultura ou “arte” e “comércio”. É necessário arriscar e estabelecer

novas relações entre as coisas, pois na verdade o mundo moderno, as técnicas de informação e a própria realidade estão cada vez mais complexos. É neste sentido que se pode dizer que o jornalismo cultural se caracteriza pela sua análise crítica, agora cada vez mais alargada. A reflexão acerca do fenómeno cultural como objecto de informação é, portanto, o que distingue o jornalismo cultural de outros editoriais.

Em Portugal, o jornalismo cultural existe há largos anos mais ou menos divulgado, com maior ou menor permanência junto do público. No entanto, esta especialização do jornalismo atravessou diferentes épocas, fornecendo actualmente informações históricas, políticas e sociais de uma importância invulgar nas diferentes fases do País.

Jornalismo Cultural em Portugal

A indústria cultural portuguesa, tal como outras, tem sofrido, ao longo dos anos, profundas transformações. É importante, por isso, antes de qualquer análise detalhada sobre o que se publica actualmente nos jornais e suplementos do nosso País, conhecer um pouco da história por trás desta indústria, da evolução e do nome das principais publicações que já desapareceram mas que constituem fontes importantes de história e conhecimento nesta área.

Como refere Dora Santos Silva, existe uma ausência significativa de estudos acerca do jornalismo cultural em Portugal e da sua evolução no País. Contudo, sabemos que nos séculos XIX e XX, em Portugal, as revistas e jornais dedicados à cultura e ao pensamento foram abundantes e na maior parte das vezes bastante efémeros.

A primeira revista de carácter cultural foi editada no Porto, em 1761, e dava pelo nome de *Gazeta Literária*. (Silva, 2009: 94). No entanto, o século XVIII e XIX é um período rico na proliferação de gazetas, jornais e livros que viriam a amplificar novos territórios e a operar grandes mudanças ao nível da opinião pública. De acordo com Joaquim Fernandes, autor de um estudo centrado nesta publicação, a GL surge na prática jornalística como algo diferente de todos os seus antecessores. O projecto correspondia, “já com um século de atraso, à busca de um meio de comunicação cosmopolita que fosse verdadeiramente europeu”. (Fernandes, N/A: 206). No mesmo sentido, Silva Pereira também segue esta linha de pensamento, considerando a GL como o periódico que verdadeiramente iniciou o jornalismo em Portugal após tentativas como as de *O Anónimo* (1752) e *Oculto Instruído* (1756), ambos jornais de Lisboa. [<http://cyberdemocracia.blogspot.pt/2012/03/gazeta-literaria-o-primeiro-periodico.html>]. A GL teve, no entanto, vida efémera: de 1761 a 1762 e contou apenas com um único redactor em toda a sua produção integral, Francisco Bernardo de Lima. O Pe. Bernardo de Lima é considerado a figura mais representativa do Iluminismo na imprensa periódica portuguesa, tendo assumido a missão de manter o público português culto e ao corrente das principais obras sobre literatura, artes e ciência publicadas então na Europa. Este sacerdote católico terá desempenhado este papel de forma exemplar, segundo Fernandes, através de “críticas inteligentes e bem informadas”. (Fernandes, 1993: 208). Acredita-se, por isso, que a GL preparou o terreno para a emergência da esfera pública

literária em Portugal, a qual viria posteriormente a ser ampliada com a Revolução Liberal de 1820.

A partir do início do século XIX, muitas foram as revistas literárias, principalmente de poesia, que compuseram as linhas gerais da nossa literatura, da política e do pensamento. Infelizmente, como Silva Pereira refere, não existem ao nosso alcance análises de conteúdo, quantitativas ou qualitativas que nos forneçam as tão necessárias informações. A propósito desta escassa informação tomei conhecimento de um estudo levado a cabo por Lúcia Mariano Veloso e José Manuel Motta de Sousa desenvolvido em 1983. Trata-se de uma lista de todas as publicações que foram editadas até 1910 e que se encontram no repositório da Biblioteca Geral de Coimbra. Este estudo faz a listagem dessas publicações, mas não desenvolve informação adicional sobre elas. Cito, em baixo, algumas dessas publicações, a título ilustrativo, para que tenhamos conhecimento dos nomes e respectivos campos de trabalho a que imprensa se dedicava nesses dois séculos, representando uma importância fulcral para o avanço e desenvolvimento dos meios de comunicação actuais.

- *O Abrantes* (1907) - jornal democrático independente.
 - *O Alfacinha* (1882) - revista mensal humorística ilustrada;
 - *O Cronista* (1827) - semanário de política, literaturas, ciências e artes, redigido por João Baptista de Almeida Garrett;
 - *O Diabo que o carregue* (1908) - revista teatral e desportiva;
 - *Anais da Ciências e Letras* (1857) – publicação especializada em ciências matemáticas, físicas e história natural e médica;
 - *O Crepúsculo* (1846?) – jornal literário;
 - *Crédito* (1909) – jornal político, financeiro, literário, agrícola e comercial;
 - *Cunha* (1914) – almanaque humorístico e ilustrado.
- (Veloso,1983: N/A)

Com base nesta pequena enumeração de publicações, editadas durante o século XIX e início do século XX, é possível verificar a riqueza e a variedade de publicações nas mais variadas artes e saberes que existiam então em Portugal.

Como já verificámos, no início do século XX, as revistas literárias e de movimentos modernistas foram imensas e espelharam bastante bem a qualidade e a

ânsia de mudança da classe intelectual portuguesa. Publicações como a *Presença* (1927) ou *Orpheu* (1915) são exemplos cruciais desse desejo de mudança. Nesta última colaboraram nomes como Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros, Santa Rita Pintor, entre outros. *Orpheu* é um marco histórico e uma publicação com tamanha importância que o seu nome viria a ser utilizado para definir toda uma geração de intelectuais e artistas portugueses: Geração de Orpheu.

Alguns anos depois, mesmo com o regime ditatorial no auge, surgiram tertúlias, cineclubes e movimentos literários veiculados em publicações que marcaram, também elas, aquelas gerações não só por motivos artísticos e literários, mas também políticos: *O Tempo e o Modo*, a *Vértice*, entre muitos outros. Nos jornais, as páginas de cultura eram um importante “refúgio do combate político” assinadas quase sempre por grandes figuras das artes portuguesas (Carmo, 2006). *O Tempo e o Modo* foi uma revista portuguesa editada pela primeira vez em Janeiro de 1963. Esta publicação marcou a sociedade portuguesa pela abertura de novos horizontes políticos, culturais, literários e artísticos. “A acção começa na consciência. A consciência, pela acção, insere-se no tempo. Assim, a consciência atenta e virtuosa procurará o modo de influir no tempo. Por isso, se a consciência for atenta e virtuosa, assim será o tempo e o modo.” [<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/OTempoeoModo/OTempoeoModo.htm>]. Foi através desta citação que Pedro Tamen, um dos primeiros colaboradores, definiu o projecto que ali iniciava. Mais tarde António Alçada Baptista diria que “[O Tempo e o Modo] foi a expressão do nosso mal-estar em relação à sociedade em que vivíamos”. [<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/OTempoeoModo/OTempoeoModo.htm>]. Os seis percursos desta publicação foram, além dos indicados imediatamente acima, João Bénard da Costa, Nuno de Bragança, Alberto Vaz da Silva e Mário Murteira. Outros nomes viriam a compor o painel de personalidades a colaborar na revista: Mário Soares, Jorge Sampaio, Vasco Pulido Valente, João Cravinho, entre tantos outros. Ao longo dos meses, seguiram-se páginas que tinham como objectivo a abertura de horizontes de liberdade, diversidade e diferença, a discussão e o diálogo. Tinha como uma das principais finalidades desenvolver um olhar sobre as grandes questões do século XX e a consciência da liberdade desejada. Um olhar sobre os temas que inquietavam o mundo, mas acima de tudo o País.

A *Vértice*, por outro lado, foi uma revista portuguesa de cultura e arte, fundada em Coimbra no ano de 1942. Depressa se torna uma tribuna do movimento neo-realista português e um instrumento de resistência à ditadura do Estado Novo. Foi de grande importância na disseminação e conhecimento do neo-realismo em Portugal e contou com os grandes nomes do movimento português: Alves Redol, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, entre outros. (Ramond,2008:37), A sua importância reside ainda nos diferentes domínios do saber que contemplou nas suas páginas: literatura, crítica cinematográfica e teatral, artes plásticas, música, economia, história, entre outros assuntos comentados por alguns dos mais destacados intelectuais da época. Com o final da II Guerra Mundial, a *Vértice* assumiu um projecto de renovação cultural que pretendia contribuir para a identificação, estudo e transformação dos problemas concretos do País e do seu povo. Daí que, mais do que revista de arte e cultura, a *Vértice* pretendeu afirmar-se como “revista de ‘cultura útil’, na qual a teoria se deveria aliar à prática e o estudo à acção”. [http://www.academia.edu/10012449/V%C3%A9rtice__revista_de_arte_e_cultura_1942-]. O projecto cultural da *Vértice* contribuiu ainda para a afirmação de concepções de história que se assumiram como científicas e se associaram às ideias de rigor, verdade e objectividade no estudo do passado, fruto da influência do ideal marxista.

Todavia, as revistas que marcaram o panorama cultural antes do 25 de Abril, não estão cingidas às duas acima indicadas. Dora Santos Silva (2008) recupera, na sua dissertação, a história e a fundação de uma das publicações que se apresenta, no seu entender, como um dos grandes marcos do jornalismo cultural durante o Estado Novo: *Flama*. Fundada a 5 de Fevereiro de 1937, pela juventude Escolar Católica (na altura em formato de jornal quinzenal), durante os 40 anos de existência foi uma das revistas mais marcantes do século XX em Portugal, considerada por muitos a precursora das *newsmagazines* portuguesas, género que fazia já sucesso em outros países. Em Janeiro de 1942, a *Flama* deixou de existir (temporariamente). O então director Nuno Mourão anunciou que a publicação daria lugar a outro quinzenário chamado *Ala*. Dois anos depois, porém, em 13 de maio de 1944, a *Flama* voltaria a circular, desta vez em forma de revista – que perdurou até ao fim das suas actividades. O formato quinzenal passou a mensal e o jornal passou a revista, no entanto, o objectivo desta publicação, de acordo com os seus editores, mantinha-se intacto desde os seus primórdios. Este é recordado na

edição de 28 de Maio de 1944, quando o jornal passava efectivamente a revista ilustrada:

Flama tem entre os seus fins o de promover o progresso das letras e do amor pela ciência entre a gente môça. Podíamos ocultar um pouco a nossa qualidade de católicos activos e muito aumentaria o nosso público, mas a Flama não quer equívocos e tem amor a situações claras (*apud* Silva, 2008: 84)

Foi a partir de 1944, graças à revista *Flama*, que teve início a tradição de entrevistar figuras do espectáculo e fazer a cobertura do mundo das artes e da cultura. A determinada altura, a publicação incluiu inclusive um concurso literário e filosófico, cujo júri era composto por grandes nomes das letras portuguesas. O destaque da reportagem, acompanhada por um grande número de fotografias, foi conquistando cada vez mais leitores, o que resultava numa tiragem significativamente elevada para a época: 17 mil cópias mensais. No ano de 1949 a direcção é alterada e é traçado novo perfil para a revista: “[*Flama*] dirige-se ao grande público, a todas as pessoas de bom gosto, que preferem o belo ao pornográfico, o elevado ao banal, e acham mais nobres e humanas as coisas da vida quando através delas perpassa um sopro de espiritualidade” (*apud* Silva, 2008:85). Anos mais tarde, entre 1967 e 1971, já com uma periodicidade semanal, a revista atingia, contra todas as expectativas e dificuldades, o seu recorde de vendas: 30 mil exemplares. As dificuldades financeiras acabariam por levar a melhor e culminaram no fecho da revista a 2 de Setembro de 1976. (Fonseca,2007:56)

Por outro lado, mas com importância semelhante, *O Século Ilustrado* era um suplemento cultural, com periodicidade semanal, que saía com o jornal *O Século*, editado durante 40 anos, desde 1933 até 1989. Este suplemento captava maioritariamente o interesse do sector feminino, dado o teor social que nele se inseria: notícias da actualidade, histórias de celebridades, anúncios publicitários, grandes reportagens, sector humorístico e espaço didáctico. Todavia, também disponibilizava informação para a cobertura de eventos culturais, espectáculos, entre outros. De acordo com Carmo (2006), o *Século Ilustrado* é uma publicação insuficientemente estudada, tendo em conta o papel fundamental que desempenhou, durante a sua actividade, como espelho do que foi a época entre os anos 40 e 80 em Portugal. Durante os anos 60, o *Século Ilustrado* contribuiu para o movimento de renovação que se fez sentir na imprensa portuguesa, até aí dominada por jornais diários, quando na Europa já existia o hábito

das revistas semanais. Com uma tiragem de cerca de 18 mil exemplares marcou uma inovação em termos gráficos, dando especial destaque às imagens, motivo pelo qual, segundo Carmo, as suas capas marcaram uma época. Tratava-se de uma publicação com um estilo popular e que agradava a um público bastante numeroso.

Depois de 25 de Abril de 1974, dá-se, em Portugal, a explosão de manifestações culturais até aí reprimidas e censuradas pelo Estado Novo. Com o decorrer dos anos, e uma liberdade de expressão até então desconhecida, muitos foram os títulos que nasciam para logo depois terminarem. Exemplo disso são publicações como *O Jornal*, *O Tempo*, *República*, *Jornal Novo*, *A Luta*, entre outros (Carmo,2006).

O Jornal foi um semanário português publicado em Lisboa entre 1975 e 1992. Propriedade de uma sociedade de jornalistas, a *Projornal*, teve como primeiro director Joaquim Letria, a que se seguiram José Carlos de Vasconcelos (actual Director do *JL*) e José Silva Pinto. Foi, desde o início, um projecto assumidamente de esquerda, independente, não comunista. Com o lançamento do seu primeiro número a 2 de Maio de 1975, Cáceres Monteiro, um dos fundadores descreve-o, em termos editoriais, como “um projecto independente, alinhado à esquerda e um contraponto à tendência dominante do Movimento das Forças Armadas” [<http://www.publico.pt/media/noticia/semanario-o-jornal-desapareceu-ha-dez-anos-198595>]. Durante os seus 17 anos de existência muitos foram os nomes que passaram pelas páginas deste jornal, tais como Miguel Esteves Cardoso, Inês Pedrosa, Adelino Amaro da Costa, Eduardo Lourenço, entre outros. Por outro lado, *A Luta* apresentava o seu primeiro número no mesmo ano de 1975, mas no famoso Verão quente. Um grupo de socialistas, republicanos e independentes fundaram o então jornal diário. Muitos dos seus jornalistas vinham do *República*, destruído por ordem do PCP. Fizeram parte do jornal *A Luta* nomes como Miguel Sousa Tavares, José Pedro Castanheira, João Grego Esteves, entre outros. No mesmo ano saía ainda, a 17 de Abril, *O Jornal Novo*, publicação que teria vida curta até 29 de Setembro de 1979. Financiado pela Confederação da Indústria Portuguesa, o seu primeiro director foi Artur Portela Filho (vindo do *Diário de Lisboa* e antigo colunista do *República*), que no seu primeiro editorial falava sobre as pretensões e crenças deste novo jornal: “Porque cremos que a via socializante é a via mais eficaz, e mais rápida, para a construção de uma sociedade livre, justa e próspera, o *Jornal Novo* é um jornal de vocação socialista pela defesa, pela afirmação, pela criatividade da revolução portuguesa.” (Gomes,2013:99) A sua redacção contou com nomes consagrados do

jornalismo português como Mário Mesquita, António Mega Ferreira, Luís Paixão Martins, entre outros.

Foram muitos os títulos que marcaram aquela época, muito dinâmica em ideias políticas e sociais. Por impossibilidade de referir devidamente todos e uma vez que questões mais peremptórias se levantam não me alongarei mais sobre outras publicações. No entanto, é importante que seja feita nota e distinção da importância que tiveram, não só os que referi mas todos os outros que não foram referidos mas que contribuíram de forma permanente e incontestável para a evolução do jornalismo em Portugal. À medida que apareciam e desapareciam, o grau de especialização cada vez mais avançado destas publicações ditou que na década de 80 comessem a aparecer jornais e revistas dedicados exclusivamente à cultura e a manifestações culturais: o *Se7e* e a *Blitz* são dois exemplos de revistas especializadas em cultura e foram das primeiras a aparecer neste âmbito, em Portugal. Se por um lado o *Se7e* redigia o primeiro cartaz exaustivo de tudo quanto se passava a nível cultural no País, a *Blitz* acompanhava o desenvolvimento cultural que se ia desenrolando, principalmente no campo da música alternativa. É de referir que o semanário *Se7e*, fundado em 1977, foi durante os 16 anos de existência uma referência da cultura portuguesa, acompanhando de perto, entre outros assuntos, os anos de ouro da música popular e rock portuguesa (anos 80). Na última edição do semanário, datada de 28 de Dezembro de 1994, o editorial de Manuel Falcão fazia uma espécie de epitáfio daquela publicação que teria os dias contados com o advento da internet e da era digital e que enfrentava já uma dura realidade económica. (...) os problemas entraram-nos pela casa dentro. Hoje em dia felizmente que não há quase ninguém que não publique roteiros e guias de espectáculo. (...) Dantes quase ninguém falava de discos, de música pop, do rock nem pensar. O cinema era assunto perdido nas páginas finais dos periódicos. O *se7e* foi feito ao contrário disso tudo. E por isso mesmo teve sucesso. (*apud* Silva, 2008:86).

O desenvolvimento e avanço da indústria cultural gerou novas audiências, o que resultou numa apropriação bastante rápida por parte dos *media*, que trataram de alargar a informação cultural aos jornais generalistas, através da criação de editoriais dedicados exclusivamente à Cultura, como os que já existiam para Economia e Desporto. No final da década de 80, a televisão afirma a sua supremacia como principal socializador dos tempos modernos e dá fundamento à proliferação das chamadas ‘revistas cor-de-rosa’, que passam a incluir na sua programação acontecimentos da ‘esfera cultural’, num entendimento mais popular e de audiência claramente mais abrangente. Os principais

diários começam a ter suplementos de natureza cultural, com periodicidade semanal, especialmente direccionados para a difusão de informação sobre a agenda cultural do País. Confiantes no novo público, que se vinha formando e alargando de forma cada vez maior, e com o objectivo de colmatar as graves crises económicas que muitos jornais enfrentavam, surge a ideia de organizar colectâneas promocionais de livros e filmes para vender juntamente com os jornais, mediante um valor ‘simbólico’. As alterações ao nível das tendências viriam a ser decisivas para o futuro das publicações generalistas e para o entendimento que temos actualmente das mesmas.

No caso dos suplementos culturais, sabemos, actualmente, que desempenham um papel importante no jornalismo, pois contribuem abertamente para uma amplificação e dinamização do papel da cultura que, de outra forma, dificilmente teria o mesmo espaço e especificidade nas publicações generalistas. É, por isso, de extrema importância que se desenvolva um capítulo sobre as principais alterações que estas publicações sofreram, ao longo dos últimos anos, e de que forma são hoje essenciais para a dinamização da esfera cultural.

Suplementos Culturais

Com base num estudo levado a cabo por investigadores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa é possível identificar as principais diferenças entre os anos 2000 e 2010, ao nível das tendências na publicação de suplementos culturais. A partir desta informação é possível estabelecer padrões e esquematizar a evolução ou recuo dos principais jornais no que toca à publicação de suplementos de natureza cultural.

No ano 2000 existia um panorama rico e diversificado em publicações e suplementos de natureza cultural. Todavia, ao longo da década o cenário foi-se alterando, reflectindo as diferentes crises que esta e outras indústrias atravessaram, nomeadamente com a perda de leitores e assinantes, e com a consequente redução de secções e publicações. Em termos práticos, podemos verificar este decréscimo de publicações através da seguinte tabela:

Publicações	Ano	Suplementos
Público	2000	<i>Sons, Artes e Leituras</i> , três suplementos distintos e especializados. Em 2007 passaram a existir apenas dois <i>Y</i> e <i>Mil Folhas</i>
	2015	<i>Ípsilon</i>
Diário de Notícias	2000	<i>DNA</i> , <i>DNAMAIS</i> e <i>DNAMÚSICA</i> , que viriam a terminar no ano 2006, sendo posteriormente substituídos pela revista <i>6ª</i> .
		Actualmente, não tem suplemento dedicado

	2015	exclusivamente à cultura.
Expresso	2000	<i>Cartaz</i> , editado desde 1980. Em 1988 tornou-se um caderno autónomo, com mais de 80 páginas, evoluindo para um suplemento de crítica cultural. Em 2003 o antigo <i>Cartaz</i> é substituído pelo <i>Actual</i> , onde se mantém o mesmo método de trabalho, mas uma diminuição do número de páginas, de 92 para 42.
	2015	A revista <i>E</i> substituiu recentemente o <i>Actual</i> mantendo a grande maioria dos colunistas e tópicos.

Em suma, entre 2000 e 2010, tendo como base a análise aos suplementos culturais publicados por estes três jornais, podem apontar-se actualmente as seguintes conclusões:

- A existência de menos Suplementos;
- O fim dos cadernos temáticos;
- Abordagens mais generalistas;
- Redacções com menos jornalistas e colaboradores;
- Muito menor participação de protagonistas do campo cultural na produção de conteúdos: críticos, ensaístas, filósofos, artistas;
- Menos páginas dedicadas a temas de cultura;
- Menos artigos de crítica e mais entrevistas e reportagens.

[cf. <http://culturaprimeirapagina.fcsh.unl.pt/sobre-os-suplementos/>]

As conclusões apontam para uma diminuição evidente da importância que estas publicações foram tendo ao longo dos anos, tornando-se menos, quer em número de páginas quer na própria circulação, e acima de tudo mais generalistas e abrangentes. Estas conclusões fazem crer que, actualmente, o jornalismo cultural não ocupa um papel tão importante na imprensa portuguesa como em países como o Brasil, Reino Unido e

Espanha (Silva, 2008: 73). A única revista portuguesa dedicada exclusivamente às artes plásticas e visuais, *Magazine de Artes*, viu-se forçada a fechar portas em Maio de 2008, não conseguindo fazer frente à crise que se instalava, ao preço do papel e aos impostos. No entanto, dizer que em Portugal não há publicações ou público dedicado à cultura não é verdade. A grande maioria dos principais diários têm suplementos de natureza cultural com periodicidade semanal, embora muitos tenham sofrido transformações e cortes, já identificados no quadro acima, como foi o caso do *Y* e do *Mil Folhas* que passaram a integrar o novo suplemento do *Público: Ípsilon*. Para além do *Ípsilon*, que sai às sextas, o *Público* tem ainda o caderno *P2*, que sai de segunda a sexta, e onde agrega temas relacionados com a sociedade, artes, cultura, agenda cultural e grelha televisiva. E, aos sábados, publica ainda o suplemento *Fugas* que aborda assuntos relacionados com cultura urbana e tendências: gastronomia, automóveis, turismo, entre outros. Relativamente ao *Diário de Notícias* é facto que publica diariamente as secções de arte e *media*, no entanto, actualmente não tem um suplemento dedicado exclusivamente à cultura. Apesar disso, o suplemento *DNA* (já extinto) contribuiu de forma significativa para que o *Diário de Notícias* fosse reconhecido como uma referência cultural no País, pois foi o jornal com maior regularidade no tratamento de assuntos ligados à cultura. Ou seja, foi, de entre todos os jornais nacionais, aquele que durante mais tempo publicou suplemento sem interrupções. No panorama dos semanários, o *Expresso* teve até ao dia 3 de Janeiro de 2015 o suplemento *Actual* dedicado exclusivamente a manifestações culturais. Uma semana depois, a 10 de Janeiro de 2015, é lançado o novo suplemento cultural do *Expresso*: a revista *E*. Este novo caderno assume-se como uma revista de comportamentos, de grandes formatos jornalísticos, de cultura e de recomendações dos tempos livres. É de referir que no formato caderno/revista, o *E* manteve todos os colonistas do antigo *Actual*, bem como o método de trabalho. O *Sol*, por sua vez, aposta numa cultura mais de lazer, quer nas páginas do próprio jornal, quer nas da revista *Tabu*. Para além destas, há ainda publicações que apostam de forma mais evidente numa cultura popular, de massas, direccionada para as celebridades e para um entendimento mais popular do conceito de cultura, como são os casos do *Correio da Manhã*, *24 Horas* e *Jornal de Notícias*. O *Jornal de Letras, Artes e Ideias* é, actualmente, a única publicação especializada e dedicada inteiramente à cultura, a editar ininterruptamente há mais de 30 anos.

A nível de programação, redacção e orientação de trabalho, é importante referir que os principais géneros utilizados em jornais e suplementos dedicados à cultura respeitam certos padrões e seguem certas normas que procuram ir ao encontro das preferências dos seus leitores. Dentro dos vários géneros, aqueles mais utilizados pelos profissionais do jornalismo cultural são a biografia, o perfil, a necrologia, as efemeridades, a crítica e a crónica. O perfil diferencia-se da biografia, na medida em que tem uma apresentação mais rápida e esquemática, destacando apenas as características mais marcantes do artista/personalidade. Por outro lado, a necrologia é o texto de elogio ou homenagem póstuma a artistas/personalidades que tenham falecido, que podem ser enriquecidos com testemunhos de amigos e/ou familiares. As efemeridades dizem respeito a edições comemorativas, aniversários, centenários, etc. Todavia, há um género que se evidencia, ou que se deve evidenciar, numa publicação assumidamente cultural. Na opinião de Dora Santos Silva, “a crítica é “o” género do jornalismo cultural por excelência, embora enfrente actualmente um decréscimo em favor das sinopses e listas que são mais rápidas e apelativas para o público”. (Silva, 2008:68). A crítica envolve um conhecimento avançado sobre as obras e os seus autores e uma reflexão profunda sobre os assuntos tratados tornando-se por isso mais demorada, mais investigativa e menos apelativa para o leitor comum. Por sua vez: o ensaio surge no jornalismo cultural como “um texto muito variado que inclui informação, interpretação e especulação acerca dos temas que visa” (Silva, 2008:70). Por fim, a notícia, a reportagem e outros géneros mais comuns nos jornais generalistas são naturalmente utilizados também no dia-a-dia do jornalismo cultural.

Uma vez conhecidos os principais géneros e publicações a operar actualmente, no que diz respeito ao jornalismo cultural, creio que é importante conhecer quais as principais tendências que, não só estes suplementos mas também alguns, jornais generalistas apresentam e destacam no tratamento de questões e assuntos de natureza cultural.

Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal

Para o estudo das tendências do Jornalismo Cultural em Portugal, importa começar por referir a página *Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal no ano de 2010*, que é uma plataforma *online*, elaborada por alunos da FCSH da UNL; e o estudo de Dora Santos Silva: *Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal*. Ambos têm como base, na grande maioria, publicações generalistas, ou seja, não especializadas unicamente em cultura, a saber: *Público*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Expresso* e *Visão*.

Além destes dois instrumentos, não existem até à data muitos mais estudos fiáveis sobre tendências actuais do jornalismo cultural em Portugal.

Como nota introdutória deste capítulo, começo por referir, de forma breve e esquemática, factos apurados pela plataforma *online* dos alunos da FCSH, na secção dedicada à *Cultura na Primeira Página*, que se refere à análise dos destaques de primeiras páginas de natureza cultural. Apesar de ter sido realizado em 2010, continua a ser o estudo mais fidedigno e viável nesta matéria, bem como um dos poucos que existem neste âmbito².

Em 2010 concluiu-se que a maior incidência de acontecimentos culturais noticiados nas primeiras páginas dos jornais portugueses era nacional (68%), seguindo-se acontecimentos na União Europeia (12%), EUA (6%) e por último em Países Lusófonos (2%). Por outro lado, os acontecimentos da esfera cultural mais noticiados são: óbitos, festivais (música) e estreias de filmes (cinema). Os festivais têm-se tornado um tema cada vez mais presente nas capas das publicações (14%), com uma duplicação de referências face ao ano 2000, reflectindo-se num aumento de 7%. O jornal *Público* foi, em 2010, o jornal que mais noticiou acontecimentos relacionados com festivais. O foco de interesse está nos festivais portugueses, mas também há referências a festivais internacionais, ainda que em menor número, representando por isso o quarto acontecimento mais noticiado depois de estreias, inaugurações e lançamentos. De acordo com o mesmo estudo, o contexto expositivo no qual os festivais são noticiados foge à regra da maioria das notícias culturais, predominantemente contadas através de

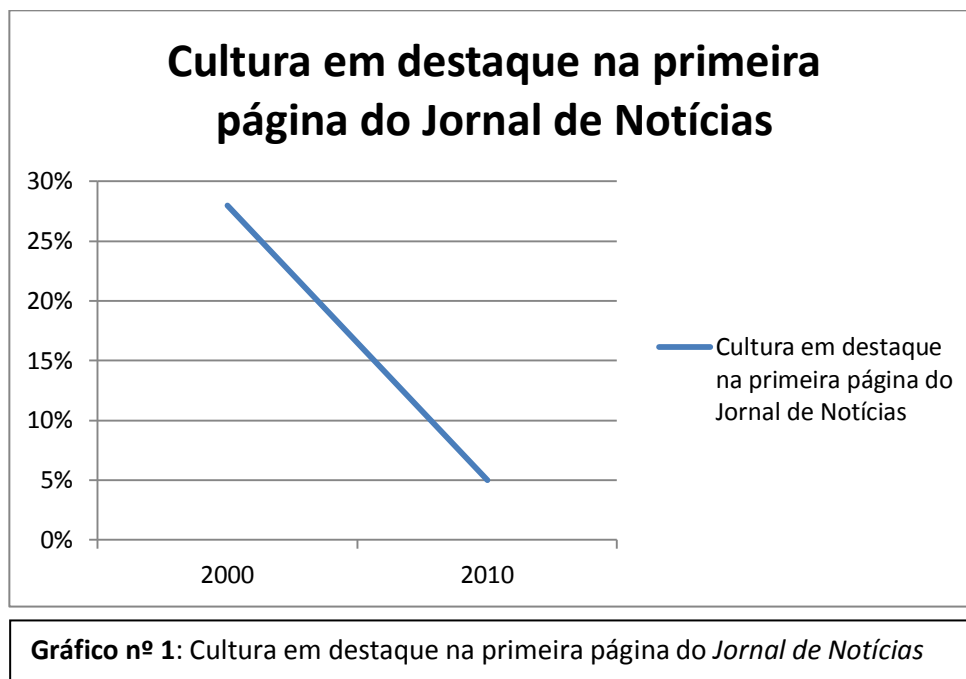
² <http://culturaprimeirapagina.fcsh.unl.pt/category/o-projecto/resultadosconclusoes/> As conclusões e gráficos apresentados baseiam-se nos dados que se encontram neste endereço.

notícias desenvolvidas. No caso dos festivais dominam as reportagens (39,6%), seguindo-se as críticas (28,8%), as notícias desenvolvidas (13,5%) e por fim as entrevistas (9%). A grande maioria das peças refere-se à actualidade (o que está a decorrer), contudo também se encontram textos onde os festivais são retratados e noticiados ainda antes do acontecimento ocorrer, ou seja, com um carácter pró-activo e de divulgação, cobrindo algumas vezes interesses de patrocinadores. Assim, podemos desde já concluir: a música (20%) é o tema que maior destaque ocupa nos assuntos da esfera cultural, imediatamente seguida pelo cinema (14%) e pela literatura (12%) que configuram os três temas responsáveis pela esmagadora maioria de conteúdos relacionados com cultura nos jornais portugueses. Dentro destas categorias há quatro acontecimentos que se destacam e que são os mais noticiados: óbitos, festivais, estreias e lançamentos.

Em relação ao destaque dado à cultura nas primeiras páginas dos jornais: tomando como exemplo o *Jornal de Notícias*, no ano 2000, temas relacionados com cultura fizeram capa em 50 edições. Se compararmos esse número com o ano 2010, houve uma diminuição considerável. Em 2010 há apenas 10 chamadas de capa relacionadas com cultura, o que representa um decréscimo de 28% para 5%. (Gráfico nº1). O estudo aponta para uma diminuição crescente ao longo dos anos de chamadas de capa relacionadas com cultura, e quando as há remetem, na grande maioria das vezes, para o suplemento que acompanha o jornal. De acordo com o mesmo estudo, existiu apenas uma excepção: o jornal *Público*, ao contrário da evolução decrescente das restantes publicações, noticiou mais cultura nas suas primeiras páginas. Com um aumento percentual de 32%, em 2000, para 49%, em 2010. (Gráfico nº2). No espectro oposto, ou seja, o jornal diário que mais diminui a importância da cultura nas suas primeiras páginas do ano 2000 para o ano 2010 foi o *Diário de Notícias*, com uma queda de 97 chamadas de capa entre 2000 e 2010, embora continuasse a ocupar em 2010 a segunda posição dos jornais que mais destaque dão à cultura: *Público* (49%), *Diário de Notícias* (22%), *Jornal de Notícias* (15%), *Expresso* (5%) e *Visão* (3%). O jornal *Expresso* passou de um semanário onde habitualmente se verificavam assuntos relacionados com cultura na primeira página (92%), em 2000, para um jornal onde as remissões culturais são quase nulas (5%), em 2010, configurando desta forma o jornal (se considerarmos diários e semanários) onde a queda de assuntos relacionados com cultura foi em maior escala. (Gráfico nº3) A *Visão* manteve a mesma tendência,

diminuindo as chamadas de capa com assuntos de teor cultural de 23%, em 2000, para 3% em 2010.

Em baixo é possível verificar os gráficos que ilustram a tendência decrescente do *Expresso* e *Jornal de Notícias* e, pelo contrário, o crescimento referente ao jornal *Público*:



Cultura em destaque na primeira página do Público

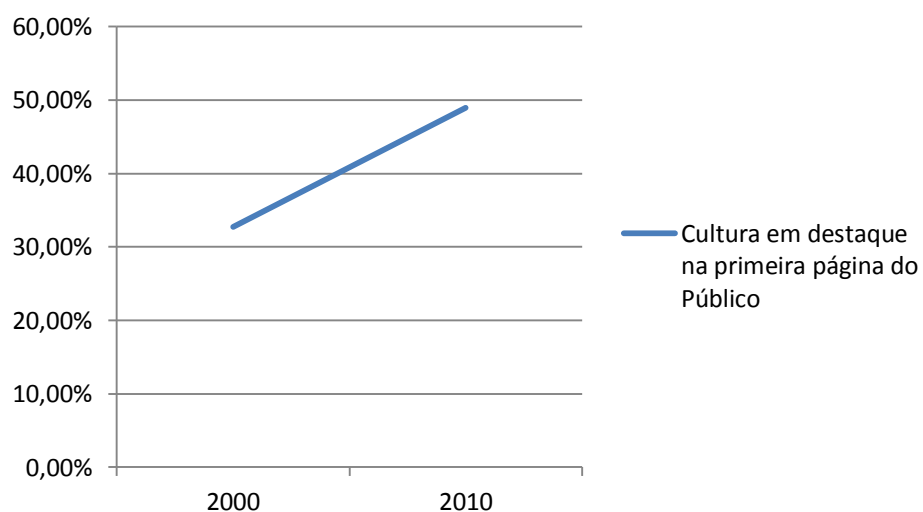


Gráfico nº 2: Cultura em destaque na primeira página do *Público*

Cultura em destaque na primeira página do Expresso

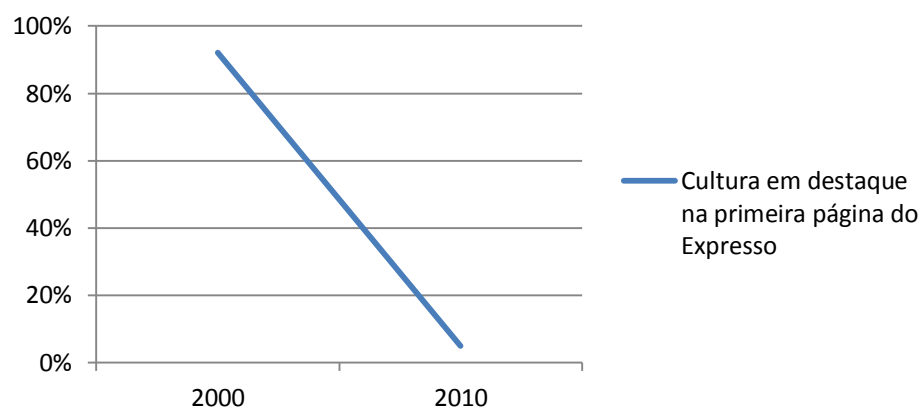


Gráfico nº 3: Cultura em destaque na primeira página do *Expresso*

Seria falso afirmar que os jornais portugueses não publicam notícias de cultura na primeira página, no entanto, o estudo em questão aponta para um facto crucial: quando o fazem, o destaque dado à cultura na primeira página raramente faz a manchete do jornal. A maioria dos temas culturais é apenas referenciado na primeira página, não representando contudo a importância central da capa e da respectiva publicação. Todavia, os suplementos culturais contribuem fortemente para esse destaque de primeira página através da remissão para os temas abordados nesse mesmo suplemento. A tendência é, por isso, de descida do número de manchetes e chamadas de primeira página para a cultura, com excepção, como já vimos, do *Público*, sendo que muitas dessas chamadas de primeira capa são feitas através de remissões para o suplemento.

Outra das conclusões do estudo está relacionada com as imagens que fazem as capas dos jornais. É cada vez mais evidente uma alteração no contexto, ou seja, um aumento da literacia visual tornando os apelos de capa mais sugestivos ao leitor, demonstrando a preferência da maioria dos leitores pela imagem ao invés da palavra. Por outro lado, as tecnologias digitais permitem e facilitam cada vez mais a inserção de imagens sem que isso traga qualquer tipo de prejuízo económico às editorias. Aos suplementos aponta-se ainda uma alteração na designação do léxico dos seus sumários:

2000	Literatura	Cinema	Artes	Música
2010	Livros	Filmes, estreias ou festivais	Exposições	Concertos ou discos

Os grandes temas que davam nome aos sumários no ano de 2000 são substituídos com o decorrer dos anos por acontecimentos concretos, horas e locais. Esta mudança pode ser entendida como um momento de “alteração do noticioso face ao cultural e do factual face ao temático” [<http://culturaprimeirapagina.fcsh.unl.pt/os-suplementos-culturais-sao->

uma-importante-dispositivo-para-dar-visibilidade-a-cultura/] Neste sentido, acredita-se que os suplementos ficam mais dependentes dos produtores e dos programadores do que estavam antigamente, na medida em que publicam com base em eventos concretos e esperados. Esta situação faz-nos, automaticamente, recuperar a perspectiva centrada nos acontecimentos e nos protagonistas (ícone), que anteriormente já tinha sido referida, em detrimento do objecto cultural em si, colocando em segundo plano uma abordagem neutra para passar a noticiar e agendar eventos. O estudo em questão dá um nome a este processo: “fulanização” (*Atribuir nome ou identificação a pessoas à partida indeterminadas ou cuja identificação não interessa para a discussão de uma questão*). Esta “fulanização” consiste na abordagem centrada na figura do autor tornando-o numa “celebridade cultural”, e vai culminar num tratamento mais superficial dos temas, com prejuízo da análise, da reflexão e do debate. A grande entrevista de perfil, onde mais do que a obra o interesse está centrado essencialmente no seu autor, vai assim substituindo os géneros jornalísticos da crítica e do ensaio.

Por outro lado, retomando a Tese de Mestrado de Dora Santos Silva o *corpus* analisado é bastante mais vasto e vai desde publicações generalistas até publicações mais especializadas. Entre os jornais e revistas que fizeram parte do estudo encontram-se *Público*, *Diário de Notícias*, *Actual* (antigo suplemento do *Expresso*), *Visão*, *Happy*, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, *Metro*, *Destak*, *NEO2*. O estudo teve lugar entre o final de 2007 e o final de 2008. A autora parece corroborar a tendência de “fulanização” das notícias de âmbito cultural, alertando ainda para uma inserção e miscigenação do conceito de lazer no de cultura, cada vez mais evidentes nos dias de hoje.

As *newmagazines*, caso da *Visão*, optam por uma cultura centrada, em grande parte, nas pessoas, nos artistas. (...) Os suplementos de lazer têm uma abordagem consumista e descontraída, nos quais são apresentados temas da cultura urbana, *design*, sinopses de filmes, exposições e concertos (...). Os jornais gratuitos reflectem a cultura como “Lazer”, sendo este o título da secção cultural. (Silva, 2008:97)

Também Teresa Maio Carmo refere o impacte do marketing cultural nas publicações que diariamente vimos e que cada vez mais optam pelo formato agenda cultural em detrimento da crítica e/ou ensaio: “A mistura entre promoção e jornalismo é um dado dos tempos: o especialista de marketing e o jornalista cultural estudam na mesma universidade” (Carmo,2006:4). Por outro lado, no entender de Dora Santos Silva, a crise de identidade apontada ao jornalismo cultural deriva, na grande maioria das vezes, “da subordinação à logica do mercado”. (Silva, 2008: 98) Citado por Dora

Santos Silva, Pedro Teixeira Neves a propósito da actualidade do mercado cultural partilha dessa lógica comercial e económica:

O mercado publicitário é regido pelas agências publicitárias que actuam em função quase única dos números de tiragem de publicações, beneficiando os títulos de grande tiragem que pertencem aos grandes grupos editoriais. (*apud* Silva:104).

Contudo, a presença de cultura nos jornais portugueses é ainda assim evidente e apesar do desincentivo recente por parte do Estado nesta indústria, actualmente quase todos os jornais portugueses têm suplementos dedicados exclusivamente à cultura e ao entretenimento. Encontra-se jornalismo cultural, na imprensa portuguesa, nos seguintes locais:

- Nas secções e suplementos de cultura, artes e lazer dos jornais diários, incluindo gratuitos, com diferentes abordagens de cultura, desde o culto das celebridades à cultura de elite (*Público, Correio da Manhã, Jornal de Notícias*);
- Nas secções culturais dos jornais regionais;
- Nas secções culturais das *newsmagazines* (*Visão, Sábado*);
- Nas secções culturais das revistas femininas (*Elle, Máxima, Vogue*);
- Nos semanários (*Expresso, Sol*);
- Em jornais especializados (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*);
- Em revistas de tendências (*NEO2, Umbigo*);
- Em guias de lazer (*Time Out*);

(Silva,2008:104)

As revistas de tendências, que até aqui ainda não tinham sido convenientemente referidas, (*NEO2, N&Style, DIF e Umbigo*) apostam numa cultura alternativa direccionada a um público jovem, consumidor de marcas de moda e de novos produtos culturais mais ligados à indústria criativa. A linha editorial procura manter um *layout* arrojado, dinâmico e criativo onde a cultura urbana e a moda são o centro. Não são publicações com muita procura nem são especialmente publicitadas, fora do seu nicho de público fiel, que conseguem manter. Um dos exemplos mais recentes destas revistas de tendências é a *Time Out*, com uma divulgação e marketing bastante mais acentuados

e com um público cada vez mais fidelizado e interessado nas indústrias que publicitam: hoteleira, gastronómica, entre outras.

Relativamente aos jornais generalistas actuais, Dora Santos Silva reitera no seu trabalho a escassez de estudos sobre a presença da cultura, o que impossibilita o traçar de uma evolução quantitativa objectiva. Contudo, concluí que, no cômputo geral, os jornais estão a publicar menos artigos sobre arte e cultura e a devotar, como já referi, mais espaço às listas e/ou agendas. No que respeita a secções, a de desporto tem ganho espaço em detrimento da de cultura e entretenimento. É de salientar, ainda, que os maiores cortes foram feitos nas temáticas de televisão e cinema de entretenimento. São várias as razões apontadas para este decréscimo de espaço dedicado à cultura, mas a principal, no entender da autora, está relacionada com "a ascensão dos *media* electrónicos em detrimento dos impressos, que tem como consequência para os últimos a diminuição de leitores, e por sua vez, de anunciantes, pressões que impõem limites de espaço que pode ser dedicado à cultura." (Silva, 2008: 112).

Para além das tendências até aqui identificadas, a autora dedicou um capítulo enumerando cada uma das oito principais tendências que actualmente vigoram. Com base neste trabalho, enumerarei cada um dos pontos identificados por Dora Santos Silva (Silva, 2008: 96-103), facultando sobre eles uma breve explicação e por vezes posição:

1. Há uma grande diferença no tratamento da cultura nas diversas publicações.

A cultura é, muitas vezes, tratada de forma muito díspar nas diversas publicações. Ainda é muito frequente a distinção nas editoras entre a “cultura superior” e a “cultura de massas” ou urbana. Não existe ainda uma publicação que trate os grandes temas políticos, sociais e económicos com uma abordagem cultural, relacionando os dois conceitos de cultura que parecem antagónicos, mas que não são. Outro dos factores apontados para justificar esta “confusão” generalizada relaciona-se com os espaços em que as diferentes publicações dividem as suas secções culturais. O exemplo mais ambíguo é o da revista *Relance* que tem as seguintes secções: Arte, Cultura, Arquitectura e Moda. Pressupõe-se que Cinema e Música serão os temas tratados na secção Cultura? Por que motivo existirá a necessidade de fazer essa distinção? Não

esquecendo, como já referi anteriormente, que a música e o cinema são, sem dúvida, as temáticas mais abordadas no âmbito cultural, não creio que estas possam ser agrupadas numa categoria denominada cultura, como se o restante o não fosse. Esta distinção contribui fortemente para uma diferenciação no conceito de cultura e pode resultar num entendimento errado por parte do público, fazendo distinção de actividades que são culturais mas que certas publicações assim não consideram. A autora faz ainda referência ao *JL* que, no seu entender, se dedica especialmente a uma cultura dita superior: literatura e educação. Este jornal reforçaria, no seu entender, o seu papel mais austero e sério através de um *layout* onde a mancha de texto ocupa o principal destaque.

2. As indústrias cinematográfica e discográfica dominam as páginas culturais da imprensa diária e semanal.

“O grande impacto que o cinema e a música têm no jornalismo cultural tem a ver com a máquina de marketing que está por trás destes dos sectores (...) que alimentam celebridades, implicam estratégias de comunicação e divulgação muito eficazes, e, logo muito poder” (Silva, 2008: 98). Para corroborar esta tendência, a autora adiciona dados concretos retirados da análise ao *Diário de Notícias* e ao *Público*, onde respectivamente a indústria cinematográfica ocupava 42% e 40% e a indústria discográfica 26% e 50% do espaço cultural nestas duas publicações. Na análise que fiz ao *Ípsilon*, suplemento cultural do jornal *Público* e que poderá ser consultado mais adiante, também a indústria cinematográfica, mas principalmente a discográfica, ocupam de forma evidente um papel mais preponderante e muitas vezes de destaque, quer seja nas capas do suplemento, como no número de artigos que lhe são dedicados ao longo da publicação.

3. Há espaço para uma ampliação da definição de jornalismo cultural.

A autora conclui que os sectores das indústrias criativas e culturais ainda não têm uma presença marcada e constante nos diários portugueses. Dá para isso duas justificações: ou porque não são vistos como “cultura” ou, por outro lado, porque não fazem parte da filosofia editorial. A verdade é que, no *corpus* analisado, a Arquitectura, Moda, Artesanato, *Design* e modos de vida são todos eles temas com uma presença bastante residual nos diários generalistas. Por outro lado, esses mesmos temas são os

preferidos a nível “cultural” nas revistas de tendências, marcando desta forma uma diferenciação evidente entre estas revistas e as restantes publicações.

4. A cultura está “subordinada” à agenda de eventos e às indústrias culturais.

A quarta conclusão, retirada pela autora, também já foi a referida e aludida por diversos autores. A cultura, nos jornais generalistas e não só, está na grande maioria das vezes associada ao acto de informar/divulgar de forma pró activa, descurando a interpretação e a reflexão. A propósito desta ideia, a autora cita Daniel Piza para corroborar a lógica da própria indústria e de como isso pode ser desvantajoso para o leitor.

(...) Lemos muito sobre discos, filmes, livros e outros produtos no momento da sua chegada ao mercado – e, cada vez mais, antes mesmo da sua chegada, havendo casos em que a obra é anunciada com largos meses de antecedência. No entanto, raramente lemos sobre esses produtos depois que eles tiveram uma “carreira”, pequena que seja, e assim deixamos de reflectir sobre o que significaram para o público de fato. (Piza *apud* Silva, 2008: 100)

Neste sentido, temos uma lógica de mercado quase inteiramente focada no imediato, dando divulgação às respectivas obras mas não aprofundando o impacte que estas podem vir a ter junto do público.

5. Está a crescer e a consolidar-se o jornalismo de divulgação.

Jornalismo de divulgação, ou jornalismo de serviço como Sérgio Luís Gadini definiu (citado por Silva 2008: 97) está, de forma resumida, relacionado com a substituição do conteúdo informativo e/ou de opinião por conteúdos de “serviço” e orientação ao consumo. Esta tendência desenvolveu-se de forma mais acelerada no decorrer do século XXI, e tem como exemplos revistas bastante populares como é o exemplo da *Time Out* que aborda a cultura como um grupo de bens de consumo: gastronomia, turismo, etc. O desenvolvimento deste formato de jornalismo parece

proporcional ao desaparecimento da crítica e da reflexão, cada vez mais exclusivas de revistas académicas e especializadas.

6. As revistas de tendências são o novo fenómeno editorial na cultura portuguesa.

Estas revistas são tendencialmente dirigidas a um público jovem e alternativo. As páginas revestidas de temáticas urbanas, não muito aprofundadas, dão grande relevo à imagem e à moda. As revistas de tendências exploram um tipo de cultura (subcultura) que até aqui não tem sido muito divulgada mas que tem um público cada vez mais fidelizado e especializado. Estas adaptações de conceitos estrangeiros são bastante importantes para a divulgação de marcas e de novos criadores, criando por isso um nicho de leitores bastante fiel.

7. Outras das tendências são revistas provenientes do custom publishing.

O *custom publishing* foi um conceito criado no âmbito do *marketing* e refere-se a publicações criadas por marcas. No caso específico destas revistas, o objectivo não é só o de informar mas também o de persuadir o leitor a adquirir bens/produtos publicitados pela marca. Existe alguma polémica em torno destas revistas pela falta de legislação sobre o problema de os jornalistas poderem ou não colaborar com revistas customizadas. São exemplos deste tipo de revistas a *LA Magazine*, que trata estilos de vida nos países onde a marca está representada, de forma a promover no leitor/cliente a ideia de expansão da marca (*Lanidor*); A revista *T*, da *TMN*, é outro exemplo deste tipo de publicações que aposta numa cultura assente em nomes populares do cinema, música e televisão aliados à propaganda e divulgação da marca.

8. Os blogues transformaram-se em meios e fontes de jornalismo cultural.

Com o avanço tecnológico, muitos foram os *blogues* que surgiram ao longo dos anos, muitos deles com conteúdo cultural. Alguns desses *blogues*, no entender da autora, preenchem lacunas existentes nas páginas culturais dos *media* generalistas portugueses e reflectem outras expressões culturais menos abordados nesses mesmos órgãos. Diria mesmo que eventualmente, muitos dos *blogues* dedicados a conteúdos culturais podem ser fontes de pesquisa para os próprios jornalistas. No entanto, é evidente, no meu entender, que um *blogue* não substitui de forma alguma o jornalismo cultural com códigos profissionais específicos. Os *blogues* são sem dúvida um avanço para a disseminação de conteúdos culturais e motores de pesquisa fáceis e intuitivos, com informação actualizada ao minuto, permitindo ao leitor tomar conhecimento de um sem número de assuntos relacionado com o panorama nacional e internacional. Todavia, a facilidade de criar um *blogue* leva à banalização desse instrumento, pelo que é importante ter sempre presente que algumas dessas plataformas são redigidas por pessoas sem qualquer tipo de formação na área do jornalismo ou da crítica. Assim, cabe ao leitor, no momento da pesquisa, ter especial atenção ao conteúdo a que acede e consulta a fim de filtrar a informação que é ou não fidedigna.

Através dos dois estudos consultados, o primeiro mais estatístico e o segundo mais analítico, é possível agora compreender como se encontram actualmente as principais tendências jornalísticas no que diz respeito à cultura. Há, todavia, ainda lacunas que devem ser exploradas. Obviamente que as tendências não se fecham ou reduzem apenas a estas aqui identificadas. Estão em constante mutação, transformação como é próprio da cultura, da sociedade e da informação. Não obstante, actualmente sente-se cada vez mais uma carência na abordagem económica e política de assuntos culturais. Ou seja, uma vez que assuntos relacionados com medidas governamentais podem ser abordados de um ponto de vista económico, político e social, as manifestações culturais devem poder usufruir dessa riqueza de conteúdo analítico. A título de exemplo, há cerca de seis meses, os *Dead Combo* (banda nacional) integraram a banda sonora de um filme de grande orçamento americano, *Focus* (2015). Apesar de usufruírem já de um certo estatuto, devido à sua longa carreira, não são de todo um grupo mediático. Todavia, com a notícia da utilização da música num filme de *Hollywood* depressa os meios de comunicação (jornais e televisões) fizeram notícias, reportagens, até mesmo as rádios começaram a passar a música. No entanto, em nenhum momento esta questão foi abordada de um ponto de vista económico, na medida em que a

fama da banda no estrangeiro pode proporcionar ao País turismo, reconhecimento da cultura, da nossa música além-fronteiras. Parece existir, por vezes, uma zona de conforto nas questões de origem cultural em que se fala sobre elas sempre e ciclicamente desse ponto de vista. Como objectos apenas e só de âmbito cultural, não recorrendo à inovação de procurar relacionar as realidades paralelas e complexas que uma sociedade deve ter e devem coexistir de forma natural. É importante, por isso, que além da divulgação dessa informação fosse alargado o campo de reflexão a vários conteúdos da vida política, social e económica do País permitindo desta forma novos entendimentos e horizontes de reflexão.

Em suma, uma das principais conclusões a retirar, até ao momento, é a de uma cada vez mais evidente substituição, em maior ou menor número, dos conteúdos de reflexão pelas agendas de eventos; mas não só, também a de uma desordem e amálgama entre géneros culturais e de entretenimento, que dificulta o entendimento e a percepção do que é cultura, o que é lazer e de que forma estes dois conceitos se relacionam. A propósito deste assunto Fernando Correia, no livro *Jornalismo e Sociedade*, refere que a confusão entre os géneros jornalísticos é cada vez mais evidente, “nomeadamente entre a notícia, o entretenimento e o comentário” bem como a “contaminação da informação pelo espectáculo, pela superficialidade e pela ligeireza”. (Correia,2000:73). Esta tendência pode estar na base da involução cada vez mais evidente de publicações especializadas e dedicadas a cultura, substituídas por publicações e revistas com registos mais ligeiros e com critérios mais mediáticos, apresentando novos estilos de construção e apresentação, consagrando o curto, o breve e a leitura rápida. Corroborando de alguma forma as afirmações de Correia, o professor Manuel Frias Martins, no livro *As Trevas Inocentes*, tece, a propósito da crítica jornalística, considerações sobre alguns críticos actuais que apresentam, no seu entender, “um modelo de jornalismo baseado na crítica pessoal e enxovalho” (Martins, 2000: 53), defendendo, por isso, que a crítica especializada está cada vez mais reduzida, embora não exclusiva, a revistas académicas e especializadas. Se, por um lado, são cada vez menos os críticos e o espaço dedicado à crítica e ao ensaio nos jornais e revistas actuais, ainda existem críticos que não valorizam e dignificam o estatuto e o privilégio que detêm, acabando muitas vezes por manchar a imagem de profissionais cujo trabalho se mantém neutro. No entanto, são estes críticos que, na opinião do professor Frias Martins, são realmente lidos e apreciados pela generalidade dos leitores:

Se o lamentável bestiário crítico é assim tão evidente, por que razão os bichos continuam à solta nos jornais? Porque eles são lidos, meu caro, porque eles é que são verdadeiramente lidos. Alguns dos mais sensíveis humanistas do Renascimento florentino raras vezes perdiam um "bom" espectáculo de luta de morte entre animais ferozes. A bicharada pode hoje em dia ter mudado, quer em espécie, quer em requinte. Mas o *nosso* prazer mórbido de ver seres a estraçalharem outros é basicamente o mesmo. (Martins,2000:55)

No entanto, ainda no mesmo texto, Frias Martins reconhece que existe um jornal que ainda compra regularmente e que ainda respeita e sustenta o jornalismo cultural: “devo dizer que ao longo do tempo também tenho encontrado na imprensa, e muito particularmente no *JL*, inúmeros exemplos de um bom jornalismo cultural.” (Martins,2000:55). O *Jornal de Letras, Artes e Ideias* é, na realidade, a publicação que está na base deste trabalho. É, por isso, chegado o momento de uma análise mais pormenorizada e detalhada: com uma estrutura similar a alguns dos suplementos culturais actualmente disponibilizados, será possível afirmar ou comprovar que o *JL* se rege e enquadra, de alguma forma nas tendências descritas, ou se por outro lado se demarca e se isola cada vez mais numa cultura, dita superior? Antes disso, fará todo o sentido falar um pouco sobre o papel do *Jornal de Letras* na sociedade portuguesa, sobre a sua história e sobre os membros que compõem o único jornal especializado em cultura a circular actualmente em Portugal.

PARTE II

O Jornal de Letras: enquadramento histórico

Em 1981, apenas seis anos e onze meses após o 25 de Abril, a política tinha tomado quase todos os quadrantes de expressão em Portugal. Apesar da oferta vasta que já havia no que diz respeito a jornais e revistas, faltava uma publicação que se dedicasse exclusivamente a assuntos de natureza cultural. *O Jornal de Letras Artes e Ideias* procurava colmatar essa lacuna e ser um projecto cívico e cultural, na linha das transformações que o 25 de Abril impunha mas que, até então, ainda não se faziam sentir. Na formação deste projecto esteve envolvido o grupo de *O Jornal*, que detinha também a responsabilidade de publicações como *Se7e*, *Jornal da Educação* e a revista *História*.

Como forma de introdução utilizo uma citação retirada da edição comemorativa nº 100, mas que diz respeito ao primeiro número do *JL* (*anexo 1*). Através das palavras do director, José Carlos de Vasconcelos, é possível ficar a conhecer as principais linhas que orientavam este novo jornal, os objectivos para o futuro, e o público a que se dirigia.

O JL aspira fazer jornalismo, e bom jornalismo especializado, na área a que se dedica. Compatibilizando no grau mais elevado possível a qualidade com a acessibilidade, ou mesmo a divulgação, queremos ser um quinzenário [leia-se agora: semanário] de cultura potencialmente para toda a gente. Recusamos, pois, todos os códigos das linguagens curadas e os exercícios herméticos para pretensos iluminados. Sem dúvida o *JL* é uma aposta e um desafio. Contra muitas coisas, entre as quais se contam o obscurantismo, o sectarismo, e a intolerância, as guerras de alecrim e manjerona de um certo Subdesenvolvimento mental. E a favor de muitas outras, entre as quais avultam a mudança de mentalidades e as transformações culturais que se impõem e que o 25 de Abril — também nossa razão — ainda não conseguiu realizar. (*JL*, nº 100: 2)

O *JL* tinha como principal objectivo desde o início: fazer um jornal cultural mas não eclético, um espaço dedicado à pessoa comum, a todos aqueles que tivessem interesse na cultura do seu País e quisessem, de uma forma prática e acessível, tomar conhecimento e obter informação, com a particularidade de oferecerem um jornalismo profissional e escurrito, de fácil entendimento. Em comparação com outros países da Europa, os meios de comunicação em Portugal descuravam a cultura e a importância que esta tinha na formação de uma sociedade desenvolvida e informada. Para reforçar esta ideia assistiu-se, no início da década de 80, à abolição de muitos dos suplementos literários que saíam regularmente com os jornais. Ou seja, o espaço dedicado à cultura e à literatura era cada vez mais diminuto. Este foi um ponto crucial na criação deste

projecto, como uma resposta directa e clara à falta de informação cultural que se fazia sentir no País. O outro objectivo, igualmente importante, era o de pretenderem ser um espaço de diálogo, um elo de ligação e um ponto de convergência entre todas as comunidades de língua portuguesa. Era um projecto ambicioso, com grandes probabilidades de fracasso, na medida em que enfrentavam dificuldades económicas e também políticas, como veremos mais adiante. No entanto, passados exactamente 34 anos o sucesso merecido faz valer a permanência deste jornal que continua a chegar quinzenalmente, nas quartas-feiras, às bancas nacionais.

A edição comemorativa nº 100 é, ainda hoje, uma edição especial, na medida em que fornece informações sobre os primeiros números do jornal, revelando dados de interesse histórico e político. Além dos comentários do director, José Carlos de Vasconcelos, podem ler-se também opiniões e testemunhos de colaboradores e assinantes sobre a importância dos 100 números de *JL* na sociedade portuguesa.

A propósito de dificuldades de manutenção do jornal, o director descreveu no nº 100, em tom de confidência e desabafo, alguns dos principais entraves, que não eram apenas económicos, com que se digladiavam nos primeiros tempos e que impediram, segundo o próprio, o *JL* de crescer tanto quanto gostariam:

Sabido como é um jornal independente, como nós somos, pertencente a um grupo de profissionais de Informação, o grupo de «*O Jornal*», totalmente independente do poder económico e político, vive apenas das receitas de venda e da publicidade, (...) Não são assim pequenas as nossas limitações, que explicam certa falta de meios que ainda se verifica em boa parte responsável por o *JL* ainda não ser aquilo que desejaríamos todos que o fazem. Acresce, quanto a dificuldades, que ainda não temos subsídio de papel, subsídio concedido mesmo a folhas sem qualquer espécie de recomendação, mas que tratam de «política» que para alguns parece ser a única coisa que merece o apoio do Estado, mesmo quando exercida da forma mais condenável e mesmo afrontosa para o regime democrático. Trata-se de uma situação incrível, que já aqui denunciámos e ainda se mantém em breve saberemos se vai ou não persistir. Como se mantém outra situação aqui oportunamente salientada que é a do total silêncio da RTP, mesmo em programas culturais, relativamente ao nosso jornal. (*JL*, nº 100:2)

No início da década de 80, José Carlos de Vasconcelos, dirigente, criador e director do *JL*, teve a ideia de fazer um jornal dedicado às letras, quinzenário, e completamente novo, sem qualquer modelo similar. Inicialmente, o objectivo era publicar apenas durante seis meses. Com a ideia em desenvolvimento, necessitava de pessoas capacitadas e distintas para as diversas áreas que o jornal deveria comportar. A

orientação artística e a ilustração ficaram a cargo de João Abel Manta. O director adjunto e chefe de redacção foi, inicialmente, António Mega Ferreira, até 1985. A partir de 1986, e até 1992, foi Luís de Almeida Martins que desempenhou essas funções. Do conselho editorial faziam parte Augusto Abelaira e Eduardo Prado Coelho, sendo este último o responsável pela designação 'Ideias' que viria a ser parte integrante do título do jornal, bem como responsável pela constituição da equipa de críticos das diversas áreas. José Saramago, Agustina Bessa-Luís, Jorge de Sena, Eugénio Lisboa, Eduardo Lourenço, Sophia de Mello Breyner Andresen, Vasco Graça Moura, foram alguns dos nomes, de entre muitos escritores, que colaboraram nos primeiros 100 números. Estes e tantos outros autores fizeram do *JL* um instrumento crucial na disseminação da cultura portuguesa naquela época. Hoje em dia, o *JL* é praticamente um marco histórico porque permite-nos estudar os textos, as críticas e a genialidade daqueles autores, muitos deles, infelizmente, já desaparecidos.

A existência de colaboradores permanentes era difícil, até mesmo pela incerteza da continuação do jornal, pelo que a colaboração era feita de acordo com os interesses e especialidades de cada um que aceitava colaborar e participar no *JL*, número a número. A hierarquia veio sendo alterada ao longo dos anos, no entanto a direcção manteve-se sempre a cargo de José Carlos de Vasconcelos. A partir de 1992 a função de director adjunto e chefe de redacção foram extintas e passou a existir apenas a função de editor. Os editores foram, desde essa data, José Jorge Letria e José Manuel Rodrigues da Silva. Presentemente essa função está a cargo de Pedro Camacho.

O Jornal de Letras: tiragem e preços

Foi numa terça-feira de 1981, dia três de Março, que o *Jornal de Letras* saiu pela primeira vez à rua. A tiragem, para os primeiros números do jornal, estava fixada entre os 8 e os 10 mil exemplares. No primeiro número, excepcionalmente, foram impressos 30 mil exemplares que rapidamente esgotaram, bem como os 10 mil reimpressos dias depois. O sucesso imprevisível dos primeiros números fez com que, nas edições seguintes, a tiragem se mantivesse nos 20 mil exemplares. No dia 22 de Novembro de 1983, dois anos depois do lançamento do primeiro número, o então quinzenário passava a semanário. Em Dezembro de 1991 a tiragem diminuía para 14 175 exemplares o que resultaria, depois de 11 anos como semanário, a um regresso ao formato quinzenal. No entanto, verificou-se um aumento substancial do número de páginas, de cerca de 28 para 40, a cores, e com um grafismo completamente renovado. Este novo formato viria a manter-se até aos dias de hoje, apenas com algumas alterações ao nível dos gráficos uma vez que a estética dos avanços tecnológicos assim o exigiram. Actualmente, ou seja, em 2015, a tiragem está fixada nos 10 500 exemplares com uma periodicidade quinzenal. No quadro em baixo pode verificar-se a diminuição da tiragem ao longo dos anos:

1981	1983	1991	2015
Entre 8 e 10 mil	20 mil	14 175	10 500

Ou seja, a tiragem do *JL* mantém-se actualmente na que inicialmente havia sido pensada, em 1981, quando chegava às bancas, com todos os receios e inseguranças que um novo jornal representa e acarreta. Este cenário reflecte de forma inequívoca a perda de leitores, ao longo dos anos, que resultou num decréscimo acentuado do número de tiragens. A redução da tiragem, fixada actualmente nos 10 500 exemplares, foi resultante de uma diminuição acentuada de vendas desde 1991 até 2015, o que levou a uma retirada de 3675 exemplares de circulação. O número de exemplares vendidos é controlado, de perto, pela direcção, pelo que o número de tiragens está em sintonia com o número de vendas. Quando verificam uma diminuição acentuada e prolongada de vendas, a tiragem é automaticamente diminuída.

No que diz respeito ao preço do *JL*, os valores foram dilatando significativamente ao longo dos anos. No ano em que iniciou a sua publicação, em 1981, o preço do *JL* era 25 escudos. Três anos depois, em 1984, o preço aumentou para 40 escudos. Entretanto, o preço foi continuando a aumentar ao longo dos anos, e em 1992 o preço do jornal estava fixado nos 150 escudos. Em apenas 11 anos o preço aumentou 125 escudos. Com a viragem do milénio e a passagem para euros, em 2005 o preço já era 2,60 euros e actualmente, em 2015, encontra-se nos 2,80 euros. Ou seja, assistimos, nos últimos dez anos, a uma estagnação considerável do aumento do preço. Se, por um lado, de 1981 a 1992 (11 anos) o preço aumentou 125 escudos, de 2005 a 2015 (10 anos) aumentou apenas 0,20 cêntimos, o equivalente a 40 escudos. Já citadas em cima, por José Carlos Vasconcelos, estão algumas das razões que levaram o *JL* a ter um preço mais elevado do que aquele que inicialmente pretendiam os seus responsáveis: dificuldade de patrocinadores, o preço do papel, da impressão, a ausência de subsídios, etc. Na tabela em baixo é possível verificar a evolução, ao longo dos anos, do preço do *JL*:

1981	1984	1992	2005	2015
25 Escudos	40 Escudos	150 Escudos	2,60 Euros	2,80 Euros

O Jornal de Letras: público

O ser humano cultivado é feito de papel (José Saramago)

O tipo de público a que o *JL* se dirige é, no meu entender, muito específico, como se depreende a partir do planeamento e estrutura do próprio jornal. De qualquer modo, não encontrei elementos que me permitissem caracterizar de forma precisa um tipo único e exclusivo de público. No entanto, e talvez de forma demasiado apriorística, enquanto trabalhei no *JL* fiquei com a noção de que a maior parte dos assinantes deste noticiário são pensadores, estudiosos e figuras relacionadas, directamente, com a cultura dita ‘erudita’. Num primeiro olhar, posso compreender que o *JL* não seja considerado uma publicação atractiva, que desperte imediatamente o interesse dos mais jovens, principalmente se estes não tiverem como área de estudos as artes ou a literatura. A pretensão, acredito, não é de todo a de despertar no leitor/cliente o acto da compra irreflectida, como se verifica na grande maioria das revistas e jornais sensacionalistas. Creio que um dos motivos, ainda que menor, para esse distanciamento do público mais jovem, e menos votado às artes, se deva ao formato e grafismo bastante austero que ainda hoje o *JL* apresenta, optando-se por destacar a mancha de texto, em detrimento muitas vezes de uma imagem apelativa. No entanto, esta posição define a marca do *JL* e diferencia-o das restantes publicações. Contudo, não creio que esse seja o único motivo que me levou a constatar o desconhecimento deste jornal por parte de vários amigos e colegas, de outras áreas de estudos. Outra das razões que se podem apontar é o facto de os autores tratados nas páginas do *JL*, e que fazem regularmente as suas capas, serem muitas vezes desconhecidos do grande público. Só nos centenários, ou em datas específicas, são feitas capas com os autores amplamente conhecidos pelo público, como por exemplo Eça de Queirós, Fernando Pessoa, José Saramago, entre outros. Na verdade, os grandes temas do *JL* estão maioritariamente ligado à literatura, e não tanto à música ou ao cinema como se constata nas actuais tendências (veja-se Parte III). O que procuro afirmar é que o *JL* não procura ser um jornal que leva o público a adquiri-lo com base em pretensas ou iluminadas descobertas imediatas ou sensacionalismos básicos. E nisso, podemos afirmar, tem-se mantido fiel desde a sua fundação.

Assim sendo, penso que é correcto afirmar que as matérias disponibilizadas no jornal são direccionadas aos interesses e aos conhecimentos que um determinado

público apresenta. Neste caso, falamos de um público interessado pelas artes: literatura, educação, dança, teatro, também música e cinema.

A minha finalidade não é fazer uma estatística precisa mas sim traçar o perfil do público que assina regularmente o *JL*. Assim, com base em tudo o que tenho vindo a exemplificar até aqui, parece lícito crer que o interesse que um jornal como o *JL* desperta no público menos erudito, não académico, ou mais afastado do mundo das artes e do espectáculo é, em grande parte, e como na grande maioria das publicações, determinado pelo tema tratado na capa, ou seja, pelo factor mediático. No entanto, o *JL* não pensa, ao contrário da maior parte dos outros meios de comunicação social, a sua capa sobretudo com o intuito de vender. Obviamente, o objectivo de qualquer publicação é vender e evidentemente que o *JL* tem interesse em destacar e tornar apelativo o grande tema que faz capa. Contudo, não está focado nos autores conhecidos do grande público porque há um público mais restrito que é fiel e que compra regularmente o jornal, porque é conhecedor dos assuntos tratados e procura um tipo de informação mais especializada. Na edição comemorativa número 1000 é possível ler testemunhos de figuras da vida política (Aníbal Cavaco Silva, José Manuel Durão Barroso, entre outros) onde, além de tecerem largos elogios ao papel que o *JL* representa na sociedade portuguesa, admitem serem assinantes regulares do mesmo desde os seus primórdios.

Como já referi anteriormente, um dos objectivos principais do *JL* foi o de criar um elo de ligação entre todos os países lusófonos. Também por esse motivo, uma boa parte dos assinantes vive fora de Portugal. Essa missão parece-me ter sido alcançada com sucesso, tendo em conta que o número de assinantes que o *JL* tem em países como Cabo Verde, Brasil, Angola representa uma quantidade generosa das vendas. De acordo com informações cedidas pela redacção, cerca de 4000 exemplares são enviados regularmente para essas comunidades lusófonas, onde além dos assinantes regulares ficam também disponíveis em departamentos de Estudos Portugueses para que professores e alunos possam ter acesso ao jornal. Esses 4000 exemplares representam praticamente metade da tiragem do *JL*.

Em suma, creio que a matéria tratada e consequentemente o público a quem o jornal se dirige pode ser compreendido e comparado a um livro de matéria específica. Para que seja mais fácil compreender esta analogia procurarei exemplificar com um

modelo prático. O preço de um livro especializado num determinado tema, por exemplo, um livro para estudantes de medicina tem um valor substancialmente superior ao de um livro comum, por exemplo um romance editado em grande escala. Isso explica-se através da lei da oferta e da procura. Ou seja, um livro especializado é direccionado para um leitor também ele especializado e por isso com um grau de exigência superior e que necessita obrigatoriamente de adquirir aquele livro, não podendo substituí-lo por outro. Assim sendo, o valor desse livro está indexado à necessidade que o leitor tem. No caso do *JL* a questão não está circunscrita ao preço, mas sim ao facto de ser um jornal muito especializado e por isso estar direccionado também ele para um público especializado e particular. Ou seja, um público que não pode substituí-lo por outro, na medida em que não há actualmente um modelo semelhante no mercado. O sucesso do *JL* está, na minha opinião, inteiramente centrado no público que o adquire de forma assídua e fiel. É um jornal que aposta na clarividência informativa e no rigor profissional e por esse motivo mantém tão bem, como poucos, a fidelidade daqueles que o assinam regularmente. Neste sentido, e como forma de corroborar estas afirmações, penso que a melhor forma de compreender o sucesso do *JL* está na sua equipa e na sua redacção. Nada melhor, por isso, do que conhecê-la e saber como opera.

O Jornal de Letras: redacção

As condições, a organização e os processos que se encontram em vigor, presentemente, na redacção do *JL* também são de grande importância e interesse para a compreensão do trabalho desenvolvido por este jornal. A equipa que trabalha diariamente na redacção é hoje constituída apenas por cinco colaboradores e o director. São eles, Carolina Freitas, Francisca Cunha Rêgo, Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte e José Carlos de Vasconcelos. Cada um dos membros é especialista numa matéria e, por norma, escreve acerca do tema sobre o qual tem mais conhecimento e à vontade. Manuel Halpern é o responsável pelos artigos e notícias de maior formato sobre cinema e música, bem como algumas críticas cinematográficas e discográficas. No entanto, não é o único a dedicar-se a esses temas, sobre música e cinema há ainda dois colaboradores, que não fazendo parte da redacção, participam recorrentemente no jornal através de artigos de natureza crítica: Manuela Paraíso sobre música e João Barrento sobre cinema. A subsecção *discos* (apresentação de trabalhos musicais que saíram recentemente) também é, por norma, da responsabilidade de Manuel Halpern, que é presentemente o único colaborador da redacção, além do próprio director, que assina uma crónica fixa no jornal, *O Homem do Leme*. Por outro lado, Luís Ricardo Duarte é responsável pelos trabalhos feitos no âmbito da literatura. Por norma, as entrevistas com escritores e a *estante* (publicação fixa onde é feita uma breve descrição das obras editadas durante o mês) são feitas por ele. Apesar de ter trabalhado com conteúdos bastante diversificados durante o estágio, desde banda desenhada, a exposições de pintura e escultura e até conferências, a maior parte do meu trabalho foi direccionado para a literatura e para o contacto com escritores. O Ricardo foi, por isso, o colaborador com o qual trabalhei mais de perto e durante mais tempo. Leonor Nunes é o membro mais antigo, actualmente, na redacção, com uma experiência de 20 anos. Os seus trabalhos são mais direccionados para as artes plásticas, o teatro e a arquitectura. Por sua vez, Francisca Cunha Rêgo tem a responsabilidade, quase integral, do suplemento *JL/Educação* que sai juntamente com o jornal, uma vez por mês. Por último, Carolina Freitas é o membro mais novo da equipa e não tem uma secção fixa, costuma escrever sobre vários temas e auxilia, frequentemente, a Francisca na conclusão do *JL/Educação*. Apesar de quase todos terem as suas secções fixas e as suas especialidades definidas, nos dois últimos dias antes de o jornal ser enviado para a gráfica, todos se dedicam às mais variadas áreas, sem distinção de especialidades.

As primeiras três páginas do jornal (segmento *Destaque*) são, estritamente, de cariz noticioso e podem ser redigidas por qualquer dos membros da redacção desde que este já tenha terminado os seus trabalhos, e esteja, por isso, com mais tempo livre. A revisão de todos os textos é feita pelos membros da equipa, há um espírito de entreajuda bastante evidente, as segundas opiniões sobre uma entrevista ou sobre um comentário a um determinado assunto são de grande importância. Contudo, nada é impresso sem a revisão final do director: à medida que vão sendo concluídos, os artigos que devem constar no *JL* ficam disponíveis na aplicação informática *NewsEdit*, onde o director vai rever todos os textos pouco tempo antes da paginação e posterior impressão. O director, José Carlos de Vasconcelos, trabalha directamente com os colaboradores, orientando e respondendo às principais dúvidas e incertezas, quando as há. Abaixo do director, não existe uma hierarquia: todos desempenham o mesmo nível de funções.

O jornal tem, obrigatoriamente, de ser enviado para impressão na segunda-feira da semana em que sai. Ou seja, se sai à quarta-feira, dia 20, a impressão tem que ser feita na segunda-feira, dia 18, para que possa ser distribuído antecipadamente pelo país e pelas comunidades lusófonas.

As reuniões de preparação dos próximos números ocorrem na terça-feira imediatamente a seguir, ou seja, ainda nem o *JL* está na rua e já se prepara o próximo número. As reuniões são encabeçadas pelo director que questiona, individualmente, cada um dos colaboradores sobre as novidades que há, no panorama nacional e internacional, nas próximas duas semanas. A maior parte dos temas principais e que fazem capa do jornal são escolhidos pelo director. Uma das principais preocupações é dar destaque a eventos que ainda não tenham ocorrido: por exemplo, se existir alguma exposição a inaugurar para breve, é prioritário falar com o responsável ou com o artista antes que aconteça. O factor noticioso e pró-activo é de grande importância. Todas as sugestões têm, obrigatoriamente, de ser aprovadas pelo director e só depois da aprovação os colaboradores começam a desenvolver as ideias e a marcar as entrevistas.

A concluir este capítulo, é importante referir que existem ainda colaboradores do *JL* que não estão diariamente na redacção mas representam uma parte importantíssima e distintiva do *JL*, pois muitos deles são os colaboradores mais experientes no jornal e dedicam-se essencialmente à crítica, nos mais variados quadrantes. São vários e estão distribuídos pelas várias secções do jornal, participando regularmente através de artigos

relacionados com estreias, conferências, óbitos, entre outros. Através de um olhar arguto e sempre pertinente, os responsáveis pelos principais textos de crítica são: Helena Simões sobre Teatro, Sofia Soromenho sobre Dança, Miguel Real sobre Letras, João Ramalho Santos sobre Banda Desenhada e Rocha de Sousa sobre Exposições de pintura e escultura, essencialmente. São estes os nomes que, actualmente, e juntamente com João Barrento e Manuel Paraíso, já referidos no capítulo anterior, são os responsáveis pela grande quantidade e qualidade de crítica nas páginas do *JL*. No entanto, há ainda crónicas fixas cuja presença é uma constante no *JL*, bem como textos dos mais variados quadrantes, que contam com a participação de um sem número de figuras importantes das letras e das artes portuguesas, tais como Eugénio Lisboa, Viriato Soromenho Marques, Lúcia Jorge, Jorge Listopad, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, entre outros. A lista é interminável e conta ainda com tantos nomes que não seria possível citá-los a todos. Não obstante, estes colaboradores apesar de permanentes não estão em todos os números do jornal, tal quantidade e qualidade vai-se revezando, sempre que os temas assim o exigem, pelas diferentes e expressivas secções que o *JL* disponibiliza.

O Jornal de Letras: secções

A estrutura do *JL* é bastante regular, apesar de acompanhar escrupulosamente a actualidade cultural do país. Vários temas pressupõem vários intervenientes, pelo que a colaboração nas páginas do jornal não está restrita aos cinco membros da redacção, como já indiquei. Os colaboradores permanentes são bastantes, ainda que muitos deles fiquem algum tempo sem escrever. As entrevistas e a informação de índole noticiosa é feita pelos membros da redacção, enquanto os restantes colaboradores participam activamente na elaboração de exposições sobre um determinado autor, crónicas e principalmente crítica. As crónicas fixas que o jornal tem actualmente não são numerosas. Quando digo fixas, refiro-me apenas àquelas que saem, sem excepção, em todos os números. Antes de avançar para a explicação e detalhe da existência de crónicas fixas penso ser essencial, para melhor compreender a estrutura do jornal, detalhar o número de secções em que o *JL* se divide:

- **Letras:** Entrevista /Biografia

Crítica

Livros

Estante

- **Artes:** Festivais

Espectáculos

Entrevista

Exposições

Filmes

Discos

- **Ideias:**
 - Entrevista
 - Opinião
 - Crónica/ Livros
- ✓ ***Destaque:***
 - Breves
 - Vai Acontecer
 - Notícias de formato médio
- ✓ ***Debate-Papo:***
 - Crónica
 - Crítica
 - Autobiografia / Diário

Há três grandes secções por onde todos os artigos são divididos, de acordo com o tópico onde melhor se encaixam: *Letras*, *Artes* e *Ideias* são as principais secções que dão nome ao jornal. A dar título a páginas, e excluídas destas três principais secções, temos também o *Destaque* e o *Debate-Papo*. Talvez não possam ser consideradas secções mas fazem toda a diferença na estrutura do jornal e são “segmentos” que saem em todas as edições do jornal. Neste sentido, optei por referir-me a estas “mini secções” por segmentos, de forma a distingui-las das três principais secções do jornal.

Há, ainda, um segmento que é utilizado excepcionalmente: *Tema*. A redacção recorre a este tópico quando o assunto da capa não se enquadra em nenhuma das três secções principais que identifiquei, ou, por exemplo, quando se trata de uma efeméride. Temos o exemplo do número 1145 onde o tema tratado na capa foi dedicado à I Guerra Mundial. Uma vez que se tratava de um assunto histórico e não se enquadrava em

nenhum dos principais tópicos do jornal foi utilizado o segmento *Tema* onde surgiram os textos e artigos relacionados com o tópico. Quando utilizado, o segmento *Tema* é colocado entre o *Destaque* e *Letras*. Em relação a artigos fixos, ou seja, aqueles que, por norma, saem em todos os números do *JL* temos: *Autobiografia Imaginária*, de Valter Hugo Mãe; *O Homem do Leme*, de Manuel Halpern; *Ecologia*, de Viriato Soromenho Marques; *A Paixão das Ideias*, de Guilherme D'Oliveira Martins; *Os dias da Prosa*, de Miguel Real; *Olhares*, de Rocha de Sousa e *Editorial*, de José Carlos de Vasconcelos. As restantes crónicas, dos vários colaboradores já identificados, saem com mais ou menos periodicidade. Por outro lado, os textos de índole crítica seja sobre teatro, dança, literatura ou banda desenhada, costumam sair em quase todos os números, mas são muitas vezes regulados pelo cartaz cultural do País.

Penso que a melhor forma de iniciar a descrição e organização do *JL* passa por discriminar os detalhes de cada uma das secções e subsecções, de forma a facilitar o entendimento da estrutura e da paginação. Esta descrição é essencial para que se compreenda quais os artigos fixos e os tópicos essenciais.

Destaque: O *Destaque* é redigido, na íntegra, pelos membros da redacção. A estrutura é profundamente idêntica em todos os números. Na página dois, logo a seguir à capa, pode ler-se o *Breve Encontro*. Esta rubrica é fixa, ou seja, sai em todos os números do *JL* mas pode ser feita por qualquer um dos cinco colaboradores. Tem por base uma entrevista com o responsável de um determinado evento, as áreas são bastante vastas e vão desde festivais de músicas, de banda desenhada, colóquios de arquitectura, entre outros. Nessa mesma página pode ver-se ainda o *Vai Acontecer*, que consiste numa breve notícia, cerca de 500 caracteres, onde se dá conta de uma exposição ou de um congresso que vá acontecer nos dias imediatamente a seguir à saída do *JL* para as bancas. Para terminar, nessa mesma página, são reproduzidas cerca de quatro / cinco notícias da actualidade cultural, também elas de pequena dimensão, cerca de 500 a 1000 caracteres.

Na página 3 surge a crónica de José Carlos de Vasconcelos, *Editorial*, que sai com todos os números do *JL* e acompanha a actualidade política, social, económica e cultural do País. As restantes páginas da subsecção *Destaque* (por norma esta subsecção tem três páginas) são dedicadas a uma, por vezes duas, colunas de breves notícias, no máximo com 100 caracteres, sobre exposições, lançamentos de livros, etc. As restantes

notícias, com um número bastante maior de caracteres, até 5000, contam com um carácter mais informativo e jornalístico, e estão relacionadas com eventos culturais que se avizinham ou que aconteceram recentemente, tais como entregas de prémios, festivais gastronómicos, entre outros. Nesta subsecção, que pretende maior rapidez e esquematização, é muito utilizado o método da entrevista num formato de texto corrido em detrimento do método pergunta-resposta.

Letras: A secção *Letras* é dividida em três ou quatro subsecções. Esse número pode variar, no caso de ter, ou não, entrevistas a escritores. Assim sendo, quando existem entrevistas temos quatro subsecções. São elas: *Entrevista*, *Crítica*, *Livros e Estante*. No caso de não existir uma entrevista, apenas três subsecções. As entrevistas são feitas, por norma, pelos colaboradores da redacção, as críticas e os comentários a livros, recentemente editados, podem ser feitas pelas várias pessoas que colaboram regularmente com o jornal. No espaço dedicado à *Crítica* encontramos a crónica literária e fixa de Miguel Real, *Os dias da Prosa*. Por outro lado, a *Estante* é um espaço dedicado à selecção de algumas obras recentemente publicadas, onde é feita uma breve descrição do conteúdo do livro e de aspectos importantes acerca do autor. É, portanto, uma espécie de catálogo literário onde é possível adquirir conhecimento e ir acompanhando a actualidade dos autores que estão a ser publicados ou traduzidos em Portugal.

A *Estante* literária é, na grande maioria das vezes, redigida pelo Ricardo Duarte. Nesta secção há, ainda, um *Breve Encontro* literário. Tal como o BE da página dois, trata-se de uma entrevista mas, desta vez, a um escritor, a propósito de uma obra recentemente publicada. Por norma, a obra que obtém maior destaque, e é por isso escolhida para um maior desenvolvimento em comparação com os restantes livros identificados na *Estante*, é uma escolha do director.

Artes: Na secção *Artes*, a estrutura é semelhante à anterior. Os artigos são separados e colocados por categorias: *Festivais*, *Espectáculos*, *Exposições* e *Filmes*. As entrevistas, e os artigos sobre cada uma das categorias, podem ser feitas por qualquer um dos cinco colaboradores, ou pelos colaboradores fixos que não fazem parte da redacção. Não há regras concretas neste caso para quem escreve o quê, ou sobre o quê. No entanto, o trabalho mais jornalístico e investigativo é maioritariamente realizado pelos membros da redacção. Por outro lado, os artigos de índole crítica são, por norma, redigidos pelos

colaboradores externos que se dedicam de forma mais evidente ao jornalismo crítico ao invés do informativo. Todavia, não há uma regra que dite que o jornalista da redacção não faz trabalhos de crítica - Manuel Halpern faz frequentemente crítica cinematográfica - ou que os colaboradores externos não façam, eventualmente, uma entrevista. Ainda na secção *Artes* surge mais uma crónica fixa, *Olhares*, de Rocha de Sousa. A Crónica de Rocha de Sousa é um texto com uma essência marcadamente crítica dedicado, essencialmente, às artes plásticas, a autores e exposições. Os artigos sobre dança, teatro e música, de Sofia Soromenho, Helena Simões e Manuela Paraíso, respectivamente, também são presença assídua nesta secção do jornal, embora não tenham uma periodicidade fixa ou obrigatória. Na secção *Artes* há ainda espaço para uma página dedicada aos discos recentemente lançados. Esta página tem o formato da *Estante* que já referi anteriormente, a propósito da secção *Letras*, mas desta vez é inteiramente dedicada à música. A estante de discos não sai em todas as edições do jornal, e pois está, obviamente, condicionada ao lançamento de novos discos e à qualidade que estes apresentem no entender do responsável por este espaço, Manuel Halpern.

Entre as secções *Letras* e *Artes* estão reservadas quatro páginas para a programação cultural. A *Agenda Cultural* segue, de Norte a Sul, as exposições, peças, concertos e colóquios, facultando informação detalhada sobre espectáculos e os mais variados eventos culturais a acontecer nas várias cidades do País.

***Ideias*:** Esta secção é, tal como o nome sugere, de todas, aquela que se dirige e se debruça sobre os tópicos mais amplos. É iniciada, por norma, com uma entrevista a uma figura do panorama cultural: as áreas são as mais variadas, desde políticos, a músicos, realizadores de cinema. As temáticas variam e são, frequentemente, influenciadas pelos temas da actualidade. É também nesta secção que se pode encontrar as crónicas fixas de Guilherme D'Oliveira Martins e Viriato Soromenho Marques, *A Paixão das Ideias* e *Ecologia*, respectivamente. Trata-se de um espaço dedicado ao pensamento do mundo contemporâneo e aos assuntos com maior destaque na actualidade.

A crónica de Viriato Soromenho Marques é o exemplo perfeito da abrangência desta secção, na medida em que trata tópicos diversos: livros, conferências, e todo o tipo de receios ou problema relacionado com a ecologia e com o meio ambiente. A ecologia é uma temática muitas vezes negligenciada em outras publicações e igualmente parca

nas restantes páginas do *JL*. Faz, por isso, todo o sentido que exista uma secção como a *Ideias* que se debruça sobre este tipo de temática e interesses.

Debate-Papo: Este segmento é o último do jornal e é dedicado, quase na totalidade, às crónicas de opinião e crítica. É também aqui que encontramos as crónicas fixas de Valter Hugo Mãe e Manuel Halpern, *Autobiografia Imaginária* e *O Homem do Leme*, respectivamente. Outras crónicas presentes nessa secção são *Pretextos* de Helder Macedo, *Segunda Via* de Jorge Listopad, *Paralaxe* de Afonso Cruz, *Pro Memoria* de Eugénio Lisboa, entre outras. A periodicidade destas crónicas é irregular, ou seja, não é fixa com todos os números do *JL*, podendo ser substituídas, frequentemente, umas pelas outras. O segmento que fecha o *JL* é, portanto, uma área dedicada a pensamentos, constatações e principalmente opiniões e ideias. Não é um campo noticioso ou informativo, mas sim lúdico. Faz por isso, no meu entender, todo o sentido que se encontre no final do jornal. É uma forma de prestar ao leitor uma despedida informal, até relaxante, depois de toda a informação de cariz noticioso nas anteriores páginas do *JL*.

Por fim, a última página do jornal é dedicada às rubricas *Autobiografia ou Diário*, sendo que estas são, frequentemente, substituídas uma pela outra. Ambas as rubricas são redigidas, tal como os nomes sugerem, pela pessoa que dá nome ao texto. Trata-se de um retrato autobiográfico ou de um diário sobre os aspectos relevantes da carreira e da vida pessoal do indivíduo cuja vida e obra são abordadas nesse texto de um ponto de vista do indivíduo. Os autores podem estar envolvidos nas mais variadas áreas da cultura: desde educação, à música, passando mesmo pela literatura ou artes plásticas.

Uma vez descrita, em traços largos, a principal organização e estrutura do *JL*, importa saber que entre as várias secções há ainda espaço para a publicidade, que, por norma, não ocupa grande relevo nas páginas do *JL*. Apesar dos anúncios publicitários serem um enorme contributo para a manutenção financeira de um jornal, o *JL* parece disponibilizar o mínimo espaço para esse efeito, para que, dessa forma, possa, eventualmente, dedicar mais páginas e textos a outros interesses dos leitores. Na página cinco, de todos os números do *JL*, existe uma folha dedicada, na totalidade, à publicidade. O publicitário destacado é a Imprensa Nacional-Casa da Moeda. O objecto dessa publicidade é, por norma, uma edição colectânea de textos publicados pela editora com a participação de outras entidades culturais, tais como Teatro Nacional D. Maria II

e Teatro Nacional de São Carlos. Para além desta página, dedicada na íntegra à publicidade, o espaço dedicado a esse propósito está cingido a pequenas caixas na parte inferior, ou lateral, do jornal. As referências publicitárias são, exclusivamente, culturais e dizem respeito a conferências, exposições, recitais, etc, em locais como Fundação Calouste Gulbenkian ou Instituto Camões. Ao folhearmos as páginas do *JL* verifica-se, facilmente, que as páginas dedicadas à publicidade são parcas e as instituições, recorrentemente, as mesmas e exclusivamente relacionadas com o panorama cultural português.

Para terminar, é importante ainda referir os dois suplementos que saem regularmente com o *JL* e sobre os quais ainda não foi feita qualquer menção. Refiro-me, claro, ao *JL/Educação* e ao suplemento *Camões*, este último produzido em parceria com o Instituto Camões. Ambos os suplementos não têm periodicidade regular e são, manifestamente, recentes quando comparados com o jornal. Ambos têm, mais ou menos, o mesmo número de publicações: cerca de 200. O *JL/Educação* dedica-se, essencialmente, a temáticas relacionadas com o ensino público e privado. Podem ler-se, nesse espaço, entrevistas a professores e, por vezes, a órgãos relacionados com o Ministério da Educação onde são colocadas algumas questões pertinentes acerca do estado da actual política de educação no país. Além disso, são destacadas algumas escolas pelos avanços tecnológicos e pelos *rankings*. Por outro lado, a incidência da informação presente no suplemento *Camões* é direccionada, essencialmente, para projectos culturais, literários e artísticos realizados em vários pontos do mundo, mas que têm em comum o facto de ter como responsável ou artista um cidadão português. É, portanto, um espaço dedicado à exploração e disseminação da cultura portuguesa, produzida por portugueses além-fronteiras, principalmente nas comunidades lusófonas.

O Jornal de Letras: investimento cultural

O *Jornal de Letras* como publicação dedicada, exclusivamente, à cultura evidencia uma vasta lista de assuntos de interesse social e público. Procura produzir e disseminar conhecimento acerca das mais variadas vertentes culturais. Analisar qual o maior investimento cultural do *JL* é quase como negligenciar os restantes, na medida em que os coloca num segundo plano. No entanto, afirmar que todas as expressões culturais têm igual destaque seria falacioso. É facilmente identificável que a expressão cultural mais evidenciada e explorada é a literatura. O facto de a secção *Letras* ser, de todas, aquela a quem é dedicado, sucessivamente, o maior número de páginas é um indicador primário nesta teoria e evidencia claramente a preeminência desta temática nas páginas do jornal. Não obstante, quando idealizou este jornal José Carlos de Vasconcelos fê-lo com o propósito de uma publicação dirigida, quase exclusivamente, às letras. A ideia era, inicialmente, colmatar a abolição dos suplementos literários dos restantes jornais de referência. No entanto, o conceito rapidamente evoluiu e surgiram as artes e as ideias que fazem, obviamente, parte da expressão cultural e que são igualmente importantes.

Outro dos objectivos do *JL* era ser um elo de ligação entre as comunidades lusófonas e essas comunidades estão, antes de mais, ligadas pela língua que partilham. Escritores brasileiros, angolanos, moçambicanos são de uma forma muito mais evidente explorados e divulgados quando comparado com outros tipos de produção cultural desses países: escultura, pintura.

Neste momento, creio ser altura de avançar para o motivo que levou à redacção do trabalho. Neste sentido, julgo que o capítulo sobre o estágio é de grande importância para que se compreenda a dinâmica central do jornal. Quero crer que o capítulo sobre a descrição do meu estágio fornece um relato justo e verdadeiro do ambiente onde é produzido o jornal que inspira este trabalho.

O Jornal de Letras: estágio

O estágio realizado no *JL* teve a duração completa de três meses: desde 15 de Setembro de 2014 até 15 de Dezembro de 2014. Na realidade, apesar de o estágio terminar formalmente a 15 de Dezembro, esse não foi o último dia efectivo devido à data em que o jornal saía para as bancas e à necessidade de terminar um texto. Ou seja, até dia 18 de Dezembro, inclusive, ainda me dirigi à redacção para terminar e paginar o meu último trabalho que viria a sair no número 1154 de 24 de Dezembro. Ficou acordado, logo na primeira reunião, que o horário de trabalho seria de segunda a sexta-feira com sábados e domingos livres. Assim sendo, todos os dias, durante três meses, fiz parte de um processo de aprendizagem ininterrupto na redacção do *JL*.

Em termos de organização deste capítulo, optei por organizar toda a informação sobre as actividades desenvolvidas no estágio de acordo com o número do jornal em que colaborei. Ou seja, para um acompanhar mais claro da evolução do trabalho e para que a informação fique mais clara, coloquei em diferentes parágrafos, organizados cronologicamente, os trabalhos realizados, identificando o número do jornal a que se referem. Optei por este método, em detrimento de um texto massivo onde descreveria todas as actividades desenvolvidas durante o estágio, por entender que a leitura se torna mais clara. Assim, cada um dos próximos parágrafos diz respeito a um dos números do jornal nos quais colaborei, onde explico de forma sucinta o trabalho que desenvolvi. Acredito que esta será a melhor forma de organizar a informação e a que torna mais simples de compreender a evolução levada a cabo durante todo o processo.

Antes de iniciar o estágio no *JL* nunca antes tinha estabelecido qualquer contacto com uma redacção de um jornal ou com o trabalho de jornalista. Neste sentido, colaborar com *JL* apresentava-se como uma experiência por um lado estimulante, mas por outro lado intimidante. No primeiro contacto com os colegas da redacção, a propósito da primeira entrevista prevista para os futuros estagiários, fiquei bastante entusiasmada com a ideia de poder colaborar na redacção de um jornal com o prestígio do *JL*. Iniciei o estágio com o principal objectivo de aprender e assimilar tudo o quanto conseguisse no pouco tempo que sabia que iria ficar. Essa reunião ocorreu no dia 4 de Setembro de 2014, pelas 17:00 horas, em Paço de Arcos, local onde a redacção está sediada, mais propriamente no edifício do grupo *Impresa* onde estão várias outras redacções desse grupo, tal como a *Visão*, *Expresso*, *Blitz*, entre outras. Essa primeira

reunião servia, essencialmente, para me colocarem a par do trabalho e dos temas a que o jornal se dedicava, da mecânica da redacção, das actividades que eu viria a desenvolver nos primeiros dias e do consequente aumento de responsabilidades e trabalhos à medida que o estágio ia evoluindo. A minha primeira impressão foi extramente positiva, não só do grupo mas também do local: a redacção do *JL* encontra-se num pequeno espaço que mais se assemelha a uma biblioteca, tal não é a quantidade de livros, sobre os mais variados temas, autores, línguas, que se encontram pela sala. É um espaço inteiramente dedicado à cultura, à literatura e às artes no geral. É uma redacção totalmente diferente de todas as outras que fazem parte desse mesmo grupo, e que tive o prazer de conhecer, pois tem um espírito muito singular, talvez pelo grupo reduzido mas, principalmente, pela união dos seus colaboradores.

A data de início do estágio ficou agendada para 15 de Setembro, de forma a coincidir com o início do ano lectivo. Quando deixei o local onde viria, dias depois, a estagiar, sentia uma verdadeira e sincera predisposição em aprender com todas aquelas pessoas que, de uma forma tão sincera e simpática, me recebiam no seu pequeno e coeso grupo de trabalho.

No primeiro dia de estágio não sabia o que esperar, pois apesar de não ser inexperiente no mercado de trabalho, uma vez que trabalho ininterruptamente desde 2008, a minha experiência profissional era totalmente díspar daquela ambiente. Tinha idealizado, inicialmente, que os primeiros dias, talvez a primeira semana, seriam ao lado de um dos membros para conhecer as aplicações que utilizavam, para compreender a chamada escrita jornalística, da qual eu pouco ou nada sabia, ou até mesmo para ganhar conhecimento sobre as mais variadíssimas informações e factos que eu desconhecia e necessitava para iniciar o estágio. Contudo, o primeiro dia e, posso assegurar, a primeira semana, não foram de forma alguma como idealizara inicialmente. O *JL* saía para as bancas no dia 17 de Setembro, ou seja, o meu primeiro dia na redacção era exactamente o dia de fecho e impressão do jornal. A azáfama que se fazia sentir naquele dia era bastante e, apesar de ainda não o saber, totalmente insólita em comparação com os restantes dias da semana. Naquele dia todos trabalhavam a um ritmo acelerado e bastante concentrado, uma vez que os trabalhos deviam estar terminados o quanto antes para que o jornal fosse impresso a tempo. O trabalho nesse dia é muito, desde as notícias que aparecem nas primeiras três folhas do destaque, todas elas redigidas apenas no último dia, fotografias que devem acompanhar entrevistas e que ainda não estavam

na base de dados, bem como textos de colaboradores que podiam chegar a qualquer momento e necessitavam ainda de ser revistos.

Com ânsia de ajudar mas algo insegura sobre como poderia eu, totalmente inexperiente, prestar auxílio num dia tão agitado como aquele, acabei por me oferecer para colaborar naquilo que achassem mais vantajoso e que menos atrapalhasse o trabalho que tinham que fazer naquele dia. O Manuel Halpern achou que a melhor forma de ajudar a equipa, naquele momento, e de me familiarizar com o jornal e a sua estrutura, seria através da composição de *Breves*.

As *Breves* são notícias de pequeno formato, no máximo 100 caracteres, acerca dos mais variados temas, desde concertos, espectáculos, lançamento de livros, etc. Como se tratavam de notícias de pequeno formato esta seria a melhor forma de me ambientar ao trabalho. Além disso, essas notícias são um dos últimos trabalhos a ser feitos, em todos os números, porque fazê-las é uma tarefa bastante rápida para os membros mais experientes. Recebi cerca de 50 *emails* com a informação necessária para redigir as notícias: a informação para essas *Breves* chega à redacção do *JL* através de editores, artistas ou responsáveis por galerias que enviam a informação para os membros da redacção com a esperança de que a mesma seja divulgada no jornal. Não é feita uma filtragem propriamente dita: - o *JL* dá destaque a qualquer pessoa que envie mensagem e peça a divulgação de um livro, de um espectáculo que vá estrear. Desde que a informação seja vista pelos membros da redacção a tempo de ser noticiada proactivamente, a probabilidade de sair é elevada. No entanto, isso nem sempre acontece porque os pedidos de divulgação que recebem são em muito maior número do que o espaço disponibilizado para esse efeito nas páginas do jornal. Contudo, a regra básica e essencial para que dessa informação seja feita notícia é a ordem de chegada à redacção e a data em que se irá realizar o evento. O conselho que me foi dado, neste primeiro dia de trabalho, foi simples: folhear as edições anteriores do *JL* e tomar atenção à estrutura das notícias daquele género que haviam saído em edições anteriores, sempre mantendo presente que, de forma alguma, ou apenas em casos muito excepcionais, poderia ultrapassar os 100 caracteres. Por vezes, a informação recebida nas mensagens era imensa e dela necessitava apenas, tendo em conta o carácter breve e rápido da notícia, a informação mais básica e que era por isso imprescindível filtrar. Luís Ricardo Duarte sugeriu que, após ler toda a informação presente na mensagem, colocasse as quatro perguntas básicas do jornalismo: O quê? Quem? Onde? E como?

Respondendo a estas quatro questões conseguia retirar daquelas mensagens, por vezes com muita e desnecessária informação, o estritamente necessário e assim fazer uma breve notícia, através da organização destes quatro pontos numa pequena frase. As quatro perguntas básicas do jornalismo viriam a ajudar-me, daí em diante, em muitos outros e mais complexos trabalhos.

No dia em que o *JL* é enviado para a tipografia o trabalho na redacção termina mais tarde do que o normal, pois todas as matérias têm de estar fechadas, paginadas e prontas a imprimir nessa mesma noite. Nessas segundas-feiras, antes da impressão do jornal, era habitual que toda a redacção jantasse no refeitório porque não havia um horário de saída e a noite podia facilmente prolongar-se. No primeiro dia de estágio saí da redacção do *JL* já passava largamente das 23 horas. Contudo, nos restantes dias todos os membros saíam relativamente mais cedo da redacção. No meu caso, como chegava um pouco mais tarde ficava sempre um pouco mais, depois de todos saírem, na medida em que o meu principal objectivo era manter o ritmo, a qualidade dos trabalhos e, principalmente, os prazos que nos eram pedidos.

Em relação ao número 1147, o primeiro número do *JL* no qual colaborei redigindo algumas *Breves*, optei por não colocar referências ou anexos porque não considero que tenha sido um trabalho feito inteiramente por mim. Depois de concluído, com alguma insegurança, o trabalho foi revisto e corrigido por Manuel Halpern que orientou e aconselhou os pontos onde podia melhorar e alertou para as situações onde parecia ter mais dificuldades, umas vezes o excesso de informação e outras vezes a falta dela. Neste sentido, e com o sentido crítico do trabalho que desenvolvi durante o estágio preferia tornar anexo deste relatório apenas os trabalhos que foram feitos por mim, de forma independente, e que apresentem o meu cunho pessoal. Apesar de ter colaborado neste número, a minha inexperiência falou claramente mais alto. Assim sendo, em comparação com os trabalhos que desenvolvi posteriormente e que fazem parte dos anexos deste relatório, não considero que tenha feito realmente e de forma consciente parte da elaboração do número 1147 do *JL*, pelo que optei por não colocar nenhum trabalho (*Breves* redigidas neste número).

Na terça-feira seguinte, dia 16 de Setembro, o dia na redacção começou mais tarde que o normal, derivado à longa noite anterior. A reunião de preparação da edição seguinte realiza-se sempre nas terças-feiras, a seguir à impressão do jornal. Os

colaboradores são questionados acerca das novidades semanais no panorama cultural, música, teatro, cinema, literatura. Todos os quadrantes da expressão cultural são analisados e a pesquisa, por norma feita *a priori*, traduz-se em sugestões feitas ao director. Por norma, só existe necessidade de uma reunião, da qual resulta a distribuição do trabalho para as próximas duas semanas. Contudo, também pode acontecer ser feita uma reunião extra, alguns dias depois, para ultimar alguns detalhes que não tenham ficado totalmente definidos na primeira sessão. O tema da capa é um dos mais importantes e tem por isso especial destaque na reunião e no próprio jornal: a escolha do tema central fica, na grande maioria das vezes, a cargo do director. Por norma, e quando o tema assim o exige ou permite, para além da entrevista feita por um dos colaboradores da redacção, há também comentários e crónicas de colaboradores permanentes sobre o autor, a exposição ou o centenário, dependendo da ocasião. Os colaboradores permanentes, mas que não fazem parte da redacção, são por norma escolhidos pelo director, de acordo com a área em que são especializados. É o próprio José Carlos de Vasconcelos que entra em contacto com eles e os informa de que é necessária a sua colaboração para um texto sobre determinado tema, bem como dos prazos. Por vezes, esses prazos são mais alargados na medida em que existe a necessidade de fazer um trabalho de pesquisa, pelo que quando se aproxima um evento importante, que fará capa do *JL*, o director fala antecipadamente com os membros mais apropriados para o trabalho. As crónicas, comentários e textos críticos têm como principal objectivo enriquecer a entrevista, que é maioritariamente realizada, sempre que o tema assim permita, alargar o conhecimento e providenciar mais informações acerca do tema que faz capa.

No decorrer da semana entre 16 e 25 de Setembro, a preparação do número 1148 desenrolava-se normalmente e a um ritmo tranquilo, pelo que pude aprender como divulgar informação na plataforma *online* do *JL*. O *site*, tal como o jornal, faz parte do grupo *Visão* e procura divulgar algumas notícias, eventos e entrevistas que saíram no *JL* (naquela semana dizia respeito à edição de 17 de Setembro), e em alguns casos também informações acerca de eventos que, por serem posteriores à data de impressão do jornal, já não foram incluídos no formato em papel. O trabalho de *background* no *site* era bastante intuitivo e acessível. Considero-o, actualmente, uma experiência totalmente enriquecedora na medida em que as novas tecnologias desempenham um papel fundamental nos meios de comunicação. A par disso, a grande maioria dos jornais e

revistas têm plataformas *online* bastante semelhantes à utilizada no grupo *Visão*, da qual faz parte o *JL*, pelo que, se algum dia existir necessidade de trabalhar nesse âmbito novamente, não será totalmente desconhecido para mim. Durante a primeira semana fui colocando no *site* as várias notícias, entrevistas e crónicas seleccionadas por Manuel Halpern. Basicamente, o que havia saído no formato em papel ficava diariamente disponível *online*. Uma das vantagens da plataforma *online* era o facto de podermos colocar o conteúdo integral dos textos, ao contrário do formato em papel onde, por vezes, era necessário cortar o número de caracteres devido ao espaço disponível. Quando assim era, essa informação estava presente no jornal: '*para consultar o artigo completo aceda à edição online do JL*'. A minha participação no número 1148 tornou-se mais evidente e menos insegura do que no primeiro número, uma vez que já fazia parte da redacção há cerca de duas semanas. Além das breves notícias (Anexo 2), que estudei em anteriores edições de modo a familiarizar-me com a estrutura, e por isso produzi de forma mais autónoma e com maior facilidade, no número 1148, redigi também a primeira notícia de maior dimensão (de 500 a 1000 caracteres) sobre um festival de música, humor e teatro: *O Gesto Orelhudo* (Anexo 3). Na mesma edição auxiliei o Manuel Halpern a transcrever para a aplicação *News Edit* uma entrevista feita a Sérgio Godinho, a propósito do seu livro de contos, *Vida Dupla* (Anexo 4). No entanto, todos os créditos da entrevista são obviamente do Manuel, uma vez que apenas processei a transcrição do documento *PDF* para o suporte informático onde o jornal é organizado.

No número 1149 a minha participação no *JL* tornou-se mais evidente, culminando na realização da primeira entrevista para o jornal. A entrevista ficou disponível no espaço dedicado ao *Breve Encontro*, do segmento *Destaque*. Neste espaço, o tema é vasto, ao contrário das restantes secções onde cada entrevista e artigo está circunscrito à categoria/ secção onde está inserido. O entrevistado foi Nelson Dona, director do festival de banda desenhada que decorre anualmente na Amadora (Anexo 5). Como se tratava da primeira entrevista, a marcação da mesma foi agendada por Manuel Halpern. Devido à minha inexperiência apontaram-me vários caminhos e aconselharam-me a pesquisar bastante sobre o festival, Amadora BD, para que pudesse adequar as perguntas ao ano em que se realizava o evento (e.g. quais os artistas convidados, em destaque, qual o grande tema desse ano, etc.). A entrevista, realizada na sala onde eram feitas as reuniões, foi gravada com o telemóvel pois não tinha gravador, onde por norma

são gravadas as entrevistas pelos restantes colegas. Posteriormente era necessário fazer o trabalho de transcrição e edição para *News Edit*, a informação deveria ser filtrada e cuidadosamente revista para que ficasse com o tamanho específico da caixa de texto que lhe era dedicada (entre 3000 a 5000 caracteres). O carácter noticioso, proactivo e investigativo, que demonstrasse o nosso trabalho de pesquisa no contacto com o director do festival, também deveria ser evidente. O trabalho de transcrever a entrevista, recolocar, e, principalmente, reformular as declarações de forma a organizá-las para que, no final, a entrevista apresentasse um formato fluido, levou algum tempo. O *Breve Encontro* foi o primeiro trabalho que fiz no número 1149 e depois de corrigido e do *feedback* positivo foi, sem dúvida, um forte incentivo para os próximos trabalhos. O sucesso da primeira experiência, verdadeiramente prática, foi extremamente importante e decisivo para todo o trabalho que vim a desenvolver posteriormente. Ainda no mesmo número voltei a ser responsável por mais duas notícias de maior formato (até 1000 caracteres), (Anexo 6 e 7). Todas as *Breves* passaram, também nesse número, a ser redigidas, quase na totalidade, por mim. (Anexo 8).

Nas duas semanas em que se preparava a edição seguinte fiquei, novamente, responsável pela colocação de notícias e artigos retirados do *JL* na plataforma *online*: <http://visao.sapo.pt/jornal-de-letras>. Esta tarefa passou a fazer parte das minhas funções durante todo o tempo de estágio e era gerida de forma a não prejudicar a data de entrega de outros trabalhos. Como era possível agendar a publicação das notícias para dias específicos, a forma mais eficaz de ir disponibilizando a informação diariamente era programar todas as notícias para que fossem saindo regularmente nos dias pretendidos. Ou seja, uma notícia por dia, ficando, dessa forma, com mais tempo disponível para me dedicar aos trabalhos que iam surgindo.

No número 1150 fiquei responsável, novamente, pelas *Breves* e por duas notícias de maior formato, (Anexo 9 e 10). Foi também neste número em que participei pela primeira vez na produção da *estante*. Para redigir os textos da *estante* era necessário fazer a leitura da obra e um breve estudo sobre o autor (e.g. obras anteriormente editadas, prémios atribuídos, ou outra característica relevante). Posteriormente, a elaboração do texto passava por fazer uma breve descrição daquele livro, agora editado ou reeditado, do autor ou da editora, caso se aplicasse, no máximo com 1500 caracteres. (Anexo 11). Os livros colocados em destaque eram seleccionados por Luís Ricardo Duarte e pelo director, José Carlos de Vasconcelos. Ainda no número 1150 fiquei com a

responsabilidade da entrevista da secção *Letras*, vulgarmente denominada na redacção como Breve Encontro Literário, tal como o da página dois, mas com a especificidade de ser votado exclusivamente à literatura. Desta vez, a entrevista foi marcada por mim: através da editora, consegui o número da autora com quem entrei directamente em contacto, de forma a encontrar um horário mais conveniente. Tive, tal como na elaboração da estante, que fazer a leitura integral da obra (*Uma Casa Azul*, de Claudia Clemente) e elaborar as perguntas a partir da minha leitura e da experiência como leitora (Anexo 12). O conselho mais importante nesta fase, e tendo novamente em conta a minha inexperiência, foi o de me colocar, antes de mais, no lugar de leitor, aproveitar a possibilidade de falar com o autor e colocar-lhe todas as questões que a um leitor comum o seu romance poderia vir a suscitar. O índice, a nota do autor, caso exista, o nome dos próprios capítulos e a forma como o texto está organizado fornecem elementos essenciais para a elaboração das perguntas. Esta foi a segunda entrevista que fiz no *JL* mas a primeira de teor literário. A partir deste número quase todas as entrevistas que realizei foram relacionadas com o lançamento de livros e com escritores.

A participação no número 1151 voltou a colocar novos desafios. À medida que o tempo ia passando, e que ganhava mais experiência na redacção e à vontade com os colegas, o número de trabalhos aumentava e a exigência destes também. O que denotava, quero crer, o sucesso no estágio e na aprendizagem diária. Neste número fiquei novamente responsável pela redacção das duas colunas de *Breves*. (Anexo 13), bem como uma notícia mais desenvolvida de cariz noticioso sobre a semana do desassossego em Lisboa, uma parceria entre a Casa Fernando Pessoa e a Fundação José Saramago (Anexo 14). No número 1151, o desafio que me foi colocado veio directamente de uma sugestão dada pelo director, José Carlos de Vasconcelos, a poucos dias antes do fecho da edição. A galeria de arte das Salgadeiras ia inaugurar, numa nova morada, uma exposição e era necessário que alguém contactasse a responsável e curadora da mesma. Questionada se estaria interessada em fazer o trabalho, acedi de imediato, ainda que pouco segura porque nunca tinha levado a cabo uma entrevista sobre uma exposição de arte e não era um tema sobre o qual tivesse grande conhecimento. Optei por fazer uma pesquisa sobre a dona da galeria, sobre as obras e os seus autores, sobre os motivos que levavam à mudança de espaço, estabelecendo por fim o contacto.

A entrevista correu, tal como as anteriores, sem percalços. A novidade, neste caso, prendia-se com a organização do texto. Devido ao espaço que estava disponibilizado para este artigo, houve necessidade de colocar a entrevista em texto corrido em detrimento do formato pergunta-resposta utilizado por norma, e até aí nos meus textos, para as entrevistas. As respostas deveriam ser colocadas entre aspas e o texto deveria apresentar um carácter escoreito sem mencionar, contudo, as perguntas, mas que apontasse o leitor directamente para as respostas. Confesso que a organização, talvez por ser a primeira neste género, levou mais tempo que o habitual. Contudo, acabou por correr de forma bastante positiva. (Anexo 15). O processo de organização do texto, ao contrário da entrevista pergunta- resposta, era mais complicado na medida em que necessitava de uma lógica e de uma ligação real e coerente entre o texto e as declarações presentes nas respostas que iriam enriquecer e fornecer as informações necessárias ao conhecimento que o leitor iria retirar da notícia. Ainda no número 1151 fiz novamente a entrevista da secção *Letras*, desta vez a Mário Zambujal, a propósito do seu novo livro, *Serpentina*, obra escolhida pelo director. (Anexo 16).

No número 1152, passados dois meses e 14 dias desde o início do estágio, a minha confiança estava mais firme, mas acima de tudo a minha escrita saía de forma mais natural. Recordo-me de que nessa altura os textos pelos quais era responsável eram feitos com mais segurança e rapidez. Nesse número voltei a ficar responsável pela coluna de *Breves* (Anexo 17) e de quatro notícias de maior formato, presentes nas páginas dois e três do jornal (Anexo 18). A elaboração da entrevista da secção *Letras* ficou novamente à minha responsabilidade. Desta vez realizada a Francisco Duarte Azevedo, a propósito do seu recente romance editado: *Vila Algarve* (Anexo 19). Esta entrevista, ao contrário das anteriores, foi executada através de correio electrónico porque o autor, residente em Moçambique, não tinha forma de contactar telefonicamente com a redacção. Após a leitura da obra redigi as perguntas e enviei para o autor, com quem tinha anteriormente contactado, e que nessa altura já aguardava a minha mensagem. A resposta foi rápida: - chegou dois dias depois. Pensei, inicialmente, que o meu trabalho estaria facilitado, porque, além de não ter que transcrever a entrevista, a estrutura da mesma já estava formulada. Assim sendo, devia apenas reajustar pequenos detalhes de forma a diminuir o tamanho do texto, sempre com o foco na qualidade do texto e na veracidade das respostas cedidas pelo autor. Neste caso todas as respostas tinham sido dadas por escrito pelo próprio autor, pelo que a coerência e a

utilização dos termos e palavras originais eram importantíssimas. Querendo manter, praticamente, na íntegra, que o autor tinha respondido, este foi sem dúvida um dos trabalhos onde senti maior dificuldade em diminuir o tamanho do texto. No mesmo número, utilizando o método anteriormente empregado no texto da Galeria das Salgadeiras, fiz uma entrevista ao escritor Miguel Gizzas sobre o livro *Até que o mar acalme*. A entrevista passou para o jornal em formato texto corrido, em detrimento da pergunta-resposta, com as respostas cedidas pelo autor entre aspas, onde explicava a forma como aliava a música à literatura na sua estreia como escritor e onde contou um pouco sobre a sua vida profissional (Anexo 20).

Importa saber que no número 1153, a pouco mais de 15 dias para terminar o meu estágio, senti a minha participação no *JL* diminuir devido à entrada de duas novas estagiárias. Os trabalhos estão de tal forma divididos pelas pessoas que colaboram com o jornal, a própria estrutura do jornal está desenhada para as determinadas e regulares tarefas que a entrada de dois novos membros influencia a distribuição do trabalho investigativo e noticioso, entrevistas e notícias, que era aquele onde efectivamente colaborava. Naquela fase, o meu estágio estava praticamente a chegar ao fim: cheguei mesmo a ensinar uma das estagiárias a fazer a divulgação de informação na plataforma *online*, ou seja, a tarefa que regularmente me estava incumbida. Penso, por isso, que tenha sido normal que a minha participação se tenha reduzido, na medida em que passaram a existir mais duas pessoas a fazer o trabalho que estava anteriormente distribuído pelos cinco membros da redacção e por mim. Na reunião de preparação para este número sugeri ao director que fizéssemos uma entrevista com a responsável pela Rota do Românico, a propósito de uma pequena notícia que tinha redigido no número passado, e que poderia ter potencial para um *Breve Encontro*. A sugestão foi aceite, pelo que iniciei, desde logo, a pesquisa sobre a conferência, a programação, etc. As perguntas que fiz foram redigidas com base na informação que achei estar insuficiente ou pouco explícita na plataforma electrónica da instituição e que julgava ser relevante para a compreensão e entendimento do projecto. (Anexo 21). Esta entrevista, ao contrário da maioria que havia feito até aí, surgia, como a primeira, no *Destaque* e não na secção *Letras*, como tinha vindo a tornar-se hábito. Ainda neste número participei novamente na elaboração da *estante*, em parceria com a Francisca Cunha Rêgo, para o suplemento *JL/Educação*. Já anteriormente tinha feito a estante mas da secção *Letras*. A organização era muito semelhante ainda que a temática fosse consideravelmente

diferente, pois a *estante* do suplemento *Educação* é dedicada, maioritariamente, a literatura infantil. (Anexo 22)

Quando o último número em que colaborei saiu para as bancas o estágio já tinha terminado oficialmente há cerca de uma semana. Ainda assim, durante a última semana em que fiz parte da redacção, participei na elaboração de uma notícia de formato médio (Anexo 23) e fiquei responsável novamente pela entrevista da secção *Letras*, desta vez a Mário Vieira de Carvalho a propósito do livro *Escutar a Literatura – Universos Sonoros da Escrita*. (Anexo 24). O Número 1154 saiu no dia 24 de Dezembro, quarta-feira, enquanto o meu estágio tinha terminado formalmente no dia 15 desse mesmo mês. Contudo, ainda me desloquei à redacção nos três dias seguintes de forma a concluir a entrevista junto dos colegas da redacção e para assistir à revisão que faziam do texto. Além disso, achei que o mais correcto seria que fosse eu mesma a paginar a entrevista juntamente com a colega do grafismo. Como é habitual em todos os trabalhos, cada um dos membros faz a paginação dos seus próprios textos. Assim sendo, em comparação com números anteriores, a minha colaboração no número 1154 foi um pouco menos notória, não só porque o estágio terminava a meio da preparação desse número mas também, e fundamentalmente, por causa das novas estagiárias que nessa altura faziam parte integral da redacção e produziam a grande parte do trabalho que anteriormente estava reservado a mim. Na realidade, o *JL* dispõe de uma redacção com poucos membros mas totalmente capazes e preparados para fazer face às tarefas distribuídas, pelo que o trabalho está partilhado de forma análoga por todos, o que se traduz numa redacção muito coesa. Neste sentido, a entrada de dois novos membros viria a mudar toda a planificação e organização na distribuição do trabalho.

Terminado o estágio era necessário reflectir sobre o trabalho e as tarefas desenvolvidas no *JL*. A sensação era de uma grande serenidade e objectivo cumprido. A experiência de fazer parte de uma redacção como a do *JL*, com mais de 30 anos de história, foi extremamente positiva nos mais variados aspectos, entre eles por ter contactado directamente e ter tido a oportunidade de aprender com as pessoas que fazem do *JL* o grande e excepcional jornal que é. A recepção no grupo de trabalho foi importantíssima para a minha adaptação. Senti, desde o início, que era bem-vinda naquele grupo de trabalho e fui invariável e incansavelmente ajudada. No entanto, dizer que durante todo o processo tudo se desenrolou de forma tranquila e serena, que nunca existiram dificuldades ou entraves, não é de todo verdade. Por mais positiva que seja

uma experiência existem sempre dificuldades ou pontos negativos, muitas vezes não demonstrados aos outros mas com os quais lidamos interiormente. Depois de explicar o percurso do estágio, tão rapidamente e de forma tão simples quanto possível, e ainda antes de avançar para um balanço do estágio, creio que enriquecerá este trabalho falar das dificuldades que senti, das inseguranças com que me deparei e das incertezas que me apanharam, principalmente, no primeiro mês de trabalho. Esses momentos também existiram e não devem ser esquecidos, pois também eles fizeram parte do processo que desencadeou todo o trabalho desenvolvido e a experiência adquirida no *JL*.

A adaptação à escrita e à forma de escrever de um jornalista foi uma das minhas principais dificuldades, principalmente por estar demasiado formatada para uma escrita académica. Esta dificuldade evidenciava-se principalmente nos textos com maior número de caracteres, onde, ainda assim, era necessário reduzir. Uma escrita jornalística pressupõe uma certa fluidez e rapidez de organização discursiva, mas acima de tudo, e aqui residia a minha maior dificuldade, dar o máximo de informação no menor espaço possível. Nos primeiros trabalhos utilizava, muitas vezes, a informação bastante pormenorizada para que o texto fosse o mais claro e bem construído possível, procurando explicar pormenorizadamente, através de frases curtas, cada uma das informações que me pediam mas obrigando-me, contudo, a não ultrapassar os 100 caracteres das *Breves*, o que parecia uma tarefa quase impossível. O conselho que me foi dado na altura, por Manuel Halpern, foi retirar sempre que fosse possível os verbos das frases recolocando a informação até que a frase fizesse sentido, sempre tendo em mente que o principal objectivo era uma informação clara num texto curto. De início, tive muita dificuldade em lidar com essa organização discursiva porque por mais alterações que fizesse, uma frase sem o verbo não fazia sentido. No entanto, com o avançar do tempo, com a própria leitura e assimilação das matérias do mesmo género, essa dificuldade foi tornando-se cada vez menos evidente. Outra das situações que me deixou bastante insegura, também ela sentida no primeiro mês de estágio, era a liberdade que me era dada na elaboração dos trabalhos. Todos os trabalhos que desenvolvi no *JL* tiveram o meu cunho pessoal: - as perguntas, os títulos, a própria organização era elaborada por mim. Contudo, à data da primeira entrevista, a propósito do festival de banda desenhada, Amadora BD 2014, senti diversas inseguranças e uma liberdade com a qual não sabia lidar, pois não sabia se as perguntas fariam sentido, nem mesmo como havia de me comportar no papel de uma profissional à altura do *Jornal de*

Letras. Na época, toda aquela insegurança e incerteza pareciam irreversíveis e votadas ao desastre do meu estágio. Todavia, agora com o distanciamento que o tempo proporciona, sei que toda aquela pressão, ânsia e desconhecimento alargaram de alguma forma os meus limites, as inseguranças e as incertezas. Com o passar do tempo e com o desenvolvimento das relações pessoais com os membros da redacção, mas também com a evolução da minha própria relação comigo mesma naquele espaço, compreendi que aquilo que me davam não era desconsideração ou esquecimento, pelo contrário era incentivo, confiança. O trabalho que me era destinado era feito exclusivamente por mim, sem qualquer intervenção ou manipulação de outros membros: - era uma forma clara de eu mostrar o que podia dar ao *JL*, sem os ecos das vozes mais experientes por trás a orientar-me e dizer-me que caminho tomar. Obviamente, se existisse informação insuficiente ou a mesma não estivesse clara na altura da correcção que faziam do texto, era possível entrar novamente em contacto com o entrevistado. Felizmente nunca existiu essa necessidade. A essa confiança e ao estímulo intelectual e profissional que sempre me deram só tenho a agradecer.

Concluindo este capítulo descritivo, sobre as actividades desenvolvidas ao longo de todo o processo, penso que sobre tudo o que se disse até aqui, é possível quase adivinhar que o balanço que faço do estágio é extremamente positivo. Pela aprendizagem, pelos bons e maus momentos, pela capacidade de desenvolver e progredir, mas acima de tudo pela experiência, o balanço não poderia deixar de ser extraordinariamente positivo e sobrepõem-se a quaisquer dificuldades ou receios iniciais. Além disso, entrei no *JL* como a primeira estagiária de mestrado, que de resto sempre foi a minha primeira e única opção de estágio. Uma das principais razões que me levaram a optar pelo estágio, em detrimento da tese, foi a possibilidade de ver fisicamente, e numa vertente essencialmente profissional, o trabalho que era possível realizar com as habilitações adquiridas durante o meu percurso académico. Com uma licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos, major em Literaturas e Culturas, e a frequentar um mestrado em Cultura e Comunicação nunca existiram dúvidas sobre o local para onde queria ir estagiar, desde o primeiro momento em que decidi optar pelo estágio: o *JL* reunia todas as componentes da minha área de estudos. O meu principal objectivo foi cumprido: prendia-se, essencialmente, com o facto de saber o que se faz no mercado de trabalho, na prática e não apenas em teoria. Além de estar agora familiarizada com o trabalho e ambiente de uma redacção, numa perspectiva mais na

área da comunicação, nunca deixei de parte a minha vertente principal, e a verdadeira paixão, a literatura. Ler foi uma das minhas principais tarefas durante todo o estágio, por vezes mais do que um livro ao mesmo tempo, quando os trabalhos assim o exigiam. O *JL* é, para além de um jornal, um local onde é possível desenvolver competências e ideias que se relacionam directamente com a vida cultural do País, com os interesses culturais das pessoas. O seu objectivo é colocar ao dispor os temas, as ideias e as informações que muitas vezes são negligenciadas nos grandes meios de comunicação, como a televisão. Dá um olhar mais profundo e demorado sobre aspectos de interesse mundial, nacional e regional, sem negligenciar nenhum deles. Colaborar no *JL* abriu, sem dúvida, muitas portas na percepção cultural que tinha do País, apresentou-me muitas ideias e fez-me contactar com artes que, por desconhecimento ou distração, não sabia ou imaginava apreciar. Também foi um incentivo excepcional para recuperar actividades que outrora estimava e que tinha abandonado, como por exemplo o teatro. A divulgação que fazem de peças, musicais, exposições é exímia, na medida em que seduz o leitor convocando-o e convencendo-o, sem esforço, a apreciar aquilo que de melhor a cultura pode oferecer, através de textos extremamente cuidados e opiniões bastante bem fundamentadas.

Terminada a descrição das tarefas realizadas no *JL* e já com alguma “bagagem” relativamente ao jornal, à forma como se estrutura e dirige ao público, é agora inevitável iniciar um capítulo mais investigativo e comparatista. Este último capítulo é o culminar não só do trabalho que desenvolvi enquanto fazia parte do *JL*, mas também do trabalho desenvolvido desde então. Neste sentido, e como já havia referido anteriormente, do conjunto de várias publicações que podia optar, acabei por seleccionar duas que, no meu entender, podem fornecer elos de ligação e distinção com o *JL*, refiro-me claro ao suplemento *Ípsilon*, do *Público*, e à revista *E*, do *Expresso*. A inexistência de uma publicação especializada em cultura levou-me a optar pelos suplementos que, apesar de não carregarem o título de jornal, como é o caso do *JL*, são publicações bastante importantes e notórias no universo cultural actual.

PARTE III

Suplementos: *E*, a revista do *Expresso*

Para iniciar a análise comparativa entre o *Jornal de Letras* e o suplemento *E*, do *Expresso*, e *Ípsilon*, do *Público*, necessitei de cerca de sete exemplares de cada. As publicações analisadas referem-se a datas bastante similares e estão compreendidas no período entre Fevereiro e Junho de 2015. É de recordar que ambos os suplementos saem uma vez por semana, o *Ípsilon* à sexta e o *E* ao sábado, ao contrário do *JL* que sai quinzenalmente, às quartas-feiras. O objectivo de centrar o *corpus* no mesmo espaço temporal foi, essencialmente, o de compreender a importância que davam a determinados eventos que ocorreram no mesmo período.

Optei por iniciar este estudo através da esquematização, e posterior desenvolvimento, da estrutura de cada um dos suplementos, sendo que esse trabalho foi igualmente realizado para o *Jornal de Letras*, mas no capítulo “O Jornal de Letras: secções”. Neste sentido, o primeiro suplemento detalhadamente analisado foi o *E*, a revista do *Expresso*, que apresenta as seguintes fracções:

- **Fisga**
- **+E**

- **Culturas:** Livros
 Cinema
 Música
 Televisão
 Teatro e Dança
 Exposições

- **Vícios:** Sobre Mesa

 Vinhos

 Sair

 Comer

A primeira página do suplemento é dedicada à crónica fixe de Clara Ferreira, Alves, *Pluma Caprichosa*, ainda antes de ser iniciada qualquer secção do suplemento. Esta crónica acompanha a cena política, social e económica do País, onde a autora crítica e fundamenta opiniões sobre determinados assuntos da actualidade, tais como a venda da TAP, a introdução e regulamentação do Uber, entre outros. Os temas tratados variam, por isso, bastante, consoante a actualidade, pois é sobre esta que se dedicam. A primeira secção, que dá pelo nome de *Fisga*, começa com um artigo de curiosidades sobre os mais variados quadrantes, desde Moda, à Saúde, passando pela Ciência: *Quem sabe tudo é porque anda mal informado*. Esta Rúbrica é redigida por diversos colaboradores, dependendo do tema que aborda. As duas páginas seguintes são destinadas a pequenas e rápidas notícias nacionais e internacionais e frases célebres proferidas no decorrer dessa semana por figuras da actualidade política, desportiva e económica (*Do Céu ao Inferno* por Ana Soromenho e *Pimenta na Língua* por João Silvestre, respectivamente). É possível também encontrar um apontamento sobre um livro ou CD recentemente editado ou relançado, todavia estes apontamentos são residuais, sendo que a maior parte do enfoque estão nos temas acima indicados.

De referir que, na secção *Fisga* há ainda espaço dedicado a Música, Pintura, Exposições, Cinema, entre outros, redigido por Nuno Galopim a que se dá o nome de *Planetário no caminho das Estrelas*. Neste espaço podemos encontrar diversos dados e curiosidades sobre os temas acima indicados. Trata-se de informação rápida e esquemática, muitos dos textos não têm mais que 500 caracteres. A secção *Fisga* encerra com uma extensa entrevista onde não existe um tema fixo, pelo que podemos encontrar personalidades tão díspares como investigadores, jogadores de xadrez, escritores, pensadores. A figura destacada é, por norma, um símbolo de sucesso numa destas áreas. A fechar esta secção há a crónica *Cartas Abertas*, de Marques de Correia, onde, recorrendo a um tom informal, humorístico e sarcástico, se analisa e debate os principais assuntos da actualidade política e económica do país.

É, por norma, a seguir ao comentário de Marques de Correia que surge a entrevista e/ou reportagem que faz a capa do suplemento e assim se inicia a nova secção: +E. Os assuntos são vastíssimos podendo ir desde política (edição de 30 Maio de 2015), música (edição de 23 de Maio de 2015), passando, inclusive, pela ciência

(edição de 13 Junho de 2015). O tema que faz capa do suplemento ocupa cerca de cinco/seis páginas. É, por isso, o assunto que mais destaque obtém em todo o suplemento, na medida em que é aquele onde lhe são dedicadas mais páginas. A restante secção segue abordando com maior ou menor pormenor, e através do recurso à reportagem, entrevista e comentário, temas globais e de interesse tecnológico, científico, histórico, político. Tanto a secção *Fisga*, como a secção *+E* são direccionadas para a actualidade e para os principais problemas e crises internacionais e nacionais. Os assuntos em destaque são, na grande maioria, os mesmos que a comunicação social (TV) nos faz chegar diariamente (crise grega, TAP, eleições). Conclui-se, portanto, que a revista *E* é bastante centrada na actualidade, na medida em que aborda uma temática de carácter generalista, não especialmente centrada apenas em assuntos culturais, mas direccionando assumidamente o seu interesse para o esclarecimento de assuntos destinados normalmente a públicos mais vastos ou heterogéneos.

A secção que se segue é *Culturas*. Esta secção começa, por norma, na página 60 e termina na página 95. Nesta fase, os temas deixam de ser tão amplos para configurarem temáticas mais circunscritas. Esta secção é iniciada com uma grande entrevista ou reportagem sobre Música e Cinema, podendo também dar lugar de destaque à Literatura ou ao Teatro, embora de forma mais residual, corroborando desta forma as actuais tendências do jornalismo cultural em Portugal (as temáticas mais representativas são a Música e a seguir o Cinema). Em sete suplementos analisados apenas um deu destaque à Literatura, na edição de 23 de Maio de 2015, com Umberto Eco; os restantes optaram por dar o destaque de primeira página da secção *Culturas* para Música (5 edições) e para Cinema (1 edição). A fotografia, as artes plásticas e a dança também podem ser utilizadas para este destaque, no entanto de uma forma bastante mais residual. Esta secção divide-se em subsecções: a primeira subsecção dá pelo nome de *Livros*, com cerca de três/quatro páginas onde se podem ler várias, umas mais breves que outras, entrevistas a autores recentemente chegados ao mercado ou a autores já com vasta experiência. O mote para a entrevista é, por norma, a edição ou reedição de um livro. De seguida, e na mesma subsecção, há ainda um espaço dedicado, tal como no *JL* existe a *Estante*, a uma lista e respectiva sinopse de livros recentemente editados/reeditados. Nessas páginas há ainda lugar para uma crónica de opinião: *Isto anda tudo ligado*, de Ana Cristina Leonardo.

A subsecção *Cinema* segue uma linha muito semelhante: é iniciada com uma entrevista ou reportagem sobre cinema, festivais cinematográficos, estreias de filmes ou entrevistas com realizadores/actores. De seguida, há ainda três/quatro páginas onde se pode ler, desde sinopses de filmes e respectiva cotação e número de espectadores nas salas de cinema portuguesas, até a crónica de Manuel S Fonseca: *O Cinema dá o que a vida tira*.

Música é a subsecção que se segue e que respeita a estrutura das anteriores, não ultrapassando, tal como estas, as três/quatro páginas. De referir que também nesta subsecção existe uma crónica fixa da autoria de João Lisboa: *A Desarmonia das Esferas*.

A subsecção seguinte é dedicada à *Televisão* para a qual se disponibilizam apenas duas páginas. É destinada essencialmente à divulgação de séries internacionais que são transmitidas regularmente pelos canais por cabo: *Game of Thrones*, *House of Cards*, entre outras. De referir que, apesar de na maioria dos casos o destaque ser dado às séries, é usual que nesta subsecção o autor ou o actor da respectiva série seja o motivo do destaque.

Teatro e Dança são o nome da subsecção seguinte. Apesar de se reger pelos mesmos moldes que subsecções como *Música*, *Cinema* e *Livros*, a subsecção *Teatro e Dança* tem um número de páginas inferior (duas), quando comparado com as anteriores. Por norma, apresenta uma reportagem/entrevista sobre uma peça ou bailado prestes a estrear ou em exibição e duas/três, no máximo, breves sinopses.

A subsecção seguinte, *Exposições*, é em tudo semelhante à *Teatro e Dança*. Todavia, nesta existe mais uma crónica fixa, desta vez da responsabilidade de Jorge Calado, *A Tabela Periódica*. As subsecções dentro da secção *Culturas* terminam aqui. De seguida são reservadas duas páginas inteiras para a divulgação da agenda cultural: cinema, música, teatro, dança, exposições e livros, um pouco por todo o país. José Tolentino Mendonça é responsável pela última crónica de opinião, na página 92, que fecha a secção *Culturas*, *Que Coisa são as Nuvens*. Os temas abordados são novamente actuais e heterogéneos: Desporto, Religião, Literatura, Política, entre outros.

Em relação às crónicas indicadas em cada uma das secções, apesar de estarem fixas naquelas fracções, nem sempre a crónica se refere a um acontecimento que esteja

enquadrado dentro do tema. A título de exemplo, na edição de 23 de Maio de 2015, recuperando a crónica de Ana Cristina Leonardo, dentro da secção *Livros*, é possível reconhecer que os apontamentos e as considerações que faz são de carácter livre (pouco literário) sobre a forma como a inteligência e a felicidade estão relacionadas. Utiliza sempre e de forma variadíssima citações de livros e autores para atestar um determinado ponto de vista. Não são, no entanto, comentários críticos ou opinativos sobre determinada obra ou autor. Neste sentido, posso afirmar que tem um carácter menos clássico ou estrito quando comparado com uma crónica semelhante do *JL* na secção *Letras*. No entanto, só mais adiante iremos estabelecer e enumerar as principais diferenças entre os suplementos e o *JL*.

As restantes páginas do suplemento estão inseridas numa nova secção que tem como título *Vícios*. Nesta secção trata-se essencialmente de uma cultura de um ponto de vista mais antropológico, na medida em que se abordam temas e assuntos de uma perspectiva mais descontraída e consumista: gastronomia, hotelaria, vinicultura e receitas são os principais assuntos tratados. Os textos proporcionam sugestões de locais onde passar uns dias no sossego do campo ou na dinâmica de uma grande cidade, restaurantes por todo o país e receitas mais ou menos saudáveis. Este espaço está essencialmente mais orientado para o consumo, pois sugere vinhos, locais de repouso, restaurantes, etc, pelo que se assemelha bastante às revistas de tendências, como é o exemplo da *Time Out*, que têm vindo a conquistar cada vez mais leitores. Com a substituição do antigo suplemento *Actual*, um dos objectivos logo divulgados pela revista *E* era o de acompanhar as tendências actuais e fornecer ao público cada vez mais interessado neste formato um guia que reunisse comportamentos, formatos jornalísticos, cultura e recomendações de tempos livres. A fechar a revista existe uma última crónica a cargo de Pedro Mexia: *Fraco Consolo*. Tal como as restantes crónicas pode dizer-se que a generalidade das temáticas abordadas não obedece a um tópico fixo. Pelo contrário, são crónicas de opinião sobre temas tão variados como viagens, problemas sociais, económicos e políticos, ou também literatura. Exemplo disso é a edição de 30 de Maio 2015 onde Mexia homenageia Saul Bellow “um dos génios do romance norte-americano”(E,2015:106).

Antes de encerrar este capítulo, parece-me ainda de profundo interesse fazer referência à publicidade protagonizada nas páginas do *E*. O *E* aposta bastante no marketing empresarial e de grandes marcas, principalmente internacionais (Johnson,

Cetelem, *Ford*, entre outras). Comparativamente com o *JL*, e como veremos mais adiante com o *Ípsilon*, esta opção demarca, desde logo, uma grande diferença a nível de editoria entre estas três publicações.

Resumindo, o suplemento *E* parece apostar mais numa cultura de lazer, heterógena e acima de tudo actual: onde se informa mais e reflecte menos. No entanto, esta conclusão não deve ser tomada como uma crítica, não o é. Trata-se de um modelo de jornalismo na linha do *Expresso*, do *Público*, e de tantos outros jornais generalistas. No entanto, com uma marca bem mais cultural e comportamental. A ausência de trabalhos críticos pode justificar-se pela finalidade da própria marca do suplemento, ou seja, por uma opção editorial que procura ir de encontro às tendências actuais e às preferências do público, substituindo em grande escala a crítica pelas sinopses e pelos *rankings* nacionais de filmes, livros, entre outros. Em suma, enquanto o *JL* se dedica a uma via mais investigativa e educacional, o *E* está inserido numa linha editorial de publicações generalistas direccionando o seu interesse no acompanhamento da actualidade política e social que cada vez mais, felizmente, desperta interesse nacional e que reflecte obviamente a cultura e o estado desta no País. Por sua vez, no suplemento *Ípsilon* o ponto de partida e a organização é totalmente diferente como podemos verificar no capítulo seguinte.

Suplementos: *Ípsilon*, o suplemento do *Público*

O *Ípsilon*, suplemento cultural do jornal *Público*, mostra-se visualmente, e numa primeira análise, mais semelhante ao *JL*. A começar no número de páginas, tal como o *JL* também o *Ípsilon* é composto por uma média de 35 páginas, podendo, tal como no *JL*, haver edições onde há mais páginas e outras em que haverá menos: contudo, a média mantém-se normalmente nas três dezenas de páginas. Fará sentido, como anteriormente foi feito, esquematizar primeiramente as secções ou, no caso do *Ípsilon* que não está propriamente dividido em secções, delinear os temas essenciais e a forma como estão estruturados:

- **Flash**
- **Música**
- **Cinema**
- **Discos**
- **Exposições**

Estas são principais “secções” que surgem em todos os números do suplemento. Existem ainda “segmentos”, pois não seria correcto referi-los como secções, tais como Crónica, DVD e Opinião, que saem com regularidade reduzida, nomeadamente quando os acontecimentos destacados não se enquadram em nenhuma das categorias anteriores. A propósito do segmento Opinião, por norma redigido por um convidado, temos o exemplo da edição de 29 de Maio de 2015 onde o texto publicado diz respeito a uma resposta pública de José Manuel Costa a Augusto M. Seabra a propósito do artigo *Paulo Rocha, visível*.

O suplemento *Ípsilon* é iniciado com um breve sumário, ou seja, uma grelha informativa que planeia os principais tópicos a abordar. Ainda na primeira página podemos consultar o segmento /secção *Flash*, dedicado essencialmente a rápidas e breves notícias acompanhadas na grande maioria de vezes por imagens ilustrativas. O carácter breve é muito semelhante ao utilizado no segmento *Destaque*, do *JL*. Contudo, enquanto o *JL* disponibiliza quatro páginas para este efeito o *Ípsilon* reserva-lhe apenas duas e com bastante mais espaço dedicado a imagens, consequentemente com menor extensão para as letras.

A partir da 4ª página, o *Ípsilon* começa, na grande maioria das vezes, por desenvolver o tema que faz capa do suplemento. O desenvolvimento desse tema é levado a cabo através da utilização do texto corrido, onde as citações do entrevistado surgem entre aspas e se entrecruzam com citações e pormenores dados pelo próprio jornalista. O registo da pergunta-resposta também é utilizado, mas a frequência maioritária de utilização recai sobre o primeiro método. Nesta fase é possível, desde logo, traçar um padrão a nível de colaboradores: quando a capa do suplemento é dedicada a manifestações do âmbito musical (a maioria) há dois nomes que surgem destacados: Vítor Belanciano e Mário Lopes. Por norma, Música é o primeiro tema a ser tratado nas páginas do suplemento, a não ser que o tema da capa seja outro. Quando assim é, os textos relacionados com música, concertos e discos surgem nas páginas imediatamente a seguir, demarcando desta forma a importância que esta ocupa nas páginas do *Ípsilon*. De referir que nenhum dos textos ou temas se encontram dentro de qualquer secção; depois das duas primeiras páginas de *Flash* os temas desenrolam-se de forma aleatória. É importante ainda referir que outros jornalistas assinam textos e entrevistas a músicos e não apenas aqueles já referidos: também Inês Nadaís, Cristina Fernandes e Nuno Pacheco trabalham sobre esse tema que é, sem dúvida, o mais explorado nas páginas do *Ípsilon*.

Os textos, reportagens e entrevistas sobre os diversos temas seguem-se de forma natural e não catalogada. Os responsáveis pelos textos são, para além dos já indicados na categoria Música, recorrentemente os mesmos jornalistas sobre determinados temas: cinema (José Mourinha); livros (Alexandra P. Coelho, Isabel Coutinho e Isabel Lucas); exposições (José Marmeleira); teatro e dança (Gonçalo Frota). Há, por isso, um padrão e uma especialidade entre os vários colaboradores. Os tópicos e os temas misturam-se de folha para folha, passando de textos sobre teatro, para na página imediatamente a seguir se escrever sobre cinema e depois deste sobre literatura. Não há, portanto, uma regra fixa, o que realça a estrutura liberal e aleatória do suplemento. É de notar, até aqui, quase no final do suplemento, a inexistência de crónicas ou crítica nas páginas do *Ípsilon*.

As últimas páginas do suplemento são as únicas que estão separadas em categorias ou temas. No início de cada página é dado um nome à secção que será abordada: livros, discos, cinema, exposições. Esta diferenciação surge quase no final do suplemento e é utilizada para demarcar os diferentes temas. Todavia a estruturação

destas pequenas secções realça a forma reduzida das mesmas: para cada um dos temas (secções) são dedicadas apenas uma ou duas páginas com informações de sinopses, acompanhadas por imagens da representação artística. Estas últimas páginas funcionam essencialmente como “agenda cultural”, auxiliada por sinopses bem estruturadas e com informação suficiente para que o leitor fique com percepção clara de cada uma delas. De referir também que estas secções não têm ordem fixa: a forma como saem no suplemento é muitas vezes alterada.

Uma das grandes diferenças a apontar ao suplemento *Ípsilon* quando comparado com o *E* ou com o *JL* é exactamente o de não estruturar / organizar os seus artigos, textos e entrevistas por secções. Se por um lado este facto torna o suplemento mais dinâmico, na medida em que o leitor não sabe o que irá encontrar na página seguinte, por outro lado também poderá torna-lo mais confuso e desorganizado, uma vez que o leitor não pode direccionar o seu interesse para uma área ou secção específica que preferia. Em relação a textos de carácter opinativo e/ou crítico, apenas na curta secção dedicada a *Livros* surge a única crónica que verificamos nos sete exemplares do *Ípsilon*: *Estação Meteorológica*, de António Guerreiro. No entanto, também aqui não se trata necessariamente de uma crónica ou crítica literária, mas sim de opinião. O autor, entre muitos outros assuntos, disserta sobre educação, autores, festivais literários, ou outras questões eventualmente relacionadas com a literatura, sem se inclinar sobre a crítica propriamente dita.

Para terminar, penso ser importante fazer ainda uma pequena referência à publicidade nas páginas do *Ípsilon*. Ao contrário da revista *E*, do *Expresso*, que dedica generosamente uma parte do seu espaço a marcas comerciais, o *Ípsilon* raramente dá destaque de uma folha para a publicidade, optando por uma técnica mais discreta de meia página ou preenchimento de espaços, muito semelhante à utilizada pelo *JL*. Por outro lado, a própria publicidade que protagoniza nas suas páginas é circunscrita a entidades culturais e não a grandes empresas e marcas internacionais. A publicidade nas páginas do *Ípsilon* é da responsabilidade de entidades como: Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional de São Carlos, Casa da Música, entre outros.

Em suma, ao contrário do *E*, ou até mesmo do *Jornal de Letras*, o *Ípsilon* parece reger-se por uma linha editorial muito singular. O grande investimento cultural desta publicação parece recair especialmente sobre duas editoriais: música e cinema,

principalmente na música. No meu entender, o *Ípsilon* rege-se muito por uma linha semelhante à *Blitz*. No entanto, enquanto a *Blitz* é uma revista dedicada exclusivamente à música, o *Ípsilon* tornou mais abrangente o seu espectro cultural. Todavia, não esconde a sua preferência por este tema, pois um simples folhear do suplemento é suficiente para que se verifique que a o destaque dado ao universo discográfico está em maioria.

Uma vez conhecidos os três principais objectos de estudo deste trabalho é necessário, com base em todas as considerações até aqui apontadas, fazer um balanço acerca das principais diferenças entre os suplementos seleccionados e o *Jornal de Letras*. Encontrar pontos de convergência que apontem para as questões até aqui levantadas de tendência e principalmente de jornalismo cultural. Compreender qual o destaque dado à cultura e em que medida difere a abordagem nestas três publicações, bem como outros aspectos que delimitam e norteiam os critérios editoriais das mesmas.

Dados comparativos entre as publicações

O *Jornal de Letras, Artes e Ideias* já pormenorizadamente delineado, em capítulos anteriores, não será novamente anatomizado. Nesta fase, é importante recordar e notar, também através de uma esquematização, para se tornar mais simples e intuitiva a sua compreensão, as principais diferenças e as semelhanças essenciais entre cada um dos suplementos e o *JL*:

➡ **O suplemento *E* tem o dobro das páginas do *JL* e do *Ípsilon*. No entanto, dedica bem mais páginas a publicidade e a Marketing Empresarial do que o *JL* ou o *Ípsilon*.**

Enquanto o *JL* e o *Ípsilon* não passam, a não ser raras vezes, das 37 páginas, o *E* tem por norma 106 páginas. Todavia, no *E* a quantidade de páginas dedicadas à publicidade é bastante superior à dos restantes. De referir que a própria publicidade é diferente: no *JL* e no *Ípsilon* as entidades /marcas publicitadas são exclusivamente do âmbito cultural, enquanto no *E* a publicidade recai maioritariamente em marcas e bens de consumo.

➡ **Inexistência de artigos de natureza crítica nos suplementos. Apenas existe Crónica de opinião.**

Nas páginas do *JL*, além das crónicas, os textos de carácter crítico são bastantes e podem ser vistos em quase todos os quadrantes: nas letras por Miguel Real, na banda desenhada por João Ramalho Santos, na dança por Sofia Soromenho, no teatro por Helena Simões, no cinema por Manuela Paraíso ou Manuel Halpern e em exposições por Rocha de Sousa. O objecto de cada um destes textos pode ser um espectáculo, um bailado, um livro. Utilizando como ponto de partida um destes objectos artísticos, estes textos fornecem ao leitor uma crítica fundamentada, ao mesmo tempo que lhe facultam as ferramentas para que forme ele mesmo a sua opinião sobre determinado representação artística, no mínimo, fomentando o interesse ou o desejo do leitor em conhecê-la. Em contraste, o *Ípsilon* tem apenas uma crónica e nenhum artigo de crítica. No *E* há várias crónicas mas a crítica é igualmente inexistente. As crónicas em ambos os suplementos são crónicas de opinião sobre questões de várias ordens e quadrantes que acompanham maioritariamente a actualidade do País. No *JL* há igualmente crónicas de opinião sobre os mais variados temas, também redigidas de forma mais descontraída e

informal onde os assuntos do quotidiano são abordados: exemplos disso são em *Paralaxe* e *O Homem do Leme* de Afonso Cruz e Manuel Halpern, respectivamente.

➡ **O destaque de capa é maioritariamente relacionado com Literatura e Educação no *JL*; por outro lado o *Ípsilon* aposta de forma bastante mais evidente na Música e o *E* em capas de natureza social e política.**

Em sete exemplares do *JL*, compreendidos no período de Fevereiro a Junho, cinco dos destaques na capa são dedicados a escritores, um relacionado com um festival literário e um sobre multiculturalismo. No *Ípsilon*, seis dos exemplares utilizam como tema de capa músicos e apenas um foi dedicado a outra expressão de natureza cultural: a semana dos museus. Por outro lado, o *E* demarca-se destas temáticas de capa para assuntos mais generalistas. As capas do *E* diferem essencialmente na abordagem dada à cultura e à forma como é encarada: além dos assuntos marcadamente culturais, abordam questões políticas, medicinais, desportivas: (Sócrates, edição 30 e Maio 20015); *Como Vencer o Cancro* (13 de Junho de 2015) e *No Rasto das Bandeiras do Império* (edição 20 Junho de 2015) são alguns dos exemplos. No meu entender, esta abordagem, mais generalista, tende a facilitar o acesso a um público consideravelmente mais lato.

➡ **O núcleo informativo do *JL* é essencialmente direccionado sobre acontecimentos ocorridos em Portugal e países Lusófonos. Por outro lado, e de forma mais evidente, o *Ípsilon* detém-se bastante sobre artistas e autores internacionais.**

Ainda que muitos autores abordados nas suas capas sejam portugueses, no decorrer da leitura do *Ípsilon*, em confronto com o *JL*, é claramente mais evidente o destaque dado a figuras do mundo das artes internacionais, maioritariamente ligados à indústria musical. (Amy Winehouse, Patti Smtith, Benjamin Clementine, entre outros). No *JL*, por outro lado, são raras as capas, cujo objecto de destaque é um autor estrangeiro, salvo autores de países lusófonos: trata-se, portanto, de uma publicação muito centrada em Portugal, mas, principalmente, na sua língua e na sua herança.

➡ **No espaço que o *JL* dedica à música é possível constatar a dissemelhança com o suplemento *Ípsilon*, principalmente, a nível de sonoridade e géneros.**

O *Ípsilon* aposta claramente num programa direccionado para a música *pop*. Por outro lado, o *JL* vai numa direcção completamente oposta, optando por fazer a divulgação de trabalhos de autores relacionados com fado, música clássica e música popular brasileira (bossa nova), principalmente. Em suma, a opção na divulgação de música em ambas publicações é totalmente diferente, na medida em que o *Ípsilon* aposta num programa mais mediático e internacional, enquanto o *JL* por sua vez vai ao encontro de um público mais diferenciado e especializado, que procura um certo tipo de sonoridade e que sabe exactamente que só nas folhas do *JL*, ou em publicações bastante especializadas, poderá encontrar informação sobre temáticas mais particulares.

➡ **A tiragem mensal é muito maior em ambos os Suplementos em comparação com o *JL*. O *E* destaca-se no número de exemplares impressos, cerca de 100 mil.**

O *JL* é o único que detalha na sua ficha técnica a tiragem do jornal (10 500). Tanto no *E* como no *Ípsilon* essa informação não é explícita, talvez por se tratar de suplementos integrantes de jornais diários ou semanários, não existindo por isso a possibilidade de serem vendidos em separado. Em busca dessa informação, entrei em contacto com o jornal *Público*. Contudo, os esclarecimentos relativos a tiragens foram remetidos para a Associação para o Controlo de Tiragem e Circulação. A APCT é a entidade reguladora que faz mensalmente o controlo das tiragens e circulação dos principais jornais portugueses. A análise ao documento, que a instituição me enviou, mostra que o *Expresso*, e consequentemente a revista *E*, tiveram em Abril de 2015 uma tiragem de 101 375 exemplares por semana. Por outro lado, o *Ípsilon*, parte integrante do jornal *Público*, teve, também no mesmo mês de Abril, uma tiragem de 33 324 diários. A título de curiosidade, uma vez que as tiragens de cada uma das publicações são revistas mensalmente, verifiquei qual a tiragem que o *JL* apresentava para o mesmo período (Abril de 2015), apesar de na sua ficha técnica, indicar de forma regular os 10 500 exemplares. De acordo com o documento da APCT, o *JL* apresentou, nesse mês, uma tiragem de 8567, ou seja, um número inferior ao divulgado na ficha técnica do respectivo jornal. O documento enviado pela APCT não foi referenciado neste trabalho

pois os serviços em questão pediram-me que não facultasse o documento nem o colocasse visível a terceiros.

➡ **Dos três, a revista *E* do *Expresso* é a mais cara, seguida pelo *JL* e por fim pelo *Ípsilon*.**

Quando o leitor adquire o *Expresso* ou o *Público*, ainda que não faça uso do seu suplemento, adquire obrigatoriamente o mesmo, pois este vem agregado ao jornal. Por isso, os valores indicados não podem ser considerados de forma isolada como valor do suplemento, porque existe toda uma motivação que leva os leitores a adquirirem os outros jornais que não foram aqui estudadas. Assim, a nível de preços não é possível estabelecer um paradigma. Contudo, penso ser importante dar nota dos valores de cada um dos jornais actualmente. *Expresso*, ou revista *E* (3,20 euros), seguido do *JL* (2,80 euros) e por último o *Público*, com o *Ípsilon* (1,65 euros).

➡ **O *JL* divide as suas principais secções em Letras, Artes e Ideias, enquanto os suplementos diferenciam cada uma das categorias. De destacar também a forma como em cada um dos suplementos optam por se referir à secção de natureza literária apenas como Livros, enquanto o *JL* prefere a designação Letras.**

Esta opção, desde logo, afirma o carácter mais clássico e menos volátil do *JL*. Esta ideia já tinha sido referida no capítulo a propósito das Tendências do Jornalismo Cultural, na medida em que a alteração da designação vem a propósito de uma centralização do objecto artístico no livro ou até no autor em detrimento do objecto cultural que o mesmo cria. Esta alteração na designação dos grandes temas vai ao encontro da preferência pela utilização de um formato de agenda cultural centrada em sinopses, em detrimento de um olhar mais demorado e de uma crítica mais fundamentada onde fará mais sentido falar de Letras ou Literatura. No meu entender, a própria designação do tema indicia a especialização de cada uma das publicações e a forma como se colocam no mercado, de uma forma mais descontraída ou de uma forma mais clássica e rígida.

➡ **O investimento cultural é notoriamente diferente nas três publicações: literatura, música, sociedade.**

Se, como já foi indicado anteriormente, o *JL* se destaca no tratamento singular que dedica às letras e à educação, também o suplemento *Ípsilon* investe numa expressão artística e cultural de forma mais evidente: a música. Por outro lado, a revista *E*, parece direccionar o seu interesse para um entendimento social e político da cultura, menos selectivo e mais generalista. Ou seja, apesar de as três publicações se dedicarem a questões de natureza cultural apostam numa editoria completamente distinta umas das outras. Pelo que, no meu entender, estas três publicações não representam nenhum tipo de concorrência entre si na medida em que consagram um nicho específico e muito distinto.

Depois de apontadas, em nove breves tópicos, as principais características distintivas entre as três publicações, dediquei-me a verificar acontecimentos concretos e relevantes na esfera cultural portuguesa. Seleccionei três acontecimentos que me pareceram relevantes. Procuro, através destes compreender, e de alguma forma justificar o que foi indicado imediatamente acima, relativamente ao tratamento dado a cada um destes acontecimentos nas diferentes publicações:

- ➡ A atribuição do Prémio Camões;
- ➡ A morte do poeta Herberto Helder;
- ➡ Os Festivais de Verão.

O poeta Herberto Helder, considerado por muitos um dos maiores poetas portugueses da segunda metade do século XX, faleceu no dia 23 de Março de 2015. O seu desaparecimento viria a ser longamente reconhecido e lamentado nas páginas de algumas publicações. No número 1161, de 1 a 14 de Abril, o *JL* dedicou-lhe não só a capa, mas também longas e demoradas páginas de elogio e recordação, com textos de vários cronistas, jornalistas e críticos: António Carlos Cortez, Arnaldo Saraiva, Fernando Pinto Amaral, Gastão Cruz, Helder Macedo, Manuel Alberto Valente, Maria Leonor Nunes e Valter Hugo Mãe. De referir que a secção *Letras* foi bastante alargada em homenagem ao autor, ocupando quase metade das páginas destinadas ao jornal. A estrutura do próprio jornal foi alterada, de forma a diminuir o destaque dado a outras

secções para que pudessem de alguma forma dispensar mais espaço ao poeta. Por sua vez, o *Ípsilon* não deu destaque de uma capa ao autor mas reservou-lhe uma página completa, na secção *Livros* da edição de 22 de Maio, a propósito da edição do livro de poemas póstumos. Já a revista *E*, na edição de 27 de Março de 2015 dedicou, para além da capa, várias páginas ao poeta português, também com crónicas dos principais jornalistas.

Por outro lado, o Prémio Camões que se apresenta actualmente como um dos principais galardões das letras portuguesas e que visa distinguir os melhores de entre os melhores escritores de Língua Oficial Portuguesa teve uma abordagem bastante diferente entre as três publicações. Este ano, o prémio foi entregue a Hélia Correia, no dia 17 de Junho de 2015, e foi motivo para ceder à autora a capa do *JL*, bem como longos ensaios, sonetos inéditos e uma entrevista num tom bastante intimista. Já o *E* não registou o acontecimento, não dando sequer nota da distinção nas suas edições imediatamente a seguir (de 19 e 26 Junho). Não só não fez capa deste suplemento como não existe qualquer referência ou apontamento para esse facto. O *Ípsilon* seguiu o mesmo caminho do *E*, não fazendo qualquer alusão à vencedora do Prémio Camões.

Em relação aos festivais de verão, o estilo mais selectivo e clássico do *JL* é preponderante e fica especialmente claro no número 1167, onde se concede a este tema várias páginas. No entanto, não são os mesmos festivais de Verão que podemos ver divulgados nas páginas de outras publicações, nomeadamente do *Ípsilon*. O *JL* dá espaço e rosto a festivais menos divulgados, de música clássica, de teatro, cinema, entre outros. Há que reconhecer nestas opções que a linha editorial do *JL* é bastante específica e está direccionada para um público particular que procura este tipo de festivais. Na realidade, os festivais de música de verão são amplamente comercializados e publicitados, não só por revistas especializadas e não especializadas, como também pela televisão e pela rádio. Ou seja, o *JL* parece apresentar-se ao público como um dos poucos jornais portugueses a dar voz a iniciativas pouco divulgadas nos meios de comunicação generalistas. Esta especificidade evidencia, desde logo, o seu principal propósito, a sua principal orientação.

Conclusão

Trabalhar com jornalismo, e principalmente trabalhar com cultura, é estar sujeito a uma constante mutação de princípios e métodos: o que hoje é tendência amanhã já não é. Há uma procura incessante de novas formas de captação e, principalmente, de sedução dos leitores. A procura de novos paradigmas e de formas de actuação e reflexão, neste meio, são uma constante. O jornalismo cultural representa, actualmente, uma “fatia” importantíssima do interesse do público, sendo a música e o cinema os catalisadores principais desta procura. Neste sentido, e tendo em conta tudo o que até aqui foi constatado, importa, de forma conclusiva, verificar qual a posição que o *JL* actualmente detém na comunidade jornalística actual.

O jornalismo cultural tem oscilado entre dois conceitos de cultura: antropológica e clássica. No entanto, muitas vezes, a “confusão” no tratamento da cultura surge desde logo por parte das editoriais e dissemina-se desta para os leitores. Na realidade não existe uma regra, ou norma, que se possa aplicar de forma linear às categorias dadas aos jornais e revistas, o que resulta, por vezes, no surgimento de dúvidas sobre o que é ou não cultura, e que publicações se dedicam ou não à cultura. No documento facultado pela APCT é possível verificar as distinções que são actualmente utilizadas para cada uma das revistas e jornais a serem publicados em Portugal. Entre muitas e variadas categorias, há duas que destaco: Cultura/Espectáculos onde está inserido o *JL*, a revista *Ler*, *Blitz*, *Time Out* e *Ticketline Magazine*; e a categoria Informação Geral onde constam nomes como *Público*, *Expresso* e *Diário de Notícias*.

Tratar cultura, de um ponto de vista jornalístico, é, entre outras coisas, instigar no leitor a capacidade de reflectir e questionar o mundo à sua volta. Neste sentido, pode parecer, ao primeiro olhar, um pouco redutor colocar o jornal *Público* ou o *Expresso* numa categoria de Informação Geral, tendo em conta que para além de questões relacionadas com a sociedade, cultura, política e educação disponibilizam actualmente vários suplementos de ordem cultural. No entanto, esta designação e esta segmentação são compreensíveis, na medida em que se todas as publicações que, de alguma forma, reflectem ou se debruçam sobre questões de âmbito cultural fossem colocadas numa única categoria denominada «Cultura» estaríamos numa redundância. Ou seja, esta distinção / separação por categorias não é fácil de ser justificada ou combatida pois representa um dos grandes problemas do entendimento do que é afinal cultura. Neste

sentido, a categoria Cultura / Espectáculos está reservada a duas publicações mais clássicas e menos generalistas: revista *Ler* e *JL*, e por outro lado, a revistas como a *Time Out* ou a *Blitz* que representam bons exemplos de jornalismo cultural actual, no entanto de um ponto de vista totalmente díspar das duas primeiras.

Porém, importa fazer a ressalva de que com a utilização do adjectivo “clássico”, no tratamento que é dado à cultura nas páginas do *JL*, não aludo ao tratamento de uma cultura superior, mas sim a um sentido estrito de cultura. No meu entender, o *JL* não encerra o paradigma cultural por excelência, no entanto destaca-se e, principalmente, afasta-se de todas as outras publicações editadas actualmente em Portugal. Esta “especialidade”, ou se preferirmos esta particularidade do *JL*, reside, no meu entender, num “segredo” bastante simples e singular: a resistência que tem demonstrado em manter-se fiel à sua origem e aos seus princípios: o *JL* resiste ainda de várias formas e de diferentes perspectivas. Resiste ao impulso, por vezes, descontrolado³ das novas tecnologias: apesar de disponibilizar uma edição *online* do jornal, quando comparado com jornais como *Público*, *Expresso*, ou até mesmo o suplemento *Ípsilon*, que utiliza bastante a plataforma *online* do *facebook* para divulgação da agenda e principais temas do suplemento, o *JL* utiliza o site para dinamização e exploração da marca *JL* de uma forma bastante mais parca, quando comparado com estes. O *JL* tem o seu público fidelizado, que o procura, principalmente, em papel. Resiste ainda no tratamento dos temas considerados actualmente preferenciais: música e cinema, mantendo assim o seu investimento cultural inicial e objectivo nas letras. O *JL* cobre, porém, de forma exemplar, outras questões, como teatro, dança, exposições e música, não se reduzindo ou fechando apenas ao tratamento de um tema. Resiste, também, no seu principal e primeiro objectivo: o de ser um elo de ligação entre as principais comunidades de língua oficial portuguesa. Também aqui o *JL* resiste, não só porque dá uma notória preferência a autores / artistas de língua oficial portuguesa, mas também porque é para essas comunidades que vai a segunda maior parcela de jornais impressos. No documento facultado pela APCT é possível verificar que uma das maiores concentrações de venda e assinantes do *JL* está precisamente no estrangeiro. Estes dados atestam, desde logo, o sucesso da sua jornada em fomentar o diálogo e as relações com as comunidades lusófonas. O *JL* é, além disso, o único jornal a dedicar-se de um ponto de vista cultural

³ Muitas das plataformas *online* disponibilizadas actualmente (*Expresso*, *Público*) apresentam erros grosseiros de português, bem como erros ortográficos resultantes de uma redacção rápida e, muitas vezes, sem qualquer tipo de revisão.

e social a essa questão: em Lisboa, os valores médios de venda são 46,57 %; para o estrangeiro são enviados cerca de 13,28% dos jornais produzidos; e no Porto são vendidos apenas 10,41%. Com Lisboa a liderar a região com mais assinantes e compradores do *JL*, as comunidades lusófonas, em países como Brasil, Moçambique, Angola, representam o segundo destino com maiores valores de aquisição do *JL*, ficando mesmo à frente de cidades como Porto, Guimarães e Coimbra.

Esta particularidade e este feito importante do *JL* representa, no meu entender, um marco importante na dinamização e principalmente no êxito a que se propuseram para fomentar a relação destes países em questões de ordem cultural e linguística. O *JL* resiste nestas e em muitas pequenas coisas, particularmente na opção que mantém de não substituir, ou diminuir, os textos de carácter crítico para dessa forma dar lugar a agendas culturais, sinopses de livros ou peças. Para já, o *JL*, não aderiu ao rápido e esquemático em detrimento do profundo e do demorado. No entanto, o *JL* não fechou os olhos à modernidade. O *JL* tem ao longo dos anos reformulado as suas capas, o seu *layout*, tornando mais apelativa e moderna a sua estrutura. O *JL* mantém-se, porém, fiel à sua marca e à sua posição no mercado, dedicando-se por inteiro a um público que o procura por isso mesmo: pela capacidade de se manter íntegro e de tratar a cultura com um perfil e uma posição sólida e séria, não negligenciando nenhuma expressão cultural, apenas optando por dar destaque a uma que é menos explorada.

De qualquer modo, o *JL* não se apresenta ao público como o *ex-líbris* português da cultura e da informação exclusivamente cultural. Pelo contrário, penso que o papel do *JL* actualmente é o de preencher uma lacuna no jornalismo português. Há óptimos jornalistas e óptimos cronistas, bem como críticos em vários jornais e revistas mais ou menos especializados em cultura. Todavia, o papel do *JL* é o de apostar numa informação de qualidade aliada a uma intenção de dar a conhecer o lado mais escondido e por vezes de difícil acesso da cultura portuguesa e lusófona: é assim que o *JL* prefere normalmente, por exemplo, dar destaque a um bailado ou a um festival de silêncio, em detrimento de um concerto no MEO Arena. O *JL* optou assim por uma linha editorial mais clássica e mais associada a manifestações artísticas clássicas. Contudo, isso não é positivo ou negativo: trata-se de uma opção editorial que, apesar da parca circulação do *JL*, permite manter fiel o público que procura exactamente essa informação “mais escondida”, “menos divulgada”.

A par disso, e não obstante, o *JL* apresenta-se como um jornal extremamente intimista, com rubricas muito próprias, tais como *Autobiografia* ou *Diário*, que facultam ao leitor um sentimento de proximidade com o autor. O que a grande maioria das publicações faz é acompanhar o gosto dos seus leitores, de forma a ir ao encontro do que parecem ser as preferências actuais. O *JL* parece resistir também a essa “tentação”, mantendo-se fiel aos primeiros números e aos primeiros objectivos.

Concluindo, a especificidade do tratamento de questões culturais e o próprio jornalismo cultural praticado nas páginas do *JL* é, no meu entender, a “necessidade” de atender a um público segmentado e de tratar temas com maior profundidade, assim como acontece em outros jornais para diferentes secções do jornalismo: política, desporto, economia. É, no entanto, de lamentar que não existam mais publicações como o *JL* em Portugal, assim como se deve lamentar o desinvestimento na educação cultural, musical, artística das crianças e jovens. Na verdade, isso explica-se, em parte, pelo desincentivo que se faz sentir nas várias áreas da cultura. Ainda há quem considere a cultura como uma actividade lúdica, de entretenimento e, por isso, susceptível de ser removida e diminuída: temos assistido, nos últimos anos, a sucessivos, arrebataadores e desmedidos cortes orçamentais que inviabilizam o crescimento e a produção artística. A cultura não é uma actividade lúdica, a cultura é a expressão e o grito de individualidade de uma comunidade, de um país. Se lhe fosse cedida apenas um terço da importância, do capital, do destaque, que é dado por exemplo à política, ou ao desporto, quer seja pelos meios de comunicação, pelos políticos ou pelos próprios cidadãos, o País seria, certamente, mais rico, diversificado e esclarecido. A cultura não deve, nem pode, estar ‘presa’ a um orçamento de estado, a um jornal ou a um preço. A cultura é um direito de uma sociedade democrática.

Bibliografia

- AZEVEDO, Celiana. *O que mudou no Jornalismo Cultural no Diário de Notícias entre os anos 2000 e 2010?* Centro de Investigação Media e Jornalismo da FCSHUNL. 2013
- BASSO, Eliane. “Para entender o jornalismo cultural”. *Comunicação & Inovação*. Vol 9 N° 16. 2008. pp 69-72.
- BRIGGS, A., & BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura*. 2ºvol, 3ªed. Porto: Figueirinhas, 1979.
- CORREIA, Fernando. *Jornalismo e Sociedade*. Lisboa: Avante!, 2000.
- CRATO, Nuno. *Comunicação Social - A Imprensa*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- CUNHA, Alfredo da. *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa (1641-1821)*. Lisboa: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, t. VI, 1941.
- DICIONÁRIO da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências. Lisboa: Verbo, 2001.
- ECO, Umberto. *O Super Homem das Massas*. Lisboa: Difel, 1990.
- ELIOT, T.S. *Notas para Uma Definição de Cultura*. Lisboa: Século XXI, 1996.
- FARO, J. S. “Nem tudo o que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural”. *Comunicação & Sociedade*. Vol 28 N° 26. 2006. pp 144-161.
- FERIN, Isabel. *Comunicação e Culturas do Quotidiano*. Lisboa: Quimera. 2002.
- FERNANDES, Joaquim. “Reflexos e sombras de um jornal das “Luzes””. *Revista da Faculdade de Letras do Porto, História*. N° 10. 1993. pp 205-232.
- FONSECA, Patrícia. “A Pioneira Flama”. *Revista Jornalismo e jornalistas*. N° 31. 2007. pp 54-65.

FRANCO. Erica. *Lifestyle Media: O Exemplo do Jornalismo Cultural em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, 2013.

GOMES. Pedro Marques. “O Jornal Novo, A Revolução e a Liberdade de Imprensa”. *Revista Media & Jornalismo*. Nº 12. 2013. pp 95-118.

MARTINS. Manuel Frias. *As Trevas Inocentes*. Lisboa: Arion, 2001.

MATTELART, Armand. *História das Teorias da Comunicação*. Porto: Campo das Letras, 1997.

MELO. Isabelle Anchieta de. “Jornalismo Cultural: pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura”. 2010. BOCC: 1-12.

MESQUITA. Mário. *O Jornalismo em análise. A coluna do Provedor dos Leitores*. Coimbra: Minerva, 1998.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

PEREIRA. Augusto Xavier da Silva. *O Jornalismo Português*. Lisboa: N/A, 1896.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

RAMOND. Viviane. *A Revista Vértice e o Neo-Realismo Português*. Lisboa: Angelus Novus, 2008.

SILVA. Dora Santos. *A Cultura no Jornalismo Cultural – Contributos para uma Redefinição e Ampliação do Jornalismo Cultural Português, no Contexto das Indústrias Culturais e Criativas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2008.

STEINER, George. *A ideia de Europa*. trad. Maria de Fátima Carmo. Lisboa: Gradiva, 2013.

TENGARRINHA. José Manuel. *História da Imprensa Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 1989.

VARGAS LLOSA. Mário. *A Civilização do Espectáculo*. trad Cristina Rodriguez e Artur Guerra. 2ªed. Lisboa: Quetzal, 2013.

VELOSO, Lúcia, SOUSA, José Manuel Mota. *Publicações periódicas portuguesas existentes na biblioteca geral da Universidade de Coimbra (1641-1910)*. Coimbra. Biblioteca Geral da Universidade, 1983.

Páginas consultadas

CARMO, Teresa. “Evolução portuguesa do jornalismo cultural”. 2006. Obtido em 21 de Abril de 2015, de http://janusonline.pt/2006/2006_2_2_9.html

Cultura na Primeira Página. Obtido em 15 de Maio de 2015, de <http://culturaprimeirapagina.fcsh.unl.pt/>

“EFEMÉRIDES. O Tempo e o Modo, 50 anos depois”. Obtido em 7 de Março de 2015, de <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/OTempoeoModo/OTempoeoModo.htm>

SANTOS. Rogério. *Indústrias Culturais*. Obtido em 22 de Maio de 2015, de <http://industrias-culturais.blogspot.com>

DE SOUSA. J. Francisco. “A Gazeta Literária: o Primeiro Periódico Literário Português”. Obtido em 12 de Junho de 2015, de <http://cyberdemocracia.blogspot.pt/2012/03/gazeta-literaria-o-primeiro-periodico.html>

SOUSA, José. ”Vértice, revista de arte e cultura, 1942 – “, *Dicionário de historiadores portugueses da academia real das ciências ao final do Estado Novo*. Obtido em 15 Março de 2015, de http://dichp.bnportugal.pt/periodicos/periodicos_vertice.htm

SOUSA. Jorge Pedro. “Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974”. Obtido em 20 de Junho de 2015, de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-do-jornalismo-1974.pdf>

ANEXOS

Anexo 1: Capa do primeiro número do *JL*, de 3/3/1981, p1.





<p>MÁRIO DE CARVALHO 70 ANOS</p> <p>Mário de Carvalho completou 70 anos no passado dia 25 de setembro. E para o assinalar, Isabel Rocheta e Ernesto Rodrigues, do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, organizam, no próximo dia 13, na Faculdade de Letras de Lisboa, a jornada "Mário de Carvalho entre amigos". Participam, falando do escritor e decerto também do homem e cidadão, Isabel Pires de Lima, Manuel Frias Martins, Fernando Venâncio, Rita Taborda Duarte e Fernando Guerreiro. A jornada inicia-se às 10.00 e termina às 17 com uma conversa com o escritor.</p>	<p>LOBO ANTUNES NA ROMÉNIA</p> <p>António Lobo Antunes vai ser receber, no próximo dia 6, o Doutoramento Honoris Causa da Universidade Babes-Bolyai de Cluj, na Roménia. "A contribuição excecional para a literatura mundial" e a "difusão da cultura portuguesa no Mundo" foram os argumentos apresentados pela instituição para justificar a decisão, que em anos anteriores já distinguiu Mario Vargas Llosa e Jacques Le Goff. A sessão decorrerá na abertura do Salão do Livro da Transilvânia, onde o escritora receberá ainda o Grande Prémio de Excelência do Salão do Livro. Em Portugal, Lobo Antunes lança, a 21, o seu novo romance, <i>Caminho Como uma Casa em Chamas</i>.</p>	<p>FERNÃO, MENTES?</p> <p>A grande afluência de público levou ao prolongamento de <i>Fernão, Mentes?</i>, de Helder Costa, que vai ainda estar em cena de 9 a 12, no Cinearte, em Lisboa. Criado a partir de <i>Peregrinação</i>, de Fernão Mendes Pinto, o espetáculo de A Barraca, foi remontado para uma reposição este ano, em junho, no Teatro da Trindade. E reposto na sala de A Barraca, em setembro. A direção de arte é de Maria do Céu Guerra que tem uma participação especial no elenco, a direção musical de João Maria Pinto, com música de Fausto e José Afonso. Interpretação de Adérito Lopes, Ruben Garcia, Rui Sá, Sérgio Moras, Susana Cabela, Tiago Barbosa, entre outros.</p>	<p>O GESTO ORELHUDO</p> <p>Águeda recebe, de 1 a 4 de outubro, o festival, O Gesto Orelhudo onde a música, o teatro e o humor se voltam a encontrar. Na 13ª edição do festival é possível assistir a espetáculos de pequeno formato como "Hamlet em Pessoa" de André Gago e Carlos Barreto, "20Dizer" de Trigo Limpo teatro Acert e "Circo Mediático" de Américo Rodrigues. O Cine-Teatro, São Pedro, será palco dos espetáculos de grande formato, "Deixem o Pimba em Paz" com Bruno Nogueira e Manuela Azevedo, "The Best of Leo Bassi", "Liberdade" de Sérgio Godinho, e os britânicos "The Vocal Orchestra".</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

JL / 1034 de outubro de 2014 • jornalaletradas.vapo.pt

DESTAQUE * 7

Sérgio Godinho O epílogo do prólogo

Depois de *O Sangue por um Flo* (Poesia), Sérgio Godinho estreia-se na ficção com *Vidadupla*, uma coletânea de nove contos que dão a conhecer o lado B da escrita de Sérgio Godinho. Ficções impressionistas e impressionantes, escritas num vaípe, mas buriladas como peças de joalharia. O JL pré-publica o primeiro conto, *O Lençol*, e fala com Sérgio Godinho sobre a segunda vida da sua escrita

JL: O seu talento com as palavras é bem conhecido, por isso não surpreende que o revele num outro suporte. Contudo, o registo destes contos é muito diferente. Onde estava isto escondido?

Sérgio Godinho: Não sei muito bem. Foram escritos num período curto. Quando encontro um caminho de criação tenho que o perseguir e até fico com borbulhas quando não o consigo fazer. Antes escrevi o livro de poemas *O Sangue por um Flo* e andei a perseguir essa linguagem. Aqui foi a mesma coisa. O uso do adjetivo sucessivo, um certo ritmo da frase, o voltar atrás na narrativa para encontrá-la mais à frente... Não é como se estivessem na gaveta, estes

contos foram feitos como num vaípe prolongado. Deixei um a meio, mas a determinada altura senti que este era o tempo certo e os contos já estavam muito burilados. Foi como o trabalho nas canções. São peças de joalharia que têm de ser cuidadas.

Não é um livro de contos convencional, passam emoções e estados de espírito, mas não são histórias com princípio, meio e fim...

Não me apetece encerrar as histórias como num romance. Há um momento em que o conto já disse o

Sérgio Godinho
VIDADUPLA

1999
Quetzal, 106 pp, 16,20 euros

Sérgio Godinho "Sei que vou continuar a escrever ficção"

que se queria dizer. O teclado vai indicando por onde a história vai, sem estrutura predefinida. Descobre-se um caminho e depois joga-se com as mesmas pedras, poética e narrativamente.

Como no conto em que, já próximo do final, surge: "Queria falar da minha história de amor, mas está difícil"... Chamei ao conto "Queria falar da minha história de amor" e depois comecei a contar algo completa-

mente diferente, mas na verdade, aos poucos, vai-se contando ali uma história de amor. E é por isso que no fim acaba dizendo: "É disso que eu queria falar".

Acha que os contos estão para a literatura como as canções estão para a música?

Algo assim. Também se diz que os contos são a poesia e o romance a prosa. Nos contos há uma linguagem poética mas também concreta, sobretudo porque não são naturalistas. Não há muitos detalhes a jogar sobre o quotidiano do quotidiano. Mesmo nas minhas canções não me reconheço quando me chamam escritor do quotidiano, porque o meu quotidiano é transformado por uma visão simbólica.

Podemos deduzir que, como diz num dos contos, "isto é só o epílogo do prólogo"?

Não necessariamente. Sei que vou continuar a escrever ficção. Deu-me grande gosto solidificar estas linguagens. Não quer dizer que vá logo de repente recomençar a escrever. Fica-se sempre um pouco vazio, ou esvaaziado, quando se acaba um trabalho. Tenho a cultura dos livros na minha educação. A minha avó paterna era dona de um alfarrabista. A literatura e a música sempre existiram a para em casa dos meus pais.

E a música continua?

Há uma ironia nesta *Vidadupla*, porque efetivamente, no final de outubro vai sair o álbum ao vivo, *Liberdade*, com takes dos espetáculos do São Luiz, entre outros, que inclui alguns temas inéditos. **JL**

MANUEL HALPERN



Nelson Dona 25 anos de BD na Amadora

■ O Amadora BD 2014, Festival Internacional de Banda Desenhada, organizado pela Autarquia, comemora 25 anos, de 24 de outubro a 9 de novembro, no Fórum Luís de Camões, na Amadora. O JL falou com o seu diretor, Nelson Dona, que nos deu uma edição em que vai ser possível recordar os clássicos e tomar contato com trabalhos contemporâneos de autores portugueses e estrangeiros. O festival conta com uma mostra de revistas de BD, uma exposição, na FNAC do Chiado, até dia 14 de dezembro, com os cartazes das suas 25 edições, e uma Masterclass.

Como será esta 25ª edição do Amadora BD?
Nelson Dona: O festival faz 25 anos e, portanto, a primeira coisa que propomos ao público é fazer um balanço. Mas também estar atento às novidades e ao formato digital. Além disso, comemoramos os 75 anos do Batman, com peças que vêm do mundo inteiro, numa das maiores exposições que alguma vez se fez sobre este personagem, em Portugal e no estrangeiro. Temos, também, a exposição dos 50 anos da Mafalda, uma de teor mais lúdico, não propriamente museográfico.



Quais os autores portugueses em destaque?
Quisemos reforçar a ideia de que a BD portuguesa está em plena forma, com gerações completamente diferentes. Desde a homenagem ao José Rui à retrospectiva e exposição de Joana Afonso, a autora em destaque, que, tal como o festival, tem 25 anos. Destaco ainda a exposição em torno do fonzine BDLP, Banda Desenhada de Língua Portuguesa, que reúne autores de todos os Países Lusófonos. Devemos dar maior atenção a esta ideia que todos falamos a mesma língua, e que esta língua gera uma comunidade global que nos une e nos aproxima, apesar do mar que nos separa.

Que balanço faz destes 25 anos?
A longevidade do festival prova que, ainda, é possível fazer atividades culturais em Portugal. A BD portuguesa é uma arte rica com bastante reconhecimento internacional. Infelizmente em termos editoriais não tem a correspondência que merece, apesar de nos últimos anos alguns autores portugueses terem publicado no estrangeiro. Modéstia à parte nós temos contribuído muito para isso, não só pela presença constante no meio cultural português, mas também pelas parcerias que estabelecemos com outras instituições. Levamos, constantemente, BD portuguesa lá fora e trazemos autores e editores estrangeiros ao festival.

O festival também tem servido para revelar novos talentos?
Sim, é muito importante não esquecer que temos um concurso de BD que permite aos novos autores apresentar as suas obras ao público. Muitos dos que ganharam o prémio do AmadoraBD são hoje autores de referência contemporâneos. Penso que, o papel do Amadora BD é por vezes quase invisível, um trabalho de bastidores com uma importância crucial na formação de públicos, leitores e autores. JL. CÁTIA SOFIA MOREIRA

A longevidade do festival prova que, ainda, é possível fazer atividades culturais em Portugal

PRÉMIO(S) VASCO GRAÇA MOURA

Vão ser criados dois prémios para homenagear o raro poeta, ficcionista, ensaísta, tradutor e animador cultural que foi Vasco Graça Moura (VGM), que morreu em 27 de abril último, com 72 anos. Um é de iniciativa da Estoril Sol, que já instituiu e mantém os prémios Fernando Namora e Revelação Agustina Bessa-Luís, a cujos júris VGM presidiu. O galardão "terá uma natureza muito abrangente, vocacionado para distinguir a Cidadania Cultural". O outro prémio será de poesia e deve-se à Modo de Ler, a chancela de José da Cruz Santos, que foi editor, amigo e admirador de Vasco.

FESTA DA ANIMAÇÃO

Filmes, exposições, oficinas e encontros fazem a Festa da Animação, cuja segunda edição decorre na Lousada, entre 28 de outubro e 2 de novembro. Além do Museu do Cinema Animado, aberto recentemente por Abi Feijó, esta festa, organizada pela Casa da Animação, realiza-se noutros locais do Grande Porto, desde o Auditório Municipal, à Biblioteca Municipal, passando pelo Conservatório de Música. Um dos momentos altos será a entrega do Prémio Nacional da Animação, nas categorias 'Escolas' e 'Profissionais'. A Festa integra-se no Dia Mundial da Animação, 28 de outubro, que é assinalado, em simultâneo, em mais 40 países.

XX CINEECO EM SEIA

O CineEco, Festival Internacional de Cinema Ambiental da Serra da Estrela, comemora, este ano, o 20º aniversário. A Casa Municipal da Cultura de Seia recebe, até dia 18 de outubro, o festival que conta com cerca de quatro centenas de filmes, de todo o mundo. Para além da vertente cinematográfica há ainda múltiplas atividades paralelas, tais como, Escrita Criativa de Argumento para Documentário Ambiental, Literatura para a Infância e Expressão Dramática, entre outras.

JORGE LISTOPAD EM PRAGA

Mais uma obra do poeta, escritor, encenador, cronista e desde o início colaborador do *JL*, Jorge Listopad, na sua cidade natal, Praga. No caso, trata-se de uma pequena ópera da compositora Zdenka M. Kosnarova, a partir de um texto seu sobre a morte de Vaclav Havel, inserido no seu livro de contos *Escada de Anjos*. A estreia foi no Palácio Liechtenstein com a presença de Listopad, que continua na capital checa - o que explica que nesta edição não tenhamos nem "Coelhinho" nem "Segunda Via".

> BREVES <

■ **ERA UMA VEZ O 25 DE ABRIL**, de José Fanha, apresentado por Miguel Real, a 23, às 18 e 30, na Associação 25 de Abril, em Lisboa.

■ **AS MULHERES CONTRA A DITADURA**, da historiadora e deputada Cecília Honório, apresentado hoje, quarta-feira, 15, às 18 e 30, no Centro de Cultura e Intervenção Feminista/UMAR, em Alcântara.

■ **VIDADUPLA**, de Sérgio Godinho, lançado amanhã, quinta-feira, 16, às 18 e 30, na livraria Ler Devagar, na Lx Factory, em Lisboa. Apresentação por Anabela Mota Ribeiro.

■ **AMARRADA À TUA MÃO**, de José Fialho Gouveia, lançado esta quinta-feira, 16, às 19, na Fábrica do Braço de Prata, em Lisboa. Apresentação de Alice Vieira.

■ **RAPSÓDIA BATMAN**, peça de Os Possessos, com texto e encenação de João Pedro Mamede, de 28 a 8 de novembro, no Teatro da Politécnica, em Lisboa.

■ **JOSÉ LUÍS PEIXOTO** apresenta o novo romance, *Colveias*, hoje, quarta-feira, 15, às 18 e 30, no Teatro Municipal Rivoli, no Porto.

■ **MARIA JOÃO MARTINS** lança *Luanda, Invenção de uma Capital*, esta sexta-feira, 17, às 18 e 30, na sede do Instituto Camões, em Lisboa.

■ **MÁRIO ZAMBUJAL** lança o seu novo romance, *Serpentino*, esta quinta-feira, 16, às 18 e 30, na Fnac do Chiado, em Lisboa.

■ **INÊS FONSECA SANTOS** lança *A Palavra Perdida*, o seu primeiro livro infantojuvenil, ilustrado por Marta Madureira, este domingo, 19, às 17, na Galeria Monumental. Afonso Cruz apresenta e Filipa Leal lê.

■ **BIG BANG** - Festival Europeu de Música e Aventura para Crianças, esta sexta-feira e sábado, 17 e 18, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

■ **VERÃO AZUL**, a 5ª edição do festival, entre 23 e 26 de outubro, em Lagos e Portimão com espetáculos, concertos, exposições e conferências.

■ **2ª EDIÇÃO DO COLÓQUIO DE OLISIPOGRAFIA** decorre, dia 23 e 24 de outubro, no auditório CGD do ISEG, Instituto Superior de Economia e Gestão, em Lisboa.

■ **PANCADA DA VIDA**, peça de Aida Duarte, com encenação e direção de Afonso Carvalho, no Teatro Municipal de Vila do Conde, dia 30, às 21 e 30.

■ **ESCRITOR E AGITADOR CULTURAL DA LUSOFONIA**, a exposição biobibliográfica sobre Augusto dos Santos Abranches, até 19, no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira.

■ **OS CAVALOS**, de Manuel Amado, inaugura-se hoje, quarta-feira, 15, no Museu do Oriente, em Lisboa. Até 16 de novembro.

Festival de dança em Évora

■ Évora recebe, até dia 18 de outubro, a 15ª edição do *Festival Internacional de Dança Contemporânea*, promovido pela Companhia de Dança Contemporânea de Évora. Hoje, dia 15, no Pátio do Inatel, às 21 e 30, *Salomé, Ha Perso Il Lume*, com criação e interpretação de Costanza Givone. No dia 16, às 21 e 30, no Black Box, *Ataíde*, um espetáculo com conceito e interpretação de Inês Oliveira. No dia 17, às 10 e às 14, e no dia 18, às 11, no Soir, *Viagem ao País da Levitação*, igualmente criado e interpretado por Costanza Givone. Decorrem também Oficinas de Dança e Expressão e as Conversas com os criadores que se realizem a seguir aos respetivos espetáculos. O festival contará com artistas de vários países e procura dinamizar a dança contemporânea na região. JL

> BREVES <

■ **WALDEMAR BASTOS** é um dos artistas em destaque na conferência Anual sobre Diplomacia Cultural que se realiza entre 7 e 10 de novembro, em Berlim, por ocasião das comemorações do 25º Aniversário da Queda do Muro de Berlim.

■ **DO TEMPO PERDIDO**, uma colaboração entre Paulo Brás, Ricardo Braun, Carolina Marcello e Tiago Teles Santos, em co-produção com o espaço Maus Hábitos. O projecto que consiste na leitura integral da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, e será transmitida em streaming gratuito, de 12 a 18 de novembro, das 10 às 22.

■ **A 15ª FESTA DO CINEMA FRANCÊS** exhibe hoje, quarta-feira, 29, os filmes *Comme un Lion*, de Samuel Collardey, e *Libre et Assoupi*, de Benjamin Guedj, às 21 e 30, e às 23, respetivamente. Amanhã, 30, *La Cour de Babel*, de Julie Bertucelli, às 21h30, e os filmes de animação *Le Père Frimas*, de Youri Tcherenkov, e *l'Oeil du Loup*, de Hoël Caouissin, às 23. A Sala Principal do Theatro Circo, em Braga, será palco dos dois dias de festival.

■ **KIMMO POHJONEN**, acordeonista finlandês, em digressão em Portugal, com passagens por Torres Vedras (8), Braga (9), Lisboa (11), Castelo Branco (13), Faro (14) e Ílhavo (15).

DIANA ANDRINGA lança

Funcionários da Verdade: profissionalismo e responsabilidade social dos jornalistas do serviço público de televisão, sexta-feira, 31, às 21 e 30, no MIRA Forum, no Porto, com apresentação de João Teixeira Lopes e Celina Manita.

FRANCISCO DE ARRUDA

FURTADO: VIDA E OBRA, portal online dedicado ao importante naturalista português, lançado hoje, 29, às 17, no Anfiteatro Manuel Valadares da Universidade de Lisboa.

CAPITAL VERDE EUROPEIA 2017:

Lisboa é uma das 12 capitais que competem pela distinção da cidade com maiores preocupações ambientais. O resultado será conhecido em junho de 2015 numa cerimónia realizada no Reino Unido.

QUERIDO, REORGANIZEI A

COLEÇÃO... POR ARTISTA é o título da 1ª exposição, dividida em três partes, que a Culturgest dedica à coleção Lempert, com inauguração sexta-feira, 31, na Culturgest, em Lisboa, com curadoria de Miguel Wandschneider. A exposição conta com obras de Jean Dubuffet, Richard Hamilton, Andy Warhol, entre outros.

ANTÓNIO SÉRGIO homenageado

no 5º aniversário da sua morte, a 1 de novembro, às 21 e 30, no Palácio da Foz, em Lisboa, com a projeção do documentário *Uivo*, do realizador Eduardo Moraes, e o lançamento do livro *O Uivo da Matilha*, com cartas e depoimentos de amigos e fãs, organizado por Ana Cristina Ferrão.

> BREVES <

■ **ARSÉNIO MOTA: UMA VIDA COMO OBRA** inaugura a 1 de novembro, com curadoria de António Gomes Marques, no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira.

■ **ALEXANDER STEWART** estreia-se em Portugal a 30, às 21, no grande Auditório do CCB, em Lisboa. A abertura do concerto a cargo de Cláudia Franco.

■ **DUARTE BELO** lança *Guadiana 86-14*, hoje, 29, às 18, na Livraria Ler Devagar, em Lisboa, com apresentação de João Favila e Maria Inês Cordeiro.

■ **PEDRO VALDEZ CARDOSO** com nova mostra, *Reino*, no Convento de Cristo, em Tomar, a partir de 1 de novembro, às 17.

■ **ANA FERNANDES** inaugura a exposição alargada de joalharia, e *a joia que foi joia agora é asa*, sexta-feira, 31, às 18, no Museu Soares do Reis, no Porto.

■ **OS DEAD COMBO** com dois concertos especiais em Portugal, no mês de dezembro, o primeiro no Coliseu de Lisboa (a 4) e de seguida no Teatro Rivoli, no Porto (a 12).

■ **PEDRO BAPTISTA** lança o livro *Da Voz Velha a'o Grito do Povo*, no dia 7 de novembro, às 18, no átrio da Câmara Municipal do Porto, no Porto.

Festival de Literatura Alemã

■ Dar a conhecer a literatura germânica é o objetivo do *Transliterata - A Literatura Alemã Contemporânea em Tradução*, o encontro literário que o Goethe-Institut Portugal e o Literarisches Colloquium Berlin organizam pela primeira vez, entre os dias 3 e 5 de novembro. Seis escritores de várias gerações participam em mesas redondas e leem excertos das suas obras.

No dia 3, às 16, debate sobre "o desafio da tradução", com David Wagner e a sua tradutora, Helena Topa, Jürgen Jakob Becker, do Literarisches Colloquium Berlin, com moderação de Eduardo Jorge Madureira. Às 19 e 30 de dia 3 e 4, conversa e leitura com os autores David Wagner, Katja Lange-Müller, Monika Maron, Kristof Magnusson, Nora Bossong e Ulrich Peltzer, com moderação de Carlos Vaz Marques e uma sessão de leitura com os actores Hugo Bettencourt, Tânia Alves e Ulisses Ceia, ambos os encontros de Lisboa realizam-se no Goethe-Institut. Dia 5, às 16, na Universidade de Coimbra, apresentação e debate

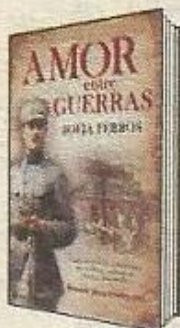
Misty Fest 2014

■ Dezasseis músicos, em dozes salas, durante dez dias. Está de regresso o Misty Fest, de 4 a 14 de novembro, com Maria de Medeiros, Joan As Police Woman, Celina da Piedade, Gisela João, Rodrigo Leão, entre outros, em várias cidades do país, como Lisboa, Porto, Espinho, Braga.

A inauguração do festival está a cargo de Maria de Medeiros, no CCB, em Lisboa, passando ainda pelo Porto, Aveiro e Caldas da Rainha, nos dias 5, 6 e 9, respetivamente. Joan As Police Woman toca em Lisboa (a 5), em Braga (a 7) e na Figueira da Foz (a 8); Celina da Piedade, em Lisboa (a 5), em Coimbra (a 13) e no Porto (a 14); Gisela João em Braga, na Figueira da Foz e nas Caldas da Rainha, nos dias 6, 7 e 8, respetivamente; Rodrigo Leão em Lisboa (a 7 e 12) e no Porto (a 11); Rui Massena em Lisboa (a 10) e no Porto (a 13), entre outros.

O festival inclui ainda músicos internacionais, como Patxi Andion, em Lisboa (a 5), em Vila do Conde (a 7) e em Avelro (a 8); Patrícia Bastos nos dias 6 e 8, em Lisboa e no Porto, respetivamente; e Buika em Lisboa (a 9), no Porto (a 10); entre outros. **JL**

Sofia Ferro



■ Inspirada na história dos seus bisavôs, Sofia Ferro, que nasceu em Luanda, em 1973, publica, na Casa das Letras, o seu primeiro romance, *Amor entre*

Guerras. No ano de 1916, quando a Alemanha declara guerra a Portugal, as vidas de um médico português e de uma revolucionária francesa cruzam-se num violento cenário de guerra. Daí nascerá uma poderosa história de amor. “Eufóricos por estarem novamente juntos e atacados por uma crise de riso provocada pela caricatura, regressaram à pensão. Após mais uma hora de conversa,

alegria e paixão, cansados, adormeceram abraçados um ao outro.”, lê-se a páginas tantas. Tendo como pano de fundo as cidades de Paris, Lisboa e Lourenço Marques (atual Maputo), os amantes enfrentarão enormes privações e desafios para que o amor possa vencer. E será que vence? Um romance que ilustra, de forma bastante real, as condições vividas durante a Primeira Guerra Mundial.

➤ *Sofia Ferros*

AMOR ENTRE GUERRAS

Casa das Letras, 335 pp, 15.90 euros

Luís Corredoura



“Não havia mais qualquer razão para se manter agarrado ao tronco onde boiava à deriva no meio daquele oceano de mentiras e intrigas há mais de 40 anos.”

Assim se sente Alberto Montez, o protagonista do segundo romance de Luís Corredoura. Nascido em 1975, em Sintra, estreou-se com *Nome de Código Portogral*, também publicado pela Marcador. Com este novo livro, o autor passa do romance histórico para o romance contemporâneo. Montez tem pela frente um dilema: divulgar um dos segredos mais bem guardados da História Moderna. Para isso, terá de fazer difíceis escolhas e de desvendar terríveis segredos guardados há demasiado tempo. Hitler, Salazar, guerra mundiais e justiças adormecidas num romance sobre o passado recente de Portugal.

► *Luís Corredoura*

LUSITANO FADO

Marcador, 382 pp. 18.95 euros

Marcello Simoni



■ O autor italiano Marcello Simoni, um bibliotecário que se dedica à escrita de romances históricos, encerra agora a trilogia medieval dedicada a Ignazio de

Toledo. *O Manuscrito nos Confins do Mundo*, que sucede a *O Mercador de Livros Malditos* e *A Biblioteca Perdida do Alquimista*, já editados em Portugal, dá vida, novamente, ao famoso mercador de livros que o notabilizou no mundo das letras. Desta vez, o protagonista

vê-se envolvido numa perigosa guerra entre duas forças rivais e intemporais, a igreja e uma secreta seita. Em apuros e correndo risco de vida, Ignazio tudo fará para desvendar os segredos mais bem guardados, nem que para isso tenha de recuar até ao tempo do primeiro monarca da Babilónia, conhecido como o Rei Maldito. A sua curiosidade não conhece barreiras, como o próprio afirma: "Eu, Ignazio de Toledo, redijo estas palavras como meu testamento. Um inquisidor vindo da Alemanha persegue-me. Tenho de fugir, tenho de fugir e descobrir a verdade. Os meus olhos depararam-se com segredos proibidos. Pequei pelo orgulho de querer saber. Agora sou julgado como herético. Serei condenado à fogueira."

► **Marcello Simoni**

O MANUSCRITO NOS CONFINS DO MUNDO

Tradução de Maria Irene Bigotte de Carvalho,
Clube De Autor, 393 pp, 17.50 euros

Uma casa só para si

“É uma história de amor, ruína e desencontro, mas também de renascimento.” Eis como Cláudia Clemente descreve o seu primeiro romance, *A Casa Azul*, que publica depois de dois livros de contos, *O Caderno Negro* (2003) e *A Fábrica da Noite* (2010), e uma peça de teatro, *Londres* (2012). Uma história que tem como ponto de referência uma grande casa azul do Porto, a cidade onde nasceu, em 1970. A estrutura fragmentada da história é uma das marcas deste livro, que confirma a autora como uma artista dos sete ofícios. Desde cedo, Cláudia Clemente sentiu ter três grandes paixões na vida: Arquitetura, Cinema e Escrita. Acabou por se formar na primeira porque, nos anos 80, no Porto, era “a opção mais viável dentro das artes”. Mas na última década tem pisado outras áreas: Além da literatura, realizou vários filmes, entre os quais o documentário & etc., sobre a editora fundada por Vítor Silva Tavares, e, recentemente, expôs o seu trabalho fotográfico na galeria ArtInzo, em Lisboa. Agora, de ‘regresso’ a casa, conversa com o JL sobre um livro em que cumpre uma promessa.

Jornal de Letras: Já publicou contos e teatro. Faltava o romance?
 Cláudia Clemente: Depois de ter publicado *Caderno Negro*, prometi ao meu pai que escreveria um romance. No entanto, começar a escrevê-lo foi muito difícil. Precisei de cerca de 11 anos para cumprir a promessa. Em 2012, após a morte do meu pai, fechei-me em casa durante um mês e meio a escrever. Dia e noite. Não conseguia chorar, nem fazer o luto. E achei que a melhor maneira de o fazer era escrever o livro que lhe tinha prometido. Na verdade, este romance escreveu-se dentro de mim durante todo estes anos, sem que eu conseguisse transcrevê-lo para o papel. Com a morte do meu pai deu-se, por fim, a sua concretização. Desse tempo fechada em casa fiquei com o corpo principal do romance e nos dois anos seguintes fiz um trabalho de depuração dos textos, encaixando-os para que fizessem sentido.

A ideia de casa foi o ponto de partida?
 Sim. Em concreto, da casa onde passei a infância, adolescência e grande parte da idade adulta. É uma obsessão que representa a minha dificuldade em lidar com a perda do espaço onde habitavam todas as memórias de infância, morte, nascimento, regresso e desencontro. Por ser arquiteta a casa afeta-me mais e, na verdade, o desaparecimento físico desse espaço transformou-me imenso. Não sabendo como lidar com determinados assuntos escrevo sobre eles, o que me ajuda a aceitá-los.

“A casa é uma obsessão: representa a minha dificuldade em lidar com a perda do espaço onde habitavam todas as memórias de infância”



Cláudia Clemente Talvez pela minha experiência de contista tenha sido mais fácil escrever de forma fragmentada

Por que razão associou um elemento primordial – Água, Fogo, Terra, Ar – a cada uma das personagens?
 De início, foi uma opção inconsciente, mas aos poucos apercebi-me que cada personagem se aproximava de um elemento primordial, sendo até uma característica diferenciadora. Ao refletir nisto, voltei ao princípio do romance e reformulei tudo. Foram, por isso, as personagens que ditaram a estrutura e não o contrário.

Na leitura do romance, sobressai o caráter fragmentado, que cruza páginas de diários, cartas ou relatórios da PIDE. Como encontrou este registo?
 Talvez pela minha experiência de contista tenha sido mais fácil escrever de forma fragmentada. Há capítulos que poderiam, perfeitamente, ser um conto isolado. É o território onde me sinto mais à vontade. Também decidi recorrer à primeira pessoa porque achei que seria interessante se pudessemos conhecer as personagens através da imagem que elas davam de si próprias e não através de um narrador. Na realidade, as personagens acabam por ser diferentes para cada uma das pessoas que lê o romance. Interessa-me que o leitor seja cúmplice e não passivo ou influenciado pelo narrador. **JL. CÁTIA SOFIA MOREIRA**



► Cláudia Clemente
UMA CASA AZUL
 Planeta, 176 pp, 16,50 euros

> BREVES <

❖ **CAMPO DE FLAMINGOS SEM FLAMINGOS**, filme de André Príncipe, estreia na próxima quinta-feira, 20, às 19 e 30, no Cinema Ideal, em Lisboa.

❖ **CAIXA DE PANDORA**, o trio composto por Rui Filipe Reis, Cindy Gonçalves e Sandra Martins, apresenta o 1º álbum, *Teias de Seda*, no próximo sábado, 22, às 21, na Livraria Ler Devagar, no LX Factory, em Lisboa.

❖ **SKATE.EXE**, mostra de obras interativas multimédia, fotografia digital e esculturas 3D, de André Sier, com curadoria de António Cerveira Pinto, inaugura na próxima quinta-feira, 20, na Galeria Luís Serpa Projectos, em Lisboa.

❖ **CARLOS CONCEIÇÃO** homenageado no 34.º Festival de Cinema de Amiens, em França (de 14 a 22 de novembro), com uma retrospectiva integral do seu trabalho e a edição em DVD das curtas-metragens do cineasta - *Corne*, *O Inferno*, *Versailles* e *Boa Noite Cinderela* -, para distribuição internacional. O realizador dará ainda uma masterclass e, em 2015, fará uma residência artística de um mês na Villa Medici, em Roma, para o desenvolvimento de um novo projeto.

❖ **ROTA DO AZULEJO PADRÃO** do século XV ao século XX, exposição a partir da coleção particular de Feliciano David e Graciete Rodrigues, inaugura este sábado, 15, às 18 e 30, no hotel-museu Convento do São Paulo, na Serra d'Ossa (patente até 15 de setembro de 2015). No mesmo dia, às 22, o espetáculo *Nous - Inner Perception* pela companhia Quorum Ballet, com coreografia e conceito de Daniel Cardoso, os bailarinos Elson Ferreira, Filipe Narciso, Inês Godinho e Mathilde Gilhet.

FESTIVAL 6 CONTINENTES'2014

dia 6 de dezembro em vários países e comunidades de língua portuguesa em simultâneo: Lisboa, Joanesburgo, Brasília, Ponta Delgada, Açores, S. Paulo, Porto, Damão, Londres, Odivelas, Leiria, Loulé, Maia, Évora, Vila Real, Praia da Vitória, Setúbal, Montevideo, Funchal, Espinho, Buenos Aires, Maricá, Paris, Gondomar, Nagoya, Tavira, Amarante, Salvador da Bahia, Faro, Madrid, Cardiff, Fortaleza e Macau.

III CONCURSO LA ATREVIDA, para crianças e adolescentes de todos os países da lusofonia, dos 8 aos 14 anos, com textos literários inéditos, escritos em língua portuguesa. Entrega de trabalhos até 30 de dezembro. Mais informações em: www.culturaatrevida.com.

PEDRO CASTRO HENRIQUES lança o livro *árvores. contadas de outro modo*, com apresentação de Manuel João Ramos, no dia 19, às 19, na Biblioteca Municipal de Camões, em Lisboa.

ALENTEJO, ALENTEJO, de Sérgio Tréfaut, venceu o prémio de melhor filme no festival Doc SBarcelona+Medellín, na Colômbia.

BIENAL DE FOTOGRAFIA 2014, a inauguração da 13.ª edição do festival realiza-se sábado, 15, às 18, no Celeiro da Patriarcal, em Vila Franca de Xira.

> BREVES <

■ FERNANDA LAPA E ISABEL RUTH

em *Marleni*, da dramaturga alemã Thea Dorn, com encenação de João Grosso, uma produção da Escola de Mulheres, no Teatro Constantino Nery, em Matosinhos, até 16.

■ TERESA GAFEIRA encena *O mandarim*, de Eça de Queirós, com ilustrações projetadas de Pedro Proença, que também colabora na adaptação do texto. Na sala experimental do Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada, até 23.

■ O GUARDIÃO DO RIO, *O Medo Que o General Não Tinha* e *o Gene do Corvo*, três monólogos escritos e encenados por Ricardo Alves, numa apresentação do Teatro da Palmilha Dentada, do Porto, no Teatro da Trindade, em Lisboa, até 30.

■ ISABEL PAVÃO apresenta *Impressions Series*, pinturas de uma nova fase, na Galeria Fernando Santos, no Porto. Até 20 de dezembro.

■ TEIXEIRA DE PASCOAES - *Obra Plástica, Documentos Inéditos e Afinidades Contemporâneas*, mostra para ver até 30 de dezembro, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em Alfama, Lisboa.

■ RUA JOSÉ ESCADA, filme de Isabel Lopes Gomes, em exibição, hoje, quarta-feira, 12, às 21 e 30, na galeria São Roque, em Lisboa.

■ **1961: ORDEM E CAOS**, exposição de um vasto conjunto de obras de Paula Rego produzidas durante a década de 60, na Casa das Histórias Paula Rego, em Cascais, prolongada até ao próximo dia 23.

■ **LITERATURA BRASILEIRA** na segunda tertúlia poética no âmbito das comemorações dos oito séculos da Língua Portuguesa, com Maria Maya e o embaixador Lauro Moreira, amanhã, quinta-feira, 13, às 18 e 30, na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa.

■ **TERCETOS QUEIMADOS**, de Sérgio Nazar David, lançado hoje, quarta-feira, 12, às 18, na Faculdade de Letras de Lisboa, com apresentação de Ana Marques Gastão e moderação de Helena Buescu.

■ **SEMINÁRIO HISTÓRIA DE COLEÇÕES** recebe inscrições até sexta, 14, para a 1.ª edição, que decorre nos dias 19, 20 e 21 no MUHNAC da Universidade de Lisboa. Mais informações em: www.mnhnc.ulisboa.pt

■ **AAKASH ODEDRA COMPANY** apresenta a sua produção de estreia, *Rising*, nos dias 14 e 15, às 21, no CCB, em Lisboa. Com espetáculos coreografados pelo próprio e por Akram Khan, Russell Maliphant e Sidi Larbi Cherkaoui.

■ **DAVID MARQUES** estreia a sua última criação, *Kin*, sábado, 15, às 21 e 30, no Teatro Virginia, em Torres Novas.

■ **ANA PEREIRA CALDAS E EUGÉNIA VASQUES** lançam *Educação Artística para um Currículo de Excelência*, a apresentação de Guilherme d'Oliveira Martins, amanhã, 13, às 18, no Auditório 3 da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

Deram, de Gabriel Achim (dia 23, às 15.45) e *A Month in Thailand*, de Paul Negolescu (dia 23, às 18 e 30)

Lisboa em desassossego

■ José Saramago e Fernando Pessoa saem à rua no Dia(s) do Desassossego, de 15 a 17 de novembro. Uma iniciativa da Fundação José Saramago (FJS), com a parceria da Casa Fernando Pessoa (CFP), que leva as palavras dos autores às ruas de Lisboa através de leituras, troca de livros, passeios guiados, concertos, entre outras propostas. Sábado, 15, das 10 às 16 e 30, e domingo, 16, das 10 às 15 e 30, seis atores do grupo ÉTER leem textos dos escritores em todas as linhas do metro de Lisboa e nos ascensores da Glória e do Lavre. A partir das 16 horas de domingo, as palavras fazem-se ouvir no Camões, ao Chiado, pela mesma companhia, e por todos os que quiserem participar na leitura. Os lugares do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* são percorridos num passeio pedestre, sábado, das 14 às 17, que começa na Casa dos

Bicos (sede da Fundação) e termina na Casa Fernando Pessoa, passando, nomeadamente, pelo Cais do Sodré, Rossio, Largo Camões, Miradouro de Santa Catarina e Campo de Ourique.

No mesmo dia, às 16, é apresentada a revista *Saramaguiana*, na Casa dos Bicos. E às 21, o concerto 'Se Non Ora, Quando?', cujo mote é a música perante a tragédia das duas grandes guerras. A Orquestra Sinfónica Portuguesa, o Coro do Teatro Nacional de São Carlos e a soprano Susana Gaspar sobem ao palco do São Carlos, sob a batuta do maestro Giovanni Andreoli, para apresentar obras de Albéric Magnard, Rudi Stephan, Alfredo Casella, Azio Corghi e Edward Elgar. A música continua na segunda-feira, 17, com a Esperanza Fernández, às 21, no Teatro São Luiz. A voz do flamenco vem a Portugal apresentar o espetáculo em que interpreta poemas de Saramago. Com música da sua autoria, em colaboração com Dorantes, Luís Pastor e José Miguel Évora; guião e seleção literária de Juan Blanco Noriega; Ao longo dos três dias, há cinco pontos da cidade de Lisboa para a troca de livros dos autores: aCFP, FJS, Plano Nacional de Leitura, o Centro Cultural de Belém e o Instituto Camões. JL

Grifo nas Salgadeiras

■ “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. Ana Matos vê no célebre verso de Fernando Pessoa uma forma simbólica de resumir a mudança de espaço da Galeria das Salgadeiras, que dirige, para Rua da Atalaia n. 12 a 16, em Lisboa, depois de 11 anos na rua que deu nome a este espaço artístico, também no Bairro Alto. A mudança é celebrada com a inauguração da exposição *Grifo*, no próximo sábado, dia 15, às 18. _ Os tempos difíceis que a galeria atravessou não limitaram os sonhos da diretora, que sempre ambicionou melhores condições para as obras e para os artistas. As novas instalações vão permitir, entre outras coisas, segundo a directora, fazer apresentações em simultâneo e o alargamento da atividade da galeria a novos projetos, em particular de escultura, que dificilmente teriam lugar no antigo local devido à sua área limitada. Concretizado o sonho, abre-se espaço para muitas obras. E exposições, a começar já por *Grifo*. “A aventura, a viagem e o sonho” são as ideias-chave desta mostra, conceitos, aliás, muito apreciados pela galerista, que assina o trabalho de curadoria.

Inicialmente tinha duas premissas. “Fazer uma exposição coletiva, com todos os artistas residentes, e abordar um tema que pudesse levar as pessoas a refletir.”, explica Ana Matos. Tendo como ponto de partida a *Mensagem*, de Fernando Pessoa, os autores foram convidados a refletir e interpretar a obra do grande poeta português. “Procuramos que as pessoas assistam à exposição e que a mesma as faça desenvolver um pensamento”, acrescenta a neta do escritor José Saramago. A este desafio responderam, com obras inéditas de fotografia e desenho, Cláudio Garrudo, Helena Gonçalves, Jaime Vasconcelos, Joanna Latka, Marta Ubach, Pauliana Valente Pimentel e Teresa Gonçalves. “Não é uma ilustração da *Mensagem*”, garante Ana Matos. “As obras tanto se debruçam sobre a figura do poeta, como sobre as figuras citadas no poema, passando pelos estados de espírito dos artistas na sua relação com a obra”. Também no dia 15 será lançado o catálogo *Grifo*. No passado, uma revisitação dos 43 autores que já expuseram nas Salgadeiras. No presente, os sete artistas residentes. E no futuro, duas páginas em branco, para serem preenchidas com novas vontades, novos sonhos e novas obras. **AL**



Grifo Exposição coletiva nas Salgadeiras

Uma espécie de puzzle

«A excentricidade desta personagem é a procura da mulher com o rosto perfeito.» É desta forma que Mário Zambujal nos apresenta o protagonista 'malandro' do seu novo romance, *Serpentina*. O autor de títulos como *Crónica dos Bons Malandros* e *Cafuné* apresenta, com a graça de escrita a que já habituou os leitores, mais uma história repleta de encontros e peripécias, onde se mostra mais jovial do que nunca.

Jornal de Letras: Como surgiu a ideia para este romance?
 Mário Zambujal: Surge com base na ideia de comunicação. Este romance tem duas histórias paralelas, numa espécie de puzzle, que vão evoluindo e num dado momento encontram-se. A sequência agitada levou-me ao título, *Serpentina*, porque é uma história que esvoaça em volta de imprevisíveis, e tal como as serpentinhas, não se sabe onde irá parar. O objetivo é contar, de uma forma leve, histórias de vida extraordinárias, sem entrar no inverosímil.

Essa ligeireza é fruto da sua experiência jornalística?
 Sim, sem dúvida. Quando entrei no jornalismo deparei-me com a necessidade de utilizar as mesmas palavras para construções diferentes. Para a realidade, o jornalismo, e para a ficção. A procura de clareza é outra das minhas necessidades, uma escrita clara proporciona uma boa comunicação mesmo que sobre assuntos complexos. Felizmente temos, neste momento, uma geração de jovens escritores de grande qualidade em Portugal. As vezes duvida-se que os jovens ainda leem, mas vão aparecendo.

O estilo jovial da sua escrita é reflexo da sua personalidade?
 A escrita para ser profundamente coerente e honesta deve refletir

algo da personalidade de quem escreve. Quem lê os meus livros sabe, mais ou menos, como sou. Tenho um olhar divertido sobre vida, mas não sem esconder algumas decepções. Contudo, a tendência natural é a de olhar a vida como uma coisa boa. É inevitável, a mão foge-me sempre para aí, e quando digo que foge, digo-o com verdade porque eu ainda escrevo à mão.

A figura da mulher é um tópico essencial na sua literatura. O que representa, no universo masculino, a figura da madrinha Henriqueta?
 É uma figura que se vai desenhando ao longo do romance e que representa o apoio maternal que só uma mulher pode e sabe dar. A figura da mulher pode ter uma dupla interpretação associada à sensualidade e à sensibilidade, a mulher que é a mãe dos filhos, que protege. No curto espaço da minha vida, a evolução feminina foi muito grande. Explodiu o número de mulheres com sentido de independência e individualidade, donas do seu corpo e do seu espírito.

É, portanto, uma celebração da liberdade da mulher?
 Com certeza, a mulher deve ser celebrada sempre. Nos meus primeiros tempos de jornalista não havia mulheres nas redações, hoje em dia a sua presença é maioritária. E ainda bem, é um grande progresso. **JA**

CÁTIA SOFIA MOREIRA



» Mário Zambujal
SERPENTINA
 Clube do Autor, 150 pp., 14 euros

> BREVES <

❏ **DEAD COMBO** chega a Hollywood através de *Lisboa Mulata* e *Rumbero*. As músicas foram seleccionadas para fazer parte da trilha sonora do filme *Focus*, com estreia marcada para fevereiro de 2015.

❏ **OBRA COMPLETA DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA**. A sessão de lançamento terá lugar no dia 3 de dezembro, às 18 e 30, na Reitoria da Universidade de Lisboa, com apresentação de Carlos Reis, Eduardo Lourenço e Viriato Soromenho-Marques.

❏ **AS NOVAS CONFERÊNCIAS DO CASINO** realizam-se sábado, 29, às 16, no Casino Estoril, com Guilherme d'Oliveira Martins, Mendo Castro Henriques e coordenação de José Tolentino Mendonça.

❏ **PEDRO JÓIA** em sessão dupla no Teatro São Luiz, em Lisboa, no sábado, 29. Às 21, a solo, com Ricardo Ribeiro como convidado, às 22 e 30, apresenta o projeto *Trio*, com Norton Daliello no baixo e João Frade no acordeão.

❏ **O CÍRCULO DAS LETRAS** inaugura novo espaço, na rua voz do Operário nº 62, dia 4 de dezembro, às 18, em Lisboa, com a apresentação do filme *Círculo das Letras - o sonho e a vida da Círculo 1*, de Pedro Sousa.

❏ **GUILHOTINA**, a nova editora procura uma linha editorial distinta, com publicações exclusivas de 100 exemplares, onde será dado destaque à prosa, poesia e dramaturgia.

❑ **DEUS, O CRIADO DE CAMUS** estreia a 5 de dezembro, às 21 e 30, no Teatro da Trindade, em Lisboa, com encenação de Rute Rocha e interpretação de Cristina Cavalinhos, José Mateus e Pedro Barbeitos.

❑ **ALEMANHA EUROPEIA OU EUROPA ALEMÃ?** Conferência, sobre a política de austeridade, no Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, hoje, 26, às 9 e 30.

❑ **IN THE FALL THE FOX, E NA QUEDA RAPOSAR**, performance de e com Sónia Baptista, tem duas apresentações extra, amanhã, quinta-feira, 27, e sexta-feira, 28, às 21 e 30, no espaço do Cão Solteiro (R. Poço dos Negros, n.º 120), em Lisboa. Lotação reduzida, de 16 lugares.

❑ **9000 FORMAS DA FELICIDADE:** as edições Pulcinoelefante, mostra de livros da editora de Alberto Casiraghy, patente até 31 de janeiro na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa.

❑ **O EXÉRCITO ILUMINADO**, do escritor mexicano David Toscana, da Edições Parsifal, tem sessão dupla de apresentação, hoje, quarta-feira, 26, às 21 e 30, no café-bar do Hotel Covilhã Jardim, na Covilhã, por Manuel da Silva Ramos. Amanhã, 27, às 18 e 30, na Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa, com apresentação de Gonçalo M. Tavares. Ambas com a presença do autor.

LIVE FREDOOM III

A 3ª edição do Live Freedom comemora-se no dia Internacional dos Direitos Humanos, 10 de dezembro, às 21 e 30, no Teatro Tivoli BBVA, em Lisboa. O evento tem como apresentador Ricardo Araújo Pereira e contará com as atuações de Xutos e Pontapés e Linda Martini. O objetivo desta edição é promover a "Maratona de Cartas" da Amnistia Internacional, que no ano 2013 contou com mais de 2,3 milhões de participações, de 143 países, sendo Portugal o sexto País com maior taxa de participação, com mais de 96 mil apelos. O evento anual visa incentivar o envio de cartas, onde se dá conta das mais variadas situações de violação dos direitos humanos, para as autoridades.

ROTA DO ROMÂNICO

A 2ª edição da Rota do Românico decorre nos dias 11 e 12 de dezembro, na Casa da Portela, em Amarante. A Memória, a Identidade e o Património são os conceitos chave desta edição, que contará com uma grande diversidade de temáticas e oradores nacionais e internacionais. A programação é vasta: além das conferências é possível participar nas mais diversas atividades, onde o objetivo é não só difundir, mas também valorizar o património nacional. A programação adicional conta com visitas aos mais diversos monumentos, desde mosteiros, igrejas, pontes, entre outros, passando por escapadas român(t)icas, rotas gastronómicas e passeios pedestres por caminhos medievais.

O Cavaquinho

❖ A exposição coletiva *70 Cavaquinhos / 70 Artistas*, produzida pela Associação Cultural Museu Cavaquinho, inaugura amanhã, 27, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. Os 70 cavaquinhos expostos foram modificados, com recurso a diversos materiais e técnicas artísticas, resultando num reaproveitamento desse objeto. Cristina Troufa, Luís Lázaro, Júlio Dolbeth, Joana Astolfi, Joana Rego, Carlos Zíngaro e Marta Madureira são apenas alguns dos artistas da exposição itinerante que terá lugar em vários Municípios, ligados à prática do instrumento: Braga, Coimbra, Funchal e Guimarães, Horta, Porto, S. Roque do Pico, Viana do Castelo e Vila Franca do Campo. Será, ainda, lançado um livro, homónimo, com fotografia de José Manuel Costa Alves e design de Salomé Nascimento, onde podem ser consultados os trabalhos levados a cabo pelos 70 artistas. O objetivo destas atividades é sensibilizar a população para a riqueza patrimonial e cultural do cavaquinho. **JL**

Oito anos de Musicbox

❖ O Musicbox comemora mais um aniversário e assinala a data, com uma semana repleta de música de 2 a 6 de dezembro. *Os Pista* fazem as honras com um concerto às 22, segue-se, às 23, *Guerilla Toss. Moullinex Live*, em colaboração com Miguel Vilhena e Bruno Cardoso, às 22 e 30, dá início ao segundo dia de concertos, às 00 sobe ao palco a sessão especial de *Experimentbox*. No dia 4, às 22, a noite começa ao som de *Awesome tapes from Africa*, de seguida, às 00, *Fumaça Preta*, por fim, *Izem*, à 1. *Ikonoklasta* abre a 5, às 0, seguindo-se *Batida*, à 1 e 30, o último concerto é *DJ Satélite*, às 3. No sábado, 6, sobe ao palco *Coclea*, um projeto a solo de Guilherme Gonçalves, às 23 e 30, de seguida, às 0, *Tatu Rönkkö + Efterklang*. As comemorações do 8º aniversário terminam com o concerto de *Mário Valente & Mr Mitsuhirato*, às 3. A entrada é gratuita a 4, nos restantes dias os preços variam entre 3 e 15 euros. **JL**

A morada da dor

◼ Diplomata, escritor, pintor, homem dos sete ofícios, Francisco Duarte Azevedo, 57 anos, foi cônsul-geral de Portugal em Caracas e em Newark, conselheiro de embaixada no Senegal e encarregado de negócios na Nigéria, sendo atualmente diretor do Centro de Análise Estratégica da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em Maputo. Estreou-se no romance, em 2011, com *O Trompete de Miles Davis*. E em 2012 e 2013, anos dedicados à poesia, publicou dois livros de poemas *Habitações Interrompidas* e *Livro de Inverno e Transições*. A propósito do segundo romance, agora lançado, *Vila Algarve*, o JL 'falou' com o autor, a residir em Moçambique, que via e-mail abria de par em par, a 'porta' e desvendava um pouco da história por detrás da casa que dá nome ao livro.

Jornal de Letras: Como surgiu a ideia para *Vila Algarve*?

Francisco Duarte Azevedo: A partir de pequenas notas e apontamentos sobre aquela mansão, localizada em Maputo, em adiantado estado de degradação. Quem por ali passe, e não conheça o histórico da casa, está muito longe de saber que na cave existia uma cela onde se torturava e interrogava à boa moda das tradições inquisitoriais. Gente simples dos bairros suburbanos, da então Lourenço Marques, enfrentaram naquela casa vicissitudes, inquietações e desespero, dor e... morte. Este livro é uma catarse e uma confluência de estórias.

É a história dessas pessoas?

É a história de pessoas como nós, não-heróis, ligadas por uma teia de memórias. Este romance não aborda a Guerra Colonial como objeto em si, mas a cartografia das relações pessoais e de amizade postas à prova perante situações complexas. Aborda o tema da guerra, sim, mas de outras guerras que não a colonial.

Há uma figura terrível que este romance coloca em evidência...

É a figura do delator na sua forma mais abjeta. Ela emerge dos diálogos (quase monólogos) de uma das personagens. Esses seres execráveis que se oferecem voluntariamente (no contexto de um regime ideologicamente concentracionário e repressivo) para espiar a vida dos outros. E tal como eles escolheram ser ou se ofereceram para informadores, também o próprio sistema que serviram os descarta na medida das conveniências (ou da conjuntura).

Disse que o texto de Luís Bernardo Honwana, *Nós matámos o Cão Tinoso*, teve na sua vida um impacto fortíssimo. *Vila Algarve* reflete, de alguma forma, o sentimento de inquietação, dor e injustiça, que sentiu ao ler esse texto? De certa forma sim, mas numa outra longitude. Esta obra teve um enorme impacto no seio de



Francisco Duarte Azevedo "Este livro é uma catarse e uma confluência de estórias"

diferentes gerações. No meu caso, por exemplo, li-a por um exemplar clandestino a par de outras obras então não aconselháveis como *O Canto e as Armas*, de Manuel Alegre ou *Os Poemas e Canções*, de José Afonso. A inquietação que daí sobrevém para um miúdo como eu, que nessa altura tinha 16/17 anos foi a constatação de uma sociedade dualista que, mais tarde ou mais cedo, iria pagar caro a ubiquidade da injustiça e da desigualdade. Foi também nessa época que conheci o lápis da censura ao ser interdita a publicação do meu conto *A Palavra de Fúria*, (que ainda hoje permanece de certa forma inédito) e que acabara de vencer o 1.º prémio do concurso de contos da *Página Jovem*, do *Notícias da Beira*, em princípios de 73.

Este livro é uma homenagem a todos os que foram, de alguma forma, vítimas desse sistema?

Sim, a todas as vítimas da PIDE torturadas na Vila Algarve, mas não só. Também às pessoas livres, libertas de preconceitos e escatologias redutoras como o racismo, a intolerância social, política ou religiosa, a ignorância elevada ao segmento do exercício do poder. Mas é, também, uma rejeição das visões cínicas de um neoliberalismo que corrói o tecido social das comunidades e se torna indutor de extremismos ou radicalismos geradores de ódios contra o sentido da democracia. É uma homenagem a todos aqueles que lutam por preservar os direitos fundamentais da humanidade e rejeitam a manipulação ideológica e a forma como esta destrói valores. As circunstâncias não alteram o caráter de um ser humano, apenas o confronto com as suas escolhas. JL. CÁTIA SOFIA MOREIRA



> Francisco Duarte Azevedo
VILA ALGARVE
Planeta, 278 pp, 16,95 euros

PESSOAS

Ler, ouvir e sentir

■ Miguel Gizzas, Gestor Comercial de profissão, músico por vocação, aventura-se agora numa jornada inédita como escritor. O seu primeiro livro, *Até que o mar acalme* (Gradiva, 14,50 euros, 286 pp), é feito de novidade: une literatura e música, naquele que é "o primeiro romance musical do mundo". Ou seja, as composições do autor podem também ser escutadas através do recurso às novas tecnologias. Só alguém que toca nos dois teclados, o da escrita e o da música, poderia ter tido uma ideia assim.

Filho de uma família de cantores amadores, a música sempre foi uma constante na sua casa. Fez, desde muito cedo, parte do coro de Lisboa onde aperfeiçoou a técnica vocal. Aos 15 anos aprendeu, de forma autodidata, a tocar guitarra e desde então o entusiasmo artístico foi crescente. Mas a profissão de músico só chegaria passados outros 15 anos.

Formado em Economia, as primeiras apresentações que fez como músico nasceram de uma necessidade que sentia, enquanto gestor, aliada a uma forte inclina-

ção para situações desafiantes que o ponham à prova. "Nas empresas onde trabalhei, sempre senti dificuldade em fazer apresentações de forma natural. Achei que o contato com o público poderia ajudar-me a melhorar esse aspeto" refere. Aos 40 anos, já com mais de 500 concertos realizados, e com as dificuldades de outros tempos ultrapassadas pensou: "Sei que gostam de me



Miguel Gizzas *Romance com banda sonora*

ouvir cantar as músicas de outros, quero ver como reagem à minha própria música".

Deparou-se então com mais um desafio, daqueles que tão bem conhecia e anteriormente enfrentara. Começou por escrever breves histórias, com o objetivo de "junta todas as letras e fazer um musical". Contudo, o processo foi longo, admite, e para tal sentiu necessidade de frequentar cursos de escrita criativa e de teatro, para amadurecer a escrita e outras ideias.

A conselho de amigos, decidiu aventurar-se primeiro na escrita de um romance, não fechando, porém, a porta ao musical que inicialmente tinha idealizado. Na ideia original, o livro deveria ser acompanhado por um CD. Contudo, a portabilidade do livro desfazia o conceito que inicialmente tinha planeado. Surgiu então a ideia de recorrer às novas tecnologias, sabendo hoje que muitos dos leitores utilizam smartphones. Assim, dirigindo a câmara dos telefones para um código reproduzido no livro é possível ouvir a música que o próprio Miguel Gizzas escreveu e musicou.

"A música potencia a emoção", garante. Todo o livro foi pensando em função desta ideia. A cada capítulo, uma música fortalece a ligação do leitor ao que acabou de ler. Um romance com banda sonora e uma experiência, se não inesquecível, pelo menos única no panorama da literatura nacional. **JL** CÁTIA MOREIRA

Rosário Machado
O roteiro do património

« O II Congresso Internacional da Rota do Românico realiza-se hoje e amanhã, 11 e 12, na Casa da Portela, em Amarante. O JL falou com a diretora, Rosário Machado, que nos adiantou que um dos objetivos desta 2.ª edição é "disseminar conhecimento acerca do património". Os 12 municípios de Vale do Sousa (Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel, Amarante, Baião, Celorico de Basto, Gíffães, Marco de Canaveses e Resende) recebem um sem número de atividades que vão desde rotas gastronómicas, passeios medievais, espetáculos de música, teatro, visitas guiadas a igrejas, mosteiros, etc. Tudo para difundir a cultura, e o turismo da região, não descurando, contudo, a produção de conhecimento.

Journal de Letras: A Rota do Românico foi apresentada ao público em 2008, mas já existia há bastante mais tempo...

Rosário Machado: Em 1998 começamos por fazer a definição da marca, os inventários e o plano estratégico de recuperação dos imóveis. Em 2003, recuperámos os primeiros monumentos e em 2008 apresentamo-nos finalmente ao público, como projeto estruturado e, essencialmente, turístico.

Mas não é um projeto exclusivamente turístico.

De maneira alguma. A Rota tem várias áreas de intervenção, apesar da face mais visível ser o turismo e o produto estratégico cultural. No entanto, a nossa abordagem é o mais abrangente possível. Trazer investimento para a região é importante do ponto de vista económico, no entanto há outras componentes que fazem da Rota um projeto maior, nomeadamente, a produção e difusão de conhecimento. Criámos um Centro de Estudos do Românico e do Território, onde além de produzirmos publicações, apresentamos e explicamos o património à comunidade. Temos também um papel ativo nas escolas. E no projeto Palcos do Românico dinamizamos diferentes áreas, tais como a música, o teatro e a dança.



O mote deste II Congresso é a memória e o património em tempos de crise

O Congresso é uma forma de difundir conhecimento, deixando um pouco de parte a vertente turística?

Sim, sem dúvida. Apesar de não ser estratégia da Rota fazer um congresso todos os anos, entendemos que a primeira edição internacional (2011) nasceu de uma necessidade de produzir conhecimento acerca do património, mas também de refletir o passado e o futuro. Em 2014 debruçamo-nos sobre um assunto mais específico. Procuramos, essencialmente, levantar questões e incitar a reflexão.

Como por exemplo?

O mote deste congresso é a memória e o património em tempos de crise. Atravessamos uma crise económica, social e de valores, e o património está em risco. Sentimos necessidade de ter um papel ativo na instigação da reflexão, é portanto menos histórico que o anterior, no entanto, procura de igual forma, demonstrar o valor acrescentado que este tipo de organização pode trazer às populações.

A população de Vale do Sousa participa ativamente neste projeto?

Claro que sim. É fundamental que as comunidades sintam que o seu património é muito valioso. Isso parte, primeiramente, por fazê-los descobrir o património e, de seguida, fazê-los sentirem-se orgulhosos daquilo que lhes pertence. Queremos uma comunidade informada e que participe, ativamente, na divulgação e preservação da memória do seu país. **CS** CÁTIA SOFIA MOREIRA

Decorar o Natal



Com o Natal à porta, a Editorial Presença lança 1000 Autocolantes de Natal. Colar, pintar e desenhar o Natal, também através de jogos, é uma excelente forma de estimular a criatividade, a visão e a destreza manual, aproveitando, ainda, para familiarizar os mais pequenos com a época festiva. Para crianças a partir dos três anos. Mas os mais crescidos também vão adorar. A Planeta Junior também propõe *Um Mundo Criativo*, com mais

de 800 autocolantes "para miúdas fixes". Para desenhar, pintar e colar um Natal bem cor de rosa. Em tons de vermelho e verde surge *Decorações de Natal para recortar, dobrar e colar*. Correntes de papel, flocos de neve, corações entrelaçados, ajinhos, enfeites para pendurar são apenas alguns exemplos dos tantos que se podem aprender aqui.

> Chris Scollen e Ellie Fahy
1000 AUTOCOLANTES DE NATAL

Presença, 56 pp, 7,70 euros

> A. Bouttell, H. Davies, B. Gummell, A. Kronheimer, K. Sutton e J. Taylor
UM MUNDO CRIATIVO PARA MIÚDAS FIXES

Planeta Junior, 110 pp, 14,40 euros

> C. Johansson, H. Ahmed, F. Watt e C. Arrowsmith

DECORAÇÕES DE NATAL

Editorial Presença, 120 pp, 9,90 euros

Joalheria de elásticos



Pulseiras de Elásticos é o título do livro, em forma de manual, de Lucy Hopping. Graças ao recente sucesso que a joalheria de elásticos tem feito entre o público infantil (mas não só) surge, agora, o livro onde é possível aprender 35 formas diferentes de trabalhar com os elásticos, de forma a produzir uma grande variedade de peças artesanais, com imagens que mostram, passo a passo, a execução. Para além das pulseiras, o livro ensina a fazer anéis, flos, porta-chaves, malas, entre muitas outras ideias.

> Lucy Hopping
PULSEIRAS DE ELÁSTICOS

Iacarandá, 128 pp, 11,90 euros

Bruxas & Companhia

A dupla de autoras da célebre coleção *Uma Aventura* está de volta com mais uma história repleta de diversão onde a bruxinha Cartuxa é, mais uma vez, a estrela principal. *A Bruxa Cartuxa nas pistas da neve* é o novo livro, surge numa altura em que a neve e o frio vieram para ficar. Acompanhada pelo primo Eco, as férias da Bruxa Cartuxa tinham tudo para ser descansadas, no entanto para além de muitas aventuras e confusões dar-se-á um encontro pelo qual nenhum esperava e que será motivo de grandes



peripécias. "Quando aterraram à porta do Hotel Estrela Nevada já iam equipados a rigor e muito contentes. Mas mal puseram o pé na sala de entrada, exclamaram em coro: Oh não!" Este é o quinto livro da coleção *A Bruxa Cartuxa* e não será o último, as autoras já preparam o próximo título. Mimi é outra bruxa bem conhecida do público infantojuvenil. Desta feita consegue transformar o seu modelo de robô num robô mesmo verda-

deiro! Mas tudo se vai descontrolar quando, de repente, a varinha mágica de Mimi é roubada...

> Ana Maria Magalhães e Isabel Alcáda (texto)
Carlos Marques (ilustração)

A BRUXA CARTUXA NAS PISTAS DA NEVE

Caminho, 112 pp, 8,80 euros

> Valerie Thomas (texto)
Korky Paul (ilustração)

MIMI E O GRANDE ROBÔ MALVADO

Gradiva Júnior, 24 pp, 13 euros

Viajar com a História



"Hugo Saturninho é um rapaz de 11 anos, curioso e aventureiro. Utilizando o tempómetro do pai, embarca na segunda viagem ao tempo passado". O

regresso de mais uma aventura histórica, de Maria João Lopo de Carvalho, pretende despertar nos mais jovens o interesse pela História, aliando-a, por isso, a uma divertida e entusiástica viagem no tempo levada a cabo pelo herói já conhecido de *Hora H - Viagem a Um Quase Reino*. Com *Hora H - Viagem a Portugal Pequenino* a autora leva-nos numa jornada pelos acontecimentos mais importantes da História de Portugal, no século XI. Na companhia de Afonso Henriques e Egas Moniz aprender nunca foi tão divertido.

> Maria João Lopo de Carvalho (texto), Miguel Gabriel (ilustração)

HORA H - VIAGEM A PORTUGAL PEQUENINO

Oficina do Livro, 112 pp, 8,80 euros

Ciência no pré-escolar



Tendo em vista o desenvolvimento e aprendizagem de boas práticas no âmbito das ciências, a Fundação Francisco Manuel dos Santos edita *A*

Ciência na Educação Pré-Escolar. O livro chama a atenção para os conhecimentos, atitudes e competências que devem ser valorizadas nos jardins-de-infância portugueses, de forma a promover a literacia científica desde a mais tenra idade. Os resultados do estudo são ilustrados com anexos, relatos e fotografias de situações padrão onde o objetivo é não só estimular as crianças, mas também formar os educadores. "Cabe ao educador, partindo daquilo que a criança já sabe e da sua curiosidade natural, articular as diferentes áreas de conteúdo e domínios e proporcionar oportunidades de aprendizagem que lhe permitam dar sentido à sua volta".

> Maria Lúcia Santos, Maria Filomena Gaspar, Sofia Saraiva Santos

A CIÊNCIA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Fundação Francisco Manuel dos Santos, 151 pp, 7,50 euros

O Clube Jota



■ Álvaro Magalhães, autor da série juvenil, *Triângulo Jota*, iniciada há mais de 20 anos, dedica-se essencialmente à escrita

infantojuvenil. Com mais de 80 títulos publicados, desde poesia, ficção, conto e até textos dramáticos, está de volta com *O Clube dos Imortais*. Os enredos que integram elementos sobrenaturais, míticos e fantásticos prometem manter-se, a julgar pelo nome do novo título, e prometem manter fiéis os que já se tornaram fãs e conquistar novos públicos. Estranhas manifestações sobrenaturais são o mote para o desenrolar das investigações levadas a cabo por Joel e Jorge, onde a pergunta que se coloca está, desde sempre, sem resposta: Haverá vida depois da morte?

➤ Álvaro Magalhães
TRIÂNGULO JOTA
- O CLUBE DOS IMORTAIS

ASA, 144 pp, 9,90 euros

Elementar, caro leitor



■ *O Mistério da Rosa Escarlata* é a nova aventura da coleção Sherlock, Lupin e Eu. A morte de um abastado comerciante é o ponto de partida para que os três

amigos se reúnam, novamente, para desvendar mais um difícil e perigoso enigma. No encalce de pistas encobertas e através de uma investigação enérgica e sagaz, o dinâmico grupo de detetives, tudo fará para desvendar os mistérios mais bem escondidos da cidade de Londres. "Oferecemos provas determinantes para a solução deste mistério! E em vez de nos agradecerem, brincaram connosco. Melhor assim. Entregaram-nos um mistério completo sobre o qual investigar!" Mais uma aventura, recheada de aventura e ação, que os fãs da coleção não vão querer perder. Para crianças a partir dos dez anos.

➤ Irene Adler
SHERLOCK, LUPIN E EU
- O MISTÉRIO DA ROSA
ESCARLATE

Jacarandá, 232 pp, 10,90 euros

ESPÓLIO GARRETT

A inauguração da exposição *Almeida Garrett- Viagem e Património*, por ocasião dos 160 anos da morte do escritor, foi o pretexto para que o Secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, anunciasse a aquisição do espólio de Almeida Garrett, pela Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas, anteriormente na posse da família Futscher Pereira. A coleção reúne mais de 400 páginas manuscritas, datadas entre 1839 e 1854, a maior parte assinadas pelo próprio, e inéditas, onde se encontra um total de 99 romances. A herança patrimonial e cultural será depositada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra valorizando, desta forma, o já vasto espólio garrettiano que dispõe.

Música nas Letras

Com uma carreira dedicada à música e à sociologia, Mário Vieira de Carvalho, 71 anos, é prof. catedrático jubilado de Sociologia da Música na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Foi presidente da Comissão Científica do Departamento de Ciências Musicais, sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e secretário de Estado da Cultura. A propósito do seu novo livro, *Escutar a Literatura*, o autor falou com o JL sobre o universo sonoro e a cultura da escuta que analisou nas obras de quatro grandes autores portugueses, do século XIX ao século XXI: Eça, Almeida Garrett, Teolinda Gersão e Lídia Jorge.

Jornal de Letras: Como surgiu a ideia para este livro?

Mário Vieira de Carvalho: No âmbito de uma investigação sobre a ópera em Portugal, em especial sobre o Teatro Nacional de São Carlos. Desde cedo, tomei consciência que a ficção de Eça era uma fonte importante para compreender os processos de comunicação na música em Portugal no século XIX, pois representa os resultados da própria observação participante do autor na sociedade da época. A observação que a mim me importava, neste contexto, era a forma como as pessoas se comportavam em relação à música e a forma como isso era transportado para os seus romances. Por outro lado, a forma como eram tratados os eventos musicais, fazia deles autênticos elementos estruturantes da narrativa. Foi a partir daí que comecei a investigar sistematicamente o papel da música na literatura, desse ponto de vista, e depois estendi para além da música, para o que chamo a cultura da escuta. Quando lemos um romance ou um livro de poemas, são-nos sugeridas imagens que suscitam a nossa atenção visual. A descrição visual prevalece, mas também há a descrição do universo sonoro, bastante relevante em diversos autores.

Porquê estes quatro autores?

A escolha foi circunstancial. Começou com *Crime do Padre Amaro*, de Eça, a propósito do qual introduzi o conceito de escuta no sentido mais lato, não apenas musical. Pareceu-me muito interessante analisar a forma como o autor caracterizava a sociedade do século XXI, os diferentes grupos sociais, o estilo de vida, etc. Eça dá, sobre a sua época, um grande número de elementos sonoros, mas não só. Também das práticas quotidianas que de forma extremamente precisa caracterizam um *habitus* social. As *Vingens Na Minha Terra* foi um



Mário Vieira de Carvalho "A descrição do universo sonoro é muito relevante em diversos autores"



Tomei consciência que a ficção de Eça era uma fonte importante para compreender os processos de comunicação na música em Portugal

livro que me surpreendeu devido ao grau de encenação sonora e pela relevância estrutural da escuta. Procuro demonstrar, nesse capítulo, como é que Garrett caracteriza as personagens a partir de referências musicais e sonoras e o papel determinante que estas têm na elaboração da narrativa. O romance de Teolinda Gersão, *Os Teclados*, interessou-me imediatamente porque é um livro sobre as teclas: de um piano clássico, de um electrónico e as do computador. Todas estas dimensões estão entrelaçadas no romance e levam-nos para reflexões sobre a verdadeira natureza da música e da experiência sonora. Em relação ao romance de Lídia Jorge, *A noite das mulheres cantoras*, pareceu-me conter uma teoria crítica latente em forma de ficção e com muito mais humanidade e verdade que o estudo académico convencional que a Antropologia pode dar. É uma narrativa que introduz questões de uma relevância sociológica absolutamente extraordinária e que a própria sociologia quer identificar.

O universo sonoro pode facilitar a leitura?

Acredito que sim. Numa narrativa romanesca quanto mais elementos da realidade intervêm, mais rica de referências se torna a história. É, por isso, natural que a escuta tenha um papel relevante. Depende muito da sensibilidade de cada autor e do interesse e atenção que presta ao universo acústico que o rodeia. **JL. CÁTIA SOFIA MOREIRA**



> **Mário Vieira de Carvalho**
ESCUTAR A LITERATURA -
UNIVERSOS SONOROS DA ESCRITA
Colibri, 195 pp., 12 euros